

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Renata Castro Gusmão

**Poesia em vida dura, tanto bate até que fura:
interfaces sobre encontro, (trans) formação e cuidado**



Imagem 1: Conversa com parede I (arquivo pessoal)

Porto Alegre/RS
verão de 2023

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Renata Castro Gusmão

**Poesia em vida dura, tanto bate até que fura:
interfaces sobre encontro, (trans) formação e cuidado**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa:
Educação, Cultura e Humanidades

Orientadora: Prof^a Dr^a
Maria Elly Herz Genro

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Porto Alegre/RS
verão de 2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CIP - Catalogação na Publicação

Gusmão, Renata Castro
Poesia em vida dura, tanto bate até que fura:
interfaces sobre encontro, (trans) formação e cuidado
/ Renata Castro Gusmão. -- 2023.
177 f.
Orientadora: Maria Elly Herz Genro.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. corpo. 2. poetry slam. 3. educação . 4.
universidade. 5. cuidado. I. Genro, Maria Elly Herz,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Banca examinadora

Magali Mendes de Menezes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Pâmela Marconatto Marques - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Roberta Marques do Nascimento (Roberta Estrela D'Alva) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Bianca Maria Santana de Brito - Universidade de São Paulo - USP

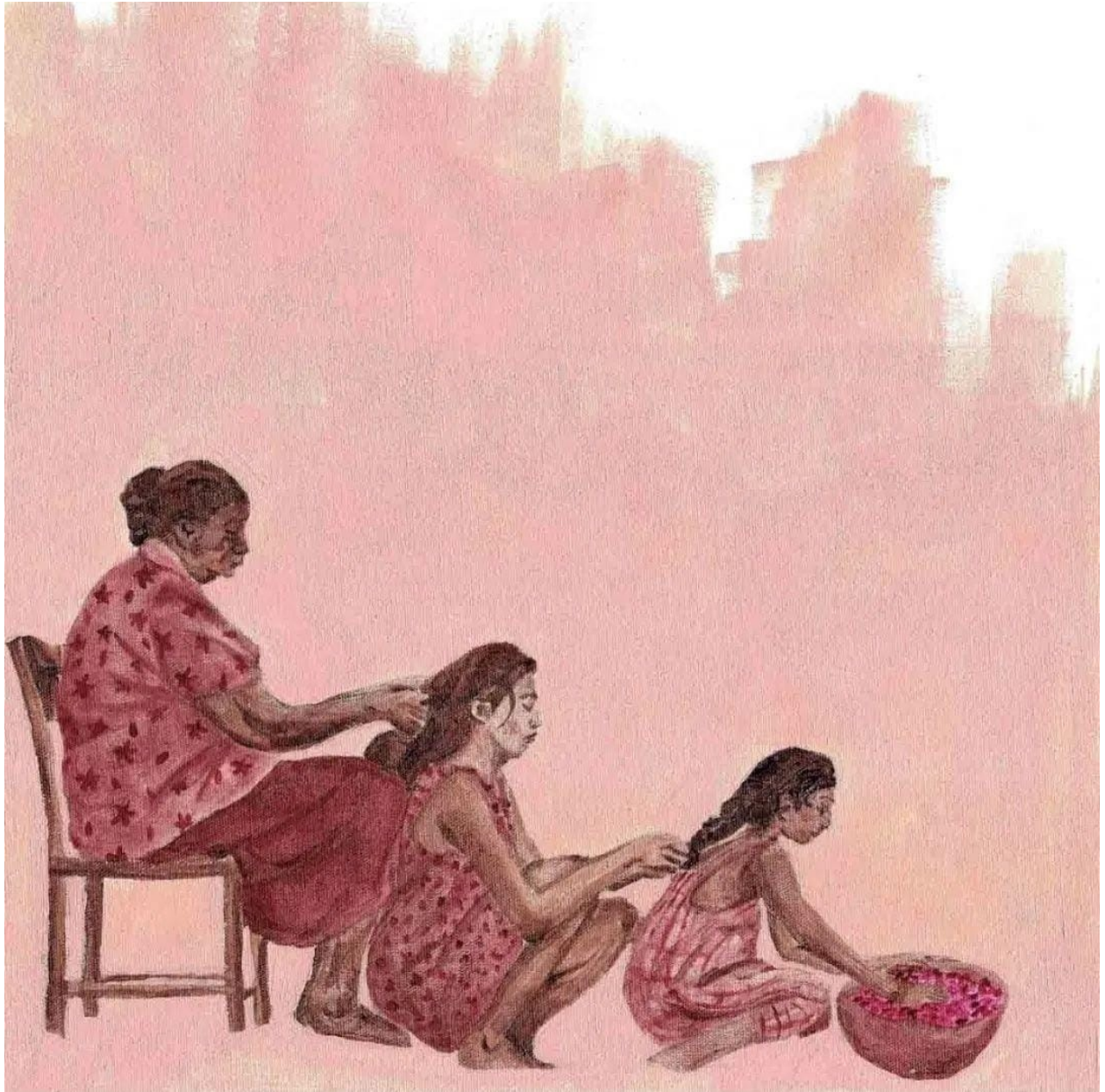


Imagem 2: Natália Xavier (@natalia.xxavier, 2022)

Para todas que vieram antes de mim, para todas que compartilham deste tempo da vida comigo, para todas que virão.

Agradecimentos

Sempre desejei o momento de escrever o agradecimento. Apesar da solidão de uma tese, não se escreve uma sozinha. Um percurso de pesquisa é construído com o apoio de muita gente, com a compreensão de algumas ausências, com o dar conta de um tanto de demandas do jeito que dá. Uma escrita atravessada por uma pandemia e um tanto de outras catástrofes ambientais e sociais. Uma escrita que fala desde um lugar de sofrimento e privilégios. Escrevo porque estou viva e vice-versa.

Sou muito grata por estar na universidade, me manter pensando durante estes quatro anos. Agradeço à Dedé, Maria Elly, orientadora amada, por quem nutro tamanho respeito e admiração, sou muito grata pelo teu acolhimento, orientação e por apostar no meu desejo. Ao grupo de orientação: Camila, Henrique, Claudete, cada qual da sua forma também compõem essa escrita.

À minha filha, a grande urso, que participou ativamente desse processo, foi comigo à slam, assistiu vídeos, teve acesso à livros, esteve no meu colo durante a qualificação. Minha filha, gratidão pelo teu apoio, pela tua compreensão e por sempre incentivar que eu faça o que faz brilhar os meus olhos. Esta tese é para ti, minha filha! Para que o mundo possa te acolher com mais amorosidade, para que haja mundo!

Mãe, obrigada por todo o apoio emocional, amoroso, logístico, tua presença foi/é fundamental para a conclusão dessa pesquisa e para o andamento da minha vida.

Pai, obrigada por todo teu amor, por estar sempre atento que não nos falte nada, fico feliz de te ter por perto, mesmo que longe.

Mãe e pai, a amizade de vocês é um exemplo de amor para mim.

Às minhas amigas, gurias o que seria da minha vida sem vocês? Manu, pelos intermináveis papos na cozinha, pela leitura generosa e crítica, por tornar meus dias mais poéticos, por ampliar o alcance da pulsação do meu coração. À Thaís, furacão, pelas viagens transdimensionais por palavras,

imagens, sons, luzes e sensações que transbordam. Pati, a ariana que amo, amiga bruxa, gratidão por todos os rituais que contornam nossa amizade. Edelves, minha mestra, parceira de (des)equilíbrios, gratidão pela tua existência compondo tantas histórias em mim. À Rúbia, pela gargalhada, gratidão por compartilhar comigo esse lado da trincheira pela luta por direitos das mulheres, porque a luta pode ser divertida e prazerosa. Nanda, pela poesia, por iluminar minhas sensações quando preciso de luz. Malu, por todo movimento que tua existência provoca em mim. Élide, pelos novos ares, pelo cuidado e carinho, por trazer um pouco da roça para nosso convívio urbano.

Ao pessoal da Coordenação Estadual de Saúde Mental e agregadas, uma ampliação de afeto mais recente na minha vida, gratidão pela oportunidade, pelo aprendizado, pelos papos de almoço, pela amizade que brota entre portarias e normativas. Nato, Pedro e Vini, à nossas conversas malucas para construir o território da escuta foram fundamentais para conseguir fechar esta tese. Jane, pela leitura generosa, me ajudando a ver as palavras embaralhadas.

À poesia que me permite respirar quando o ar falta.

À todas e todos slammers-poetas que constroem comigo esta pesquisa com suas vozes, suas poesias, pensamentos e sentimentos, gratidão por me ensinarem tanto!

Pedro, Ana, Máquina de guerra <3.

À lua que marca os ciclos.

À primavera por insistir em florir.

Ao coração que pulsa, apesar de tudo.

(conto essa história para tentar adiar o fim do mundo)

(as palavras são as armas que tenho)

Resumo

Esta tese parte da sensação no corpo ao me encontrar com a poesia de mulheres, que circulava em praça pública, em uma arena do Slam das Minas/RS. Sensação, que chamei de espanto. Espanto, que cartografa a pesquisa. Que tem como objetivo: conhecer o que reverbera da conversa entre slam e universidade, que mobilize o pensamento e a ação em encontro, (trans)formação e cuidado. Um campo que se forjou na pandemia de coronavírus. Slam e universidade, espaços recheados de presencialidades, foram esvaziados, ganharam fronteiras digitais. Da escuta atenta à uma imensidão de informações que surgiram neste período, um campo se formou aos meus ouvidos na escuta de podcasts: Minas Pretas, Pimenta no Cúir, Preta Galáctica e Slam Rotina - envolvendo: 21 episódios e 36 slammers (foram ao ar entre 2020 e 2021). Do mergulho nas vozes, do aprender a ficar submersa, do suportar a sensação, rastreei vozes entre as ondas sonoras dos podcasts. Pousei, para escutar com mais detalhes. Formaram-se os territórios de sentidos: um tripé que sustenta e movimenta o percurso. Representado imagéticamente por uma espiral tripla. Cada espiral representa um território de sentidos - encontro; (trans)formação e cuidado. Territórios, criados pelo movimento de pouso nas vozes de slammers, que deixaram sua poesia e narrativas de vida em podcasts. Realizei uma curadoria de já ditos. Vozes que compõem os territórios como pistas/sentidos, que têm como eixo-engrenagem o Bem Viver, como uma direção à outros mundos possíveis que esta versão de mundo fracassada. Contar outras versões de mundos para que haja mundos. O encontro, como território-base, território-abertura, composto pelos movimentos de pouso: escutar e costurar uma língua que faça pontes, uma língua como artesanaria. Foi necessário suportar o incômodo da agulha furando a carne, como um arremate de reparação histórica, de acerto de contas com um passado sangrento e uma possibilidade de contar outros futuros pelo presente. Deste movimento, surge a (trans)formação, como território de sentidos, e, conseqüentemente, o movimento de pouso: ser aprendiz, exigindo suspender as certezas. Para tal, a arena de slam foi tomada como professora e slammers como referências. Deste movimento surgiram pistas/sentidos para pensar os processos de ensino-aprendizagem em diversos cenários. Como o terceiro território de sentidos, surge a espiral cuidado, um território que já percorro há mais tempo no percurso da minha vida acadêmica-profissional. Foi necessário percorrer os outros dois territórios como uma forma de atualização de seus movimentos, repactuar as fronteiras de verbos. Repensar os corpos que se ensina como corpos na universidade. Remexer nas gavetas que estruturam e fragmentam os corpos-gaveteiros que nos sustentam. Se busquei, inicialmente, ouvir mulheres, a escuta transbordou em mulheridades. Territórios de sentidos provisórios, fronteiras de verbos que se conjugam na micropolítica das ações. Fronteiras que se ampliam, se expandem, se recolhem, resistem, conforme o contexto. Sementes de futuro que se aninham nas gargantas e se espalham pela poesia.

Palavras-chaves: corpo, poetry slam; educação; universidade; cuidado

Abstract

This thesis starts from the sensation in the body when I encounter the poetry of women, which circulated in a public square, in an arena of Slam das Minas/RS. Sensation, which I called astonishment. Amazement, which maps the research. Which aims: to know what reverberates from the conversation between slam and university, which mobilizes thought and action in meeting, (trans)transformation and care. A field that was forged in the coronavirus pandemic. Slam and university, spaces filled with face-to-face content, were emptied and gained digital borders. From attentive listening to the immense amount of information that emerged during this period, a field was formed in my ears when listening to podcasts: Minas Pretas, Pimenta no Cúir, Preta Galáctica and Slam Rotina - involving: 21 episodes and 36 slammers (aired between 2020 and 2021). From diving into the voices, from learning to submerge, from enduring the sensation, I tracked voices across the soundwaves of podcasts. I landed to listen in more detail. The territories of senses were formed: a tripod that sustains and moves the route. Imagetically represented by a triple spiral. Each spiral represents a territory of senses - meeting; (trans)formation and care. Territories, created by the landing movement in the voices of slammers, who left their poetry and life narratives in podacasts. I carried out a curation of already said. Voices that compose the territories as clues/senses, which have Good Living as their axle-gear, as a direction to other possible worlds than this failed version of the world. Count other versions of worlds so that there are worlds. The encounter, as base territory, opening territory, composed of the landing movements: listening and sewing a language that builds bridges, a language as craftsmanship. It was necessary to endure the annoyance of the needle piercing the flesh, as a finale of historical reparation, of settling accounts with a bloody past and the possibility of recounting other futures through the present. From this movement, (trans)formation arises, as a territory of senses, and, consequently, the landing movement: being an apprentice, demanding to suspend certainties. For this, the slam arena was taken as a teacher and slammers as references. From this movement, clues/means emerged to think about the teaching-learning processes in different scenarios. As the third territory of meanings, the care spiral appears, a territory that I have been traveling for a long time in the course of my academic-professional life. It was necessary to go through the other two territories as a way of updating their movements, renegotiating the borders of verbs. Rethinking the bodies that are taught as bodies at the university. Rummage through the drawers that structure and fragment the drawer-bodies that sustain us. If I initially sought to listen to women, the listening overflowed with women. Territories of provisional meanings, borders of verbs that combine in the micropolitics of actions. Frontiers that expand, withdraw, resist, depending on the context. Seeds of the future that nest in throats and spread through poetry.

key words: bodu; poetry slam; education; uinversit; care

Lista de abreviaturas e siglas

Agentes Comunitários em Saúde (ACS)

Atenção Primária à Saúde (APS)

Coronavírus (Covid-19)

Diretrizes Curriculares da Saúde (DCN)

Educação Permanente em Saúde (EPS)

Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)

Festa Literária das Periferias (FLUP)

Sistema Único de Saúde (SUS)

Redução de Danos (RD)

Universidade de São Paulo (USP)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
(UFVJM)

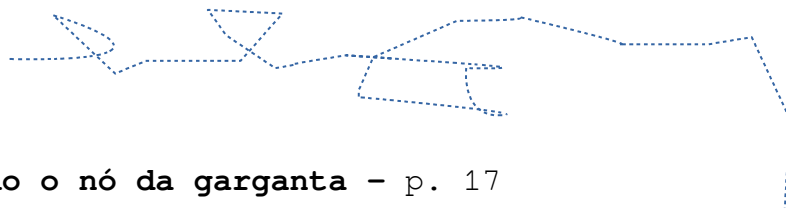
Lista de imagens

- Imagem 1: Conversa com parede I (arquivo pessoal)
Imagem 2: Natália Xavier (2022)
Imagem 3: Troche (2016 p. s/n)
Imagem 4: Conversa com parede II (arquivo pessoal)
Imagem 5: Lambe-lambe (produção própria)
Imagem 6: Girafa em Chamas. Salvador Dalí (1973)
Imagem 7: *Print* - manifesto slam das minas/sp (2020)
Imagem 8: Conversa com parede III (arquivo pessoal)
Imagem 9: Monstro das três cabeças. Henrique Maffei (2020)
Imagem 10: Monstro das três cabeças. Grugiskie (2020)
Imagem 11: Troche (2016)
Imagem 12: Mosaico de imagens (confeção própria)
Imagem 13: Conversa com parede IV (arquivo pessoal)
Imagem 14: *Print* qualificação (arquivo pessoal)
Imagem 15: Conversa com parede V. @katebelli (arquivo pessoal)
Imagem 16: *Print podcast I*
Imagem 17: *Print podcast II*
Imagem 18: *Print podcast III*
Imagem 19: *Print podcast IV*
Imagem 20: *Print podcast V*
Imagem 21: *Print podcast VI*
Imagem 22: *Print podcast VII*
Imagem 23: *Print podcast VIII*
Imagem 24: *Print podcast IX*
Imagem 25: *Print podcast X*
Imagem 26: *Print podcast XI*
Imagem 27: *Print podcast XII*
Imagem 28: *Print podcast XIII*
Imagem 29: *Print podcast XIV*
Imagem 30: *Print podcast XV*
Imagem 31: *Print podcast XVI*
Imagem 32: *Print podcast XVII*
Imagem 33: *Print podcast XVIII*
Imagem 34: *Print podcast XIX*
Imagem 35: *Print podcast XX*

Imagem 36: *Print podcast XXI*
Imagem 37: *Print podcast XXII*
Imagem 38: *Print podcast XXIII*
Imagem 39: *Print podcast XXIV*
Imagem 40: *Print podcast XV*
Imagem 41: *Print podcast XXVI*
Imagem 42: Espiral tripla (2022)
Imagem 43: O grande rio (Leonilson, 1990)
Imagem 44: Dia 25 (Luiza Romão, 2017)
Imagem 45: Poema (Leonora de Barros, 1979)
Imagem 46: Língua (Leonora de Barros, 1990 - 2022)
Imagem 47: Língua Vertebral, (Leonora de Barros, 1990 - 2017)
Imagem 48: Língua (Leonora de Barros, 1990 - 2020)
Imagem 49: Língua maria-sem-vergonha (arquivo pessoal)
Imagem 50: Fronteira tênue da língua (arquivo pessoal)
Imagem 51: Corpo que sangra (arquivo pessoal)
Imagem 52: *Print Na língua*
Imagem 53: Conversa com parede VI (arquivo pessoal)
Imagem 54: Conversa com parede VII (arquivo pessoal)
Imagem 55: Conversa com parede VIII (arquivo pessoal)
Imagem 56: Conversa com parede IX (arquivo pessoal)
Imagem 57: Conversa com parede X (arquivo pessoal)



Mapa do percurso



Apresentação: desatando o nó da garganta - p. 17

Capítulo I - a caminhante, o caminho e o caminhar - p. 23

1. Notas sobre quem escreve: a caminhante, a pesquisadora, a autora, a mulher - p. 24

Quem ama cuida: o cercamento - p. 25

Verbo cuidar: conjugação em primeira pessoa - p. 32

2. O caminho: um campo de pesquisa forjado na pandemia - p. 38

Afinal, o que é slam? - p. 40

Slam, universidade e contexto - p. 44

Educação e trabalho na saúde - p. 47

A interseccionalidade dos sentidos e o bem viver como direção - p. 49

3. o caminhar: um percurso construído em ato - p. 53

Anti(-)tese - p. 54

Momentos de partilhas - p.56

Trilha poética-metodológica: tessituras do caminho - p.57

É preciso atreversar o espanto - p. 58

Campo de pesquisa: um traçado em ato - p. 61

Notas sobre podcast - p. 63

O campo de pesquisa e suas fronteiras digitais - p. 64

Catálogo de vozes - p.72

Capítulo II - Territórios de Sentidos - p. 89

Territórios de sentidos: movimentos de pouso em fronteiras de verbos - p. 90

Correr o risco: cartografando os territórios de sentidos -
p. 92

Território de Sentido: A espiral encontro - p. 95

- Movimento de pouso: escutar - p. 96

Pista/sentido: uma arena de slam é um convite a escuta -
p. 99

- Movimento de pouso: costurar (uma língua que faça ponte)
- p. 101

Pista/sentido: branquitude: película branca que tampa os
ouvidos, trava a língua e endurece o coração - p. 106

Catálogo de línguas - p. 112

Território de sentidos: (trans)formação - 116

- Movimento de pouso: ser aprendiz (a arena como
professora) - p. 118

pista/sentido: slam como espaço de educação acolhedor -
p. 119

pista/sentido: slam e educação escolar - p. 121

pista/sentido: slam, educação e representatividade - p. 122

pista/sentido: slam e universidade - p. 123

Pista/sentido: Universidade e a permeabilidade a vida vivida
- 128

pista/sentido: slam, universidade e a geopolítica da escuta -
p. 132

pista/sentido: a vergonha como mobilizadora da
(trans)formação - p. 135

pista/sentido: slam, um passeio entre a oralidade e a escrita
- p. 137

Território de sentidos: cuidado - p. 141

- Movimento de pouso: promover saúde (a arena como
promotora de saúde) - p. 144

Pista/sentido: poesia como cura - p. 145

Pista/sentido: poesia para inventar outros mundos - p. 147

Pista/sentido: poesia e mulheridades: existência, autonomia e saúde - p. 148

Capítulo III - Considerações para finalizar a escrita em movimento - p. 158

Referências - p. 163

Apêndices - p. 172

Anexos - p. 176



Imagem 3: Troche (2016 p.s/n)

Apresentação: desatando o nó da garganta

Era o segundo sábado de algum mês, Praça da Matriz, Porto Alegre, acontecia mais uma edição do *Slam das Minas/RS*. Meu corpo sentia coisas, efeito-escuta da poesia. Sensação que chamo de espanto, inspirada em Alberto Pucheu (2021). O espanto é o ponto de partida da escrita - efeito no corpo causado pelo encontro com a poesia evocada por vozes de mulheres em praça pública. O espanto pediu voz. Desatei o nó da garganta e deixei fluir.

Apresento desfechos de uma conversa entre *slam* e universidade e o que reverbera em contribuições para mobilizar o pensamento e a ação, perspectivando: encontro; (trans)formação e cuidado - um tripé em movimento que cartografa os *território de sentidos*.

A palavra "slam", vem do inglês, sua tradução seria algo como "batida", também pode referir-se a competição, como o Grand Slam de Tênis, por exemplo. Há slams de muitas coisas, este é de poesia, o poetry slam. Uma arena poética, na qual a palavra circula. Surgiu em Chicago, nos Estados Unidos, na década de 80. Chegou ao Brasil por São Paulo, em 2008, ganhou as ruas em 2013, fortemente relacionado aos movimentos de juventude da época por garantia de direitos à educação. Desde então, há uma grande quantidade de produção sobre esta temática. Apresento o slam com um maior detalhamento, no primeiro capítulo, no ponto número dois, no qual territorializo o campo de pesquisa.

Caminhos que foram traçados entre sístoles e diástoles das batidas do coração. Aceitei a sugestão de Maria Zambrano (2008) e escolhi a metáfora do coração para ampliar a metáfora da visão, tão frequente nas escritas acadêmicas. O coração

como propulsão de sentidos. Corazonar sentidos. Não há víscera mais apropriada para conversar com a poesia.

Ao trazer o coração como guia desta conversa, falo de um texto pulsante, um relacionamento amoroso entre eu e a escrita. Uma relação que nem sempre foi leve, nem sempre foi suave, mas sempre foi honesta e intensa. A instensidade e suas nuances, lembrei das palavras de Glória Anzaldúa, na carta que escreveu às mulheres escritora de terceiro mundo:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. (...) Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldúa, 2000, p.232).

Uma escrita que transbordou às palavras, pulsou também em outras expressões: em conversas com paredes, músicas, imagens etc. Emaranhada na vida vivida, a tese marca um período de tempo-espaço: quatro anos, com acréscimos pandêmicos; quatro anos de um doutorado, que coincide com o período de uma gestão presidencial.

Uma pesquisa atravessada pela Pandemia de Coronavírus (Covid-19) e por um líder de governo de extrema direita que desqualificava a saúde e a educação pública, tensionando à jovem e frágil democracia em manifestações pró ditadura e a favor da intervenção militar. A sustentação de um moralismo religioso, que coloca vidas em risco e justifica aniquilar outras, junto aos direitos humanos adquiridos. Minhas palavras sustentam o desejo de vida, apesar da pulsão de morte implícita nesse ciclo (amor tecido na micropolítica, apesar do ódio exacerbado).

A pesquisa fala do *slam* e da universidade neste período pandêmico, no qual, foi preciso aprender a ficar submersa¹, como trouxe Pucheu (2019), em sua poesia, quando conheci o seu trabalho, em uma *live* no primeiro ano de Pandemia. Pucheu tornou-se uma referência nas tessituras da poesia ao longo da

¹ Alberto Pucheu: É preciso aprender a ficar submerso (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tf1nF1Jb9OI>. Acesso em 01/12/22.

escrita. Após atravessar o medo de estourar as vísceras, por conta da pressão de estar submersa, agora é tempo de voltarmos a superfície, lembra o autor (2022). Uma escrita que finda no início de um novo ciclo da democracia que renasce de esperança.

Slam e universidade, espaços recheados de presencialidade, foram esvaziados na Pandemia de Covid-19. #Fiqueemcasa, era a *hashtag* de cuidado coletivo emitida durante uma larga quarentena, de dois anos praticamente, escancarando fragilidades, precariedades e desigualdades. As relações, em suas mais variadas dimensões, passaram a acontecer em virtualidade. E o que fazer com o efeito no corpo causado pelo encontro em praça-pública com a performance-poesia, sensação-engrenagem desta escrita?

O desejo de deixar o espanto falar que reverberou no corpo ao estar em uma arena de *slam* precisou ser (re)inventado, ganhando fronteiras digitais. Foi preciso deixar o desejo pulsar em nova rota.

Esta tese fala de um período de tempo que, em grande parte, os *slams* ficaram sem acontecer em presencialidade, alguns se mantiveram em virtualidade, outros não aconteceram. Diante da imensidão de informação que chegava pela internet - *lives*, vídeos, redes sociais - e a necessidade de reinventar um caminho para a pesquisa, me encontrei com os *podcasts* como um campo de pesquisa que tocou a minha escuta.

O podcast, é uma tecnologia digital reprodutora de áudio - voz, música. Utilizado como forma de reproduzir oralidade, notícias, material educativo, entretenimento etc. Os podcasts ganharam força durante a pandemia. Desta forma, o campo de pesquisa ganhou traçados digitais, fronteiras de verbos foram marcadas. *Territórios de sentidos* foram construídos, com inspiração metodológica: na cartografia (Passos, Kastrup e Escóssia 2015; Rolnik, 2018), na etnografia do deixar-se afetar no encontro (Siqueira, 2005; Martin, 2022), na vocigrafia (Nascimento, 2019), e na espantografia (Pucheu, 2021).

Para a construção dos *territórios de sentidos*, realizei o que chamei de: *curadoria de já ditos*. A ideia de curadoria, trago das artes. Curadora, “pessoa responsável pela concepção das obras de arte, montagem e supervisão de uma exposição da obra”, também é quem se responsabiliza “pela execução e revisão do catálogo da exposição”. A palavra “curador” vem do latim *tutor* (aquele que tem uma administração a seu cuidado).” (Wikipédia, 2022). Cura.dor.ia, na licença poética, contém em si o desejo em movimento de curar a dor.

Para a curadoria, mergulhei nas vozes de *slammers*, suporitei ficar submersa, as escutei, senti coisas, anotei as sensações, estudei para dar conta do que escutei e senti. Voltei a escutar, senti coisas outras, anotei as sensações, que se ampliavam e se atualizavam a cada escuta, um ciclo que durou o tempo que tive. Ciclo que apresento no capítulo poético e metodológico desta escrita.

Um percurso de pesquisa que começou com o desejo de escutar mulheres e transbordou em “*mulheridades*”, termo que trago do transfenismo, em conversa com Letícia do Nascimento (2021). *Mulheridades*, “para demarcar os diferentes modos pelos quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas” (Nascimento, 2021, p.25), apontando “para os processos de produção social dessa categoria” (Nascimento, 2021, p. 25). MulticPLICIDADES de vidas que pediram passagem ao abrir os sentidos para a escuta, tensionando a língua durante a escrita, que precisou se reinventar para dar conta.

É uma escrita que parte do desejo de ouvir mulheres, que assume o compromisso ético de não invisibilizá-las. No entanto, a palavra mulheres ao tranbordar em *mulheridades*, também tensionou a gramática, exigindo uma constante revisão ética e a sustentar muitas escolhas. A linguagem é binária em gênero, assim como, a sociedade também se estrutura de maneira binária. Há vidas vividas que não se estruturam com estas estruturas, ao escutá-las, fui buscando uma forma respeitosa de escrita que não tornasse invisível nenhuma vida ouvida.

Quando houve algum impasse com as escolhas de palavras, quando a escrita pedia definições de gênero, construí com a

escuta a grafia das palavras, no caminho precisei de algumas pequenas invenções que as regras gramaticais não deram conta, mas de modo geral, as respeitei. No entanto, não busquei nenhuma linguagem universal, nem uma linguagem neutra. A linguagem que busquei foi intensional, uma linguagem inclusiva, não neutra. Incluir vidas pela linguagem como uma delicadeza ao abrir-se para o encontro.

Os *territórios de sentidos*, ganharam a representação de uma espiral tripla, também conhecida por Triskle Celta (Seneween, 2022), a imagem representa territórios que estão em movimentos, se ampliam, se atualizam e se interrelacionam no tempo-espço. Territórios formados por movimentos de pousos que deram o ritmo e o tom da pesquisa. Sentidos que foram/são atravessados pelas áreas do conhecimento, Saúde e Educação, extrapolando-as pela poesia. Vozes que atravessam temporalidades, evocam passados, presentes e futuros, em direção à um bem viver comum e possível.

Diante do exposto, organizei a tese em 3 capítulos:

- **Capítulo um:** a caminhante, o caminho e o caminhar: localizo a fala, os saberes e fazeres sustentados pela pesquisa; o percurso (po)ético-metodológico, seguido por um catálogo de vozes: no qual organizo as vozes trazidas na pesquisa, vozes catalogadas com um código, acrescidas de um breve descritor, seguidas de *links* para serem escutadas. Vozes que aparecem ao longo do texto, identificadas pelo código, escritas em fonte diferenciada, seguidas por uma miniatura da capa do podcast.

- **Capítulo dois:** Os territórios de sentidos: do movimento de rastreo e reconhecimento atento ao mergulhar nas vozes dos *podcasts*, em movimento de pouso, me encontrei com um tripé espiralado de sentidos, que parte do efeito-escuta para cartografar o território com sentidos: encontro, (trans)formação e cuidado e suas respectivas fronteiras de verbos.

- **Capítulo três:** apresenta as considerações em movimentos de finalização de ciclo.

Ao longo da tese marco algumas palavras em negrito, como quem marca um tom de destaque na fala.

Poesia em vida dura, tanto bate até que fura.



Capítulo um

A caminhante, o caminho e o caminhar

Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua
quero ganhar a luta que eu travei
eu quero andar pelo mundo afora
vestida de brilho e flor.
Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
divide o fardo comigo desta vez
que eu quero fazer poesia pelo corpo
e afrontar as leis
que o homem criou para te maldizer.
(Ekena, 2017)²

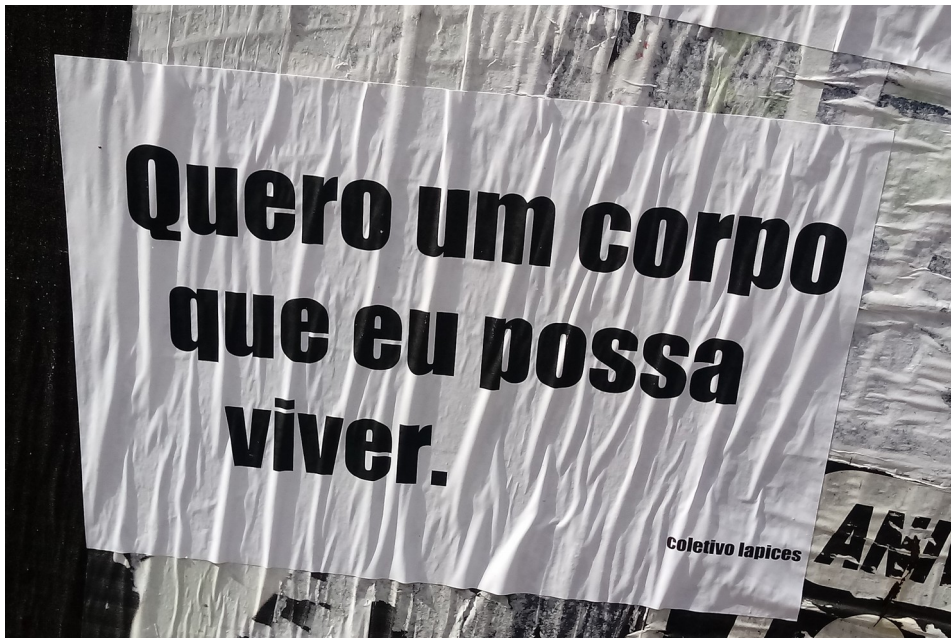


Imagem 4: Conversa com parede II (arquivo pessoal)

² Ekena. Todxs Putxs. (2017). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVK1tlhIIUE&list=PLEz2ycTfml-P3qVSN3x3BWBsEYOz4gMoy&app=desktop>. Acesso em: 10/10/22.

1. Notas sobre quem escreve: a caminhante, a autora, a pesquisadora, a mulher

Encontro o que dizer, porque a situação de crise sempre me parece boa para pensar; porque ela contém a possibilidade de uma outra vida, de um outro mundo. (Martin, 2022, p.60).

Para contar da pesquisa, preciso contar primeiro de mim. O desejo desta conversa entre *slam* e universidade está embaralhado no corpo, em como me constituí e me constituo. Para tal, aprendi com Dona Haraway a importância de “localizar os saberes”, “posicionar-se” como “responsabilidade por nossas práticas” (Haraway, 1995, p.27). E com Djamila Ribeiro, sobre a ética de situar o lugar de fala, a autora lembra:

Todas as pessoas possuem lugar de fala, pois estamos falando de localização social. E, partir disso é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados. (Ribeiro, 2019, p. 85).

Para começar a escrever tateei meu corpo, como quem busca referências para cartografar a localização do conhecimento, da fala. Percorri sensações que poderiam dar largada à escrita. É no percurso que as fronteiras dialógicas se apresentam. Como transpor em palavras o que se encontra marcado no corpo?

“Pesquisar” e “escrever” são verbos que conjugo em primeira pessoa. Levo uma equilibrista tatuada no braço esquerdo, (des)equilíbrios em cilos lunares em uma corda-bamba emaranhada, inspirada na obra do desenhista Gervásio Troche, que também compõe essa escrita com seu risco. Sou uma mulher em construção: cis, branca, buscando romper as gavetas existenciais que construíram para mim. Também sou mãe, filha, amiga, nutricionista, sanitária, educadora, canceriana e

tantas coisas mais. O “cuidar” está entranhado em meu corpo, nos rótulos costurados na artesanaria de mim.

“Cuidar” é um verbo cuja a ação usualmente está atribuída às mulheres, como mostra Silvia Federici, em seu livro *O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* (2017), livro que li gritando. O “cuidar”, é conjugado ao longo dos tempos, entre préterito mais-que-perfeito e futuro do presente, em ações que sustentam o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo.

Como se ensina a cuidar? E a receber um cuidado? Cuidar de outrem sem esquecer de si. Cuidar de si sem esquecer de outrem. Fronteiras tênues que marcam corpos, que naturalizam as divisões de tarefas da vida cotidiana e levam às mulheres à exaustão. Cuidar, verbo que se conjuga na invisibilidade da ação. Quem cuida de quem?

Cuidar nas tessituras da saúde se embaralha ao prescrever, prescreve-se a vida de alguém. A normalidade universal é a direção. Que corpos se ensina como modelo de corpo normal? Como é construída esta fronteira nos corpos? Que corpos são dignos de serem cuidados? Cuidar a que preço?

“Quem ama cuida”, diz a antiga expressão, repetida como um fardo do destino a ser carregado, sobretudo pelas mulheres. Cuidamos dos nossos trabalhos, de nossas carreiras profissionais, das nossas crianças, das nossas famílias. A pandemia sobrecarregou ainda mais essa dimensão cuidadora atribuída às mulheres, como aponta o texto da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), ao indicar que metade das mulheres passou a cuidar de alguém com a pandemia (FIOCRUZ, 2020).

Quem ama cuida: o cercamento

“Quem ama cuida?!”, repito novamente o chavão, desta vez em tom de pergunta exclamativa. Para desdobrar esta frase, é fundamental falar tanto do que circunscreve o cuidar, como o que contorna o verbo amar. Palavras que precisam ser libertas de rótulos e culpas, oriundas das fogueiras que fomos

queimadas, dos territórios que foram invadidos e dos corpos violados. Palavras com definições e *modus operandi* construídos para beneficiar o mercado e seus operadores - homens de bem, brancos, de família, supostamente heterossexual. Neste ponto, Silvia Federici (2017) marca uma memória:

Com a perseguição da curandeira popular, as mulheres foram expropriadas de um patrimônio de saber empírico, relativo as ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração a geração - uma perda que abre o caminho para uma nova espécie de cercamento: o surgimento da medicina profissional, que, apesar de suas pretensões curativas, erigiu uma muralha de conhecimento científico indisputável, inacessível e estranho as "classes baixas" (Federici, 2017, p. 364).

A ciência dos homens passou a legislar nossos corpos, também no amor. Vivemos em uma sociedade que mata em nome do amor, mente em nome do amor, liquida com a natureza em nome do amor, o amor pelo dinheiro, a ganância. Vende-se em vida a própria vida. Como conta Suely Rolnik (2018), ao escrever que nesta versão do neoliberalismo, é a própria potência de vida que está sendo soterrada, "o abuso da vida", como define a autora, "não só da vida humana, ou da vida de uma região, mas do ecossistema do planeta como um todo" (Rolnik, 2018, p. 174).

Ao olhar para a vida das mulheres, também olho para as outras espécies de vidas do planeta. É no meu corpo de mulher que encontram-se os efeitos, os vestígios e as marcas que atravessam esta escrita.

O corpo aqui é tomado como território. Território nômade, em movimento, constituído no dia dia, "algo como território de passagem", "uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos" (Larrosa, 2016, p.25). Vale lembrar, que o corpo das mulheres, é um território, cujo a propriedade está em disputa há milênios, pela Igreja, pelo Estado, pela Ciência, pelo Marido etc.

Ouvi no *podcast*:



A sociedade falha em compreender o limite do nosso corpo. **Ser mulher é estar sendo constantemente invadida**, retirada o direito de habitar o nosso próprio corpo com tranquilidade, sem sentir que vamos ser rechaçadas pela roupa que usamos, pelo que estudamos, pelo que falamos, pelos lugares que vamos. Quando temos autonomia, e compreendemos que o nosso corpo é o nosso lugar primário de habitar o mundo, e isso ninguém tira da gente. (Midria, POD1E2.2020).

Corpos de mulheres, territórios de resistências e disputas sangrentas pela posse, na qual muitas de nós morreram e seguimos a morrer, como mostra Silvia Federici (2017), ao retomar a caça às bruxas, para (re)pensar a transição da idade média na Europa ao capitalismo, “pois é apenas mantendo essa lembrança viva que poderemos evitar que ela se volte contra nós” (Federici, 2019, p. 141), retomo um fragmento para que não esqueçamos:

A execução era um importante evento público que todos os membros da comunidade deviam presenciar, inclusive os filhos das bruxas, e especialmente suas filhas, que, em alguns casos, eram açoitadas em frente a fogueira na qual podiam ver a mãe ardendo viva. (Federici, 2017, p. 334).

A caça às bruxas plantou a semente da misoginia e do rascismo, que permitiram um terreno fértil para a expansão do capitalismo. “A definição da negritude e da feminilidade como marca da bestialidade”, além de justificar, a morte de mulheres na fogueira, também justificou o tráfico, a morte de escravos e a expansão colonial (Federici, 2017, p.360). Sendo o corpo das mulheres a primeira colônia, “o corpo feminino - o útero - a serviço do aumento da população e da acumulação da força de trabalho” (Federici, 2017, p. 326). Tal qual o fragmento da poesia de Luiza Romão (2017):

A colonização começou pelo útero,
matas virgens,
virgens mortas,

a colonização foi um estupro.

A caça às bruxas, foi uma expropriação do corpo das mulheres, também no que refere-se a autonomia da sexualidade, desenvolvendo uma “disciplina capitalista da sexualidade” (Federici, 2017, p. 354), que contou com a “demonização das práticas contraceptivas” (p.324), e, conseqüentemente, das parteiras, com o pretexto do “caminho da racionalização científica” (p.266), masculinista, proibindo as mulheres de exercer a atividade de parteira, a qual passou a ser considerada bruxaria. O parto passou a ser coisa de homens.

Da mesma forma, a caça às bruxas, também justificou a “perseguição aos homossexuais”, que eram, “às vezes, usados para acender a fogueira onde as bruxas seriam queimadas” (Federici, 2017, p. 354).

Não há dúvida de que, na “transição do feudalismo para o capitalismo”, as mulheres sofreram um processo excepcional de degradação social que foi fundamental para a acumulação de capital e que permaneceu assim desde então. (Federici, 2017, p.146).

Nossos corpos seguem sendo expropriados, ardendo, nos mais diversos cenários que as fogueiras contemporâneas ocupam. Enquanto escrevia estes parágrafos, buscava palavras adequadas, provavelmente, alguma mulher foi estuprada, violentada ou morta, como mostram as estatísticas de feminicídio no Brasil, no Atlas da violência (IPEA, 2019).

O patriarcado e o colonialismo representam um cercamento, justificativas para o “abuso da vida”, que fala Rolnik (2018), o que também tem a ver com a captura do amor, a domesticação de algo tão íntimo e singular que tem efeitos catastróficos nas vidas. Quais vidas são dignas de serem amadas?



Eu tenho muitos traumas que tem a ver com o amor, parece que somos criadas para isso, por essa ideia de amor. O auge da nossa vida é a reprodução. Desde cedo aprendemos a brincar de casinha, para aprender a segurar esse homem, presentear esses

homens com filhos, tudo isso gera uma expectativa, que não corresponde a realidade (...) tudo cai por terra, toda aquela idealização, aqueles sonhos, a construção daquele amor ideal, do príncipe encantado, e isso faz acumular frustração: você liga a televisão, é um homem que jogou uma mulher pela janela do quarto andar e dizia que amava ela; você abre o jornal, mais uma mulher que foi esfaqueada por amor; sai e descobre que uma amiga da amiga morreu que foi agredida pelo namorado. **Que amor é esse, que a gente não pensa sobre ele, que a gente multiplica?** Que amor é esse que alimentamos, que torna ciúmes prova de amor? Porque para muita gente ter ciúmes é uma prova de amor, aí as agressões são naturalizadas (...). (Luna Vitrolira, POD1E3.2020).

Pensar o amor não foi um objetivo a priori desta tese, mas a compõe intimamente. Me dedico a pensar e a experimentar formas de amar que sejam honestas e respeitadas, que não alimentem as opressões normalizadas, as ciladas conhecidas, as violências cotidianas que estão nas entrelinhas dos retratos de famílias, os abusos silenciados nos almoços de domingo, um fardo que nós mulheres carregamos sem perceber, um fardo que não nos pertence. Acrescento aqui um recorte do bloco de notas:

[do bloco de notas: sobre a maternidade]

- Mamãe, porque os meninos têm problemas com o amor? Porque eles só se tocam em lutinhas, quando são carinhosos são chamados de "mulherzinha". É por isso que a maioria dos malvados são homens? (Anita, 7 anos).

De algum modo, esta tese também é sobre o amor. O capitalismo nos vende um amor frágil, com acordos hipócritas. Mas o amor pode muito mais. O amor é revolucionário, canta Chico César (2019). O patriarcado asfixia o amor. O amor vira um negócio assinado em cartório, algo que se desfaz, assim como, a assinatura do negócio.

A branquitude, o racismo, o cisheteropatriarcado, a xenofobia, o capacitismo, e tantos outros preconceitos são construções estruturais, que seguem desqualificando corpos,

autorizando sua morte, devido suas escolhas sexuais, sua cor, sua estética, classe social, origem etc. Corpos não dignos de amor e dos retratos da família.

“Ao abraçarem o patriarcado”, os homens desde meninos, “precisam abandonar ativamente o desejo de amar”, acrescenta bell hooks (2020, p.82). “A maioria dos homens usa terrorismo psicológico para subjugar mulheres. Trata-se de uma forma de coerção socialmente aceita”, lembra a autora (hooks, 2020, p. 83). Alforriar o amor como uma ação em prol da saúde coletiva. Em tempos de ódio, amor é saúde.

Alforriar o amor, talvez seja um movimento sutil, mas que adentra as estruturas mais íntimas que nos constitui. Ou seja, qualquer ação que vise balançar estas estruturas, não basta descolonizar apenas o consciente, também é necessário “descolonizar o inconsciente”, como alerta Rolnik (2017), que nos presenteia com 10 passos para uma descolonização contínua do inconsciente. “Não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida”, diz o passo 8.

O desejo de escutar mulheres começou antes da escrita da tese, por conta de uma experiência que vivi de toxidade do patriarcado em vestimenta de novo amor, sentimento que tentava cuidar com arte. Na época, criei e coleí *lambe-lambes*³ em postes e paredes. Lamber as feridas como um caminho em conversa para criação de zonas livres de machismo. Zonas que começam em nosso próprio corpo e se ampliam no encontro. Em um trabalho cotidiano de nos atentarmos “ao machista” que nos habita.

O ato de colar provocou muitas conversas. Aconteceu algumas coladas coletivas em grupo de mulheres, amigas e amigas de amigas, enviei a arte à outras mulheres que também espalharam esse grito por outros lugares. Minha filha colou um em frente a sua escola e na praçinha que frequenta, meu pai nos acompanhava observando. Segue o *lambe-lambe*:

³ *Lambe-lambe*: pôsteres feito em diversos tamanhos, colados em via pública, comuns na composição visual dos espaços urbanos. Assim como, o graffiti, também ocupam as paredes como recados e gritos de denúncias, às vezes, como pequenos sussurros em um poste, que meus olhos teimam em ver. Eu converso com as paredes! Vozes que se relacionam com o que leio, escrevo, sinto, uma conexão que não para de acontecer. Alguns destes lambes compõem a escrita. A intervenção urbana artística, como “uma forma de escrever a existência” (Roberta Estrela D’Alva, POD1E1.2020).



Imagem 5: lambe-lambe (produção própria)

Neste movimento de colar *lambes*, escutei muitas histórias, todas com desfecho violento. Precisamos libertar o amor dessa construção violenta. Isso é saúde. Sentia que precisa ouvir mulheres. Segue um fragmento de memória registrada em bloco de notas:

----- encontro de vozes

é áspera a textura da dor.
um bicho machucado,
lambe suas feridas
para ajudar a cicatrizar.
meu corpo ferido,
lambe-lambe a dor.
o grito da minha voz na parede,
se encontra
com vozes de outras mulheres,
com outras dores.
nossas vozes, juntas,
ecoam mais longe
e mais alto,
balançam estruturas,
tremulam sentidos.
tessitura em rede,
de conhecimentos e afetos.

artesanias, de um novo mundo possível.
é sobre isso esta tese.
também poderia chamá-la
de carta de amor.

Verbo cuidar: conjugação em primeira pessoa

Assim como o verbo amar, cuidar, também é um verbo relacional, cuida-se de algo ou alguém e/ou de si. O cuidar está presente na profissão que escolhi. Me formei nutricionista nos anos 2000, mas ainda enquanto estagiária, percebi o descompasso entre o que se ensinava nas salas de aula e os cenários que a vida se expressa. Trago para a conversa um pequeno fragmento da memória, que influenciou nas minhas escolhas seguintes:

[semáforo-manifesto]

Final dos anos noventa, cursava o último ano da faculdade de nutrição, realizava estágio extracurricular em um projeto parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde e a Universidade, para atuar em equipe interdisciplinar (formada por diversos cursos da área da saúde) em creches comunitárias, localizadas em zonas periféricas da cidade de Porto Alegre/RS. Naquela tarde, não pude chegar ao local de estágio. Pouco antes do ponto de descer do ônibus, a comunidade estava organizada em protesto, havia morrido mais uma pessoa atropelada por falta de um semáforo para cruzar uma grande avenida que dava acesso à comunidade, o corpo negro ainda estava no chão. Fiquei impactada. Naquela tarde algo desembaçou em mim. Além de ficar de frente com alguns de meus privilégios, percebi que as calorias circulantes nos corpos, aqueles que aprendia em aula, os quais deveriam apresentar uma métrica ideal estabelecida, circulavam em corpos fora dos livros, fora das tabelas e gráficos dos artigos científicos, circulavam em corpos inseridos em cenários diversos e que isso também é saúde. O semáforo foi posto, a comunidade não existe mais, foram retirados para ampliação do aeroporto nas obras da Copa.

Como uma forma de colocar o conhecimento em conversa com as demandas políticas e sociais, ao tornar-me nutricionista,

realizei Residência em Saúde Coletiva, com ênfase na Atenção Primária à Saúde (APS). Uma experiência multiprofissional e interdisciplinar de aprender em serviço. Experiência que foi transformadora em mim.

Com a Residência, a palavra “saúde” ganhou outra(s) dimensão(ões) e amplitude(s), de Direito Humano, garantido em Constituição. Ressalto, que a Constituição Brasileira (1988), nasceu com a redemocratização do País, após a Ditadura Militar (1964 - 1985), uma conquista de lutas e movimentos sociais. Foi neste mesmo cenário, de garantia de direitos, que surgiu o Sistema Único de Saúde (SUS) - o cuidado passou ser universal, equânime, integral e a participação social, uma maneira de atualização e efetivação da política (lei nº 8080/90).

Construir o SUS tornou-se uma labuta constante, uma das bandeira que carrego no estandarte de abre-alas da minha vida. Como disse há alguns anos, na escrita da dissertação de mestrado, citando Clarice Lispector, “há uma linha de aço atravessando minha escrita” (Lispector, 1973, p. 42), essa linha é o SUS.

Ao concluir a Residência, por conta de uma experiência amorosa, fui morar em Barcelona/Espanha, realizei mestrado em Saúde Pública, na universidade Pompeu Fabra, pesquisei sobre o sistema de saúde de lá. Título que não consegui validar, paralisada pelos trâmites burocráticos. Voltei ao Brasil pelo desejo de participar ativamente na construção do SUS.

Ao regressar, estive como nutricionista em uma equipe de APS, que também era cenário de formação, da mesma Residência que fui residente. Retribuir a formação que recebi. Me tornei preceptora. A experiência de fazer do cotidiano de trabalho a matéria-prima para o aprendizado, para movimentar os saberes e fazeres do ensinar e praticar uma ação de saúde me interessava.

Na sequência da temporalidade, engravidei, me dediquei a essa atividade, dei uma pausa, senti ela crescendo em mim, me preparei para recebê-la, lhe nutri de vida com o leite que fluia dos seios. A vida seguiu seu fluxo, ser mãe aumentou minha urgência diante da vida, meus questionamentos anteriores

seguiram se movimentando em mim apesar do momento de pausa. Inquietações que ganharam voz na escrita da dissertação⁴, quando realizei mestrado em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A experiência de realizar o mestrado em Saúde Coletiva, trouxe enormes contribuições na artesanaria de me construir enquanto Sanitarista. Foi quando a arte foi autorizada a compor meus pensamentos acadêmicos, como forma de ampliá-los. Dimensões da minha vida que não se misturavam e passaram a andar juntas.

A arte nos provoca a atingir lugares outros, camadas mais íntimas, onde a ética se abriga. Durante a pesquisa do mestrado, inspirada na experiência com a Residência, realizei uma avaliação do impacto do Programa de Educação pelo Trabalho na Saúde (PET-Saúde) na formação, dos cursos da saúde da UFRGS, na perspectiva de quem o vivenciou. Para avaliar o impacto, inicialmente, precisei contornar a palavra, percorri a arte e a literatura. O impacto virou poesia (Gusmão, 2015, p. 92) e, na sequência, verbete-poético (Gusmão, 2018, p. 143).

Ao avaliar o Programa, as escutas que realizei no percurso, também expuseram lacunas das grades curriculares, em darem conta dos cenários de práticas. Um ensino que se mostrou fragmentado, hierarquizado. Cada disciplina em sua gaveta.

As gavetas, como representação daquilo que disciplina, normaliza, dociliza, como representação dos métodos de controle minusiosos das operações do corpo/pensamento, realizando sujeições constantes de suas forças, impondo uma relação docilidade-utilidade, que Michel Foucault (2013, p.133) denomina por “disciplina”. Na época, trouxe a representação imagética das gavetas de Salvador Dalí (imagem 5), para representar o *corpo-gaveteiro* que nos constituí, tal qual a imagem a seguir:

⁴ Dissertação de mestrado em Saúde Coletiva UFRGS: Abrindo gavetas, tramando redes: dos impactos na educação pelo trabalho na saúde. (2015). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129585/000977081.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25/12/22.



Imagem 6: Girafa em chamas. Salvador Dalí (1973)

Como um contraponto às gavetas, a imagem das marias-sem-vergonhas me acompanham, aquelas flores vermelhas, rosas, brancas que dão em qualquer lugar, nos terrenos baldios, resistentes às intempéries da vida, uma flor-rizoma.

Os rizomas, diferente das raízes, não estão fixos, “estão abertos a conectar em todas as dimensões”, “são desmontáveis e reversíveis”, “a ramificarem-se em todos os sentidos”, “desenhar um mapa”, “mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 30).

Senti necessidade de retomar partes de dissertação que escrevi, como quem revisita gavetas de memórias. Recordo, que a dissertação, foi uma escrita que iniciou com vírgula e foi finalizada com dois pontos, como gavetas que seguiam pedindo para serem abertas. Esta tese fala do que escapou das gavetas, dos movimentos que seguiram depois daqueles dois pontos. De uma língua maria-sem-vergonha costurada como artesanaria. As marias-sem-vergonhas reaparecem no movimento de pouso: costurar uma língua que faça pontes, compondo a espiral encontro, dos territórios de sentidos (capítulo dois).

Nas tessituras do agora, que também é o que já passou, preciso trazer uma outra dobra do passado. Paralelo ao mestrado, estive coordenadora macrorregional do Caminhos do

Cuidado⁵, uma formação voltada para o acolhimento em Saúde Mental de pessoas em sofrimento ou em uso abusivo de crack, álcool e outras drogas. O curso teve como público-alvo: Agentes Comunitários em Saúde (ACS), auxiliares e/ou técnicas em enfermagem de todo o território nacional. Foi ofertado mais de 290.000 de vagas às trabalhadoras e trabalhadores do SUS, uma maioria de mulheres.

O que gostaria de trazer aqui, é que o Caminhos do Cuidado teve a Redução de Danos (RD) como guia do acolhimento e cuidado. Um cuidado em liberdade, que pede uma escuta aberta, não julgadora, uma escuta que precisa se despir de preconceitos. Essa aproximação com a RD foi ampliadora do verbo cuidar em mim.

O Caminhos do Cuidado carregou consigo uma grande potência, enquanto ferramenta de educação na saúde. Com inspiração na pedagogia ativa, em diálogo com Paulo Freire, remexeu na singularidade das experiências, que passavam a habitar a roda dos encontros, como algo precioso para pensar as ações de acolhimento, aprendizado e cuidado. Uma formação que chegou lá na ACS, lá no território, ampliando a possibilidade de abrangência do olhar e da escuta.

Na sequência do tempo, compuz a equipe que realizou a avaliação formativa do Caminhos do Cuidado, uma experiência engrandecedora. Participar da avaliação de um Projeto Nacional, da construção de uma Matriz Avaliativa que desse conta do alcance, um método que fosse viável no tempo. Uma avaliação-experiência, pensando a experiência em conversa com Jorge Larrosa (2016). Uma experiência que presava pela delicadeza do encontro mesmo em um cenário político nada delicado. Um futuro incerto tremulava no horizonte. O SUS já mostrava-se em risco.

Sobre a experiência, trago um fragmento que segue tremulando em mim:

A **experiência** é algo que nos acontece e que às

⁵ Para saber mais sobre o Caminhos do Cuidado: disponível em: https://programadrogas.fiocruz.br/projetos_e_atividades/68. Acesso em: 17/11/22.

vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai nas mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor então somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. **E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos.** Em algumas ocasiões esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. (Larrosa, 2016, p.10).

A palavra experiência é tomada como propulsora desta tese, atravessando o tempo e o espaço, tremulando em sentidos. O período sombrio, foi o cenário que convidou a escrita a acontecer. É na ausência de luz que enxergamos os vaga-lumes, aceitando o convite poético de Georges Didi-Huberman para falar da vida que resiste e insiste:

Desapareceram mesmo os vaga-lumes? Desapareceram todos? ou eles sobrevivem apesar de tudo? Emitem ainda - mas de onde? - seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes? (Didi-Huberman, 2011, p.45).

Na poesia, os holofotes contemporâneos que iluminam as certezas, são os mesmos que impedem que enxerguemos os vaga-lumes. Escrevo esta tese como pequenos vaga-lumes que resistem e se refugiam para emitir sua sigela luminiscência em noite sem luz, porque insistem em amar, apesar de tudo.

2. O caminho: um campo de pesquisa forjado na Pandemia

Neste ponto, apresento como se forjou o campo desta pesquisa. Para tal, retomo a sensação que ressoou como efeito no corpo do encontro com a poesia que circulava em praça pública. Era o segundo sábado de algum mês, algo entre o final de 2017 e início de 2018, meu corpo de mulher sangrava enquanto ecoava o grito: *poesia contamina, slam da minas!* (marcando um novo começo).

[do bloco de notas: primavera/2018: pensamentos de sábado]

O momento político produz muita tensão no corpo. Por vezes sinto a energia minguando, os ombros caindo, o peito fechando, como se me encolhesse para dentro de mim (...) o fascismo, o preconceito saíram do armário para tentarem nos colocar para dentro de novo.

Como mostra a memória do bloco de notas, o cenário era de fragilidade, as vulnerabilidades estavam expostas. E no meio disso tudo, uma arena de mulheres, uma estética dissonante da curva normal - mulheres: negras, brancas, anarquistas, carecas, cabeludas, gordas, trans, jovens etc. Poesias que faziam tremer as estruturas duras do poder que cercam a praça da Matriz em Porto Alegre/RS. Por sua localização, a Praça já foi palco de muitas lutas por terra e educação.

Nesta mesma praça, em 2016, assisti por telão ao trágico *spoiler* do que estava por vir: em nome de deus, da família e com direito a torturador ovacionado, pelo senhor que tornou-se chefe da nação, em um ato repleto de misoginia, votava-se o *impeachment* da presidenta do Brasil, eleita democraticamente, que anos depois foi inocentada das acusações.

Naquele sábado, no encontro com a poesia, meu corpo de mulher sangrava, junto com a jovem democracia, veias abertas que jorravam/jorram sangue ancestral. Cicatrizes seculares que, no caso desta tese, encontraram acolhimento, escuta e voz, pelo *slam* - vozes que se aninham na garganta das mulheres e espalham “embriões de futuro” pela poesia (Rolnik, 2018),

uma espécie de performance do cuidado tomava conta da mesma Praça.

A experiência de estar no *Slam das Minas/RS*, germinou em mim para além da roda, tal qual o fragmento do manifesto *Slam das Minas/SP*⁶:



Imagem 7: Print – manifesto slam das Minas/SP (2020)

Andamos de mãos dadas em meio a tanta ordem imposta. Marinheiros de primeira viagem não sabem navegar em nossas águas mornas. Pensa que reina mas cai fácil no canto da sereia. E quando seu mar não mais caber. Aceite e deixe fluir. Respeite e pare de oprimir. Agora nossa fala não tem freio. E viemos para mostrar. Que as manas tem palavra engatilhada pronta pra disparar. **Prepare sua alma. Do jeito que entrou aqui, não mais sairá.** Força matriz feminina que consta. Somos o slam das minas, monas e monstras! (Duarte, Ribeiro, Araújo, 2020).

O *slam das Minas/RS* foi a porta de entrada para o *slam*. Fiquei encantada com a forma acolhedora e segura que a palavra circulava naquela arena. A educação em sua radicalidade da partilha. A saúde em sua amplitude de conceito. Estruturas duras que as vi tremer naquele final de tarde na praça da Matriz, entre as rimas do *slam das minas* e o som do sino da catedral, a luz do crepúsculo, as manifestações da plateia, as notas das juradas. É disso que se trata a performance, como traz Paul Zumthor:

Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá. Não se acrescenta, ela está (Zumthor, 2018, p. 51).

Uma arena de *slam*, uma batalha, um cuidado (Silva e Feuerwerker, 2019). Essa sensação, efeito da performance poética, se confrontou com a mulher que eu era, pedindo voz, mas, principalmente, pedindo escuta, por cutucar privilégios, desacomodar lugares desconhecidos ou esquecidos. Fui fisgada por essa sensação. E assim começou a tessitura desta pesquisa.

⁶ Poesia Manifesto Slam das Minas/SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pEGa9YIE7c>. (2017). Acesso em: 17/11/22.

Afinal, o que é *slam*?

Slam, para quem nunca ouviu falar, não é o slam religião [brincadeira com a sonoridade de "slam" e "Islã"], o nosso slam veio da palavra slam, que em inglês quer dizer competição. Da mesma forma que se tem um slam de golfe ou de tênis, se tem um slam de poesia, que é o *poetry slam*. (Luiza Romão, 2019).

A palavra *slam*, também “é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma “batida” de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo do nosso “pá!” em língua portuguesa, diz Cynthia Agra de Brito Neves (2017, p.92)

As sementes do *Poetry Slam*, ou simplesmente *slam*, como chamo aqui, foram plantadas no ventre do *Get Me High Jazz Club* em Chicago/ Estados Unidos (1984), idealizado por Marc Kelly Smith, para fugir do circuito acadêmico da Poesia, “nos chamávamos de poetas malcriados”, contam Smith e Kraynak (2009, p. 9), no livro *Take the Mic: the art of performance poetry, slam, and the spoken word*.⁷

No livro, os autores enumeram cinco coisas que precisamos saber sobre o *slam*, cinco pontos que estão sempre presentes quando o *slam* aparece no texto:

1. **Slam é poesia.** Não é ensaio, novela, ou pequenas histórias;
2. **Slam é performance.** Esta é a principal distinção do *slam* dentro do reino da Poesia (com P maiúsculo - a fusão da arte da performance com a arte de escrever poesia);
3. **Slam é competição.** É o público quem tem maior influência em relação ao que é considerado bom ou ruim (não um professor ou uma comissão para decidir o que é arte);
4. **Slam é interativo.** Incentiva o *feedback* do público, seu parceiro ativo, que participa em tudo o que acontece;
5. **Slam é comunidade.** Às vezes é como uma família, às vezes disfuncional, uma família internacional que gosta de celebrar a poesia. (Smith e Kraynak, 2009, p. 5-6 - tradução própria -).

⁷ [Tradução]: Pegue o microfone: a arte da poesia performática, do slam e da palavra falada.

O *slam* chegou ao Brasil em 2008, trazido por Roberta Estrela D'Alva, em parceria com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, como *ZAP Slam* (Zona Autônoma da Palavra):



Aproveitando a cena de sarau em São Paulo (Cooperifa, Sarau do Binho etc), espaços que são importantes para que as pessoas possam se descobrir poetas, artistas. (Roberta Estrela D'Alva, POD1E1.2020).



Quando surgiu na gringa, nos Estados Unidos, era em bar, em espaços fechados, aqui [no Brasil] o *slam* veio direto para rua, isso já marca um deslocamento em relação a cultura de *slam*. (Abigail Campos Leal, POD2E3.2021).

O *slam* ganhou às ruas, com o *Slam da Guilhermina* (2012) e o *Slam Resistência* (2014), ambos em São Paulo. Surgiram e ganharam força intimamente relacionados aos “movimentos insurgentes” da época (Rolnik, 2018, p. 25), como as manifestações contra o aumento das passagens, as ocupações das escolas públicas e reitorias, que aconteceram entre 2015 e 2016.

Os movimentos ganharam grande repercussão na época e representaram um feito importante na luta pela educação pública e de qualidade. Ecoava o grito da voz da juventude que se colocava contrária às medidas dos governos estaduais e federal em relação à Educação⁸ Esta realação do *slam* com os movimentos de estudantes é retomada nas vozes de *poetas-slammers* no território de sentidos: (trans)formação.

Em um momento em que as forças conservadoras se

⁸ Sobre o movimento de ocupação das escolas que se ampliou para às universidades: Identifico no decurso das ocupações duas ondas. A primeira: com auge no final de 2015, estava restrita às demandas de cada escola e foi protagonizada notadamente por secundaristas. A segunda, com auge em meados de 2016, incorporou pautas mais nacionais, como o protesto contra a PEC 241/16 (conhecida como a PEC do teto de gastos), o protesto contra a Reforma do Ensino Médio (Medida Provisória 746/2016) e o protesto contra a PL 867/2-15, conhecida como Escola sem Partido. Agora, os protagonistas não são somente secundaristas, mas também estudantes universitários. (Rocha, Daniel Leonel. Ocupação das escolas em 2015 e 2016: uma breve análise da forma e do conteúdo da ação dos estudantes. Rev. Sociologias Plurais, v. 6, n. 1, p. 61-86, jan. 2020 p.62).

levantam e tentam agarrar-se aos velhos dogmas e posturas, buscando desesperadamente manter o estado de opressão estabelecido, há, em curso, também **um levante** de manifestações da **poesia popular urbana**, principalmente a falada e performática. (Estrela D'Alva, 2019, p. 271).

Neste período de efervescência política, as arenas de slam também estavam efervescendo. O *Slam Resistência, na praça Roosevelt* em São Paulo, chegou a juntar entre 800 - 1000 pessoas, ao redor da poesia, como mostra o documentário *Slam resistência: uma ágora do agora* (Slam Resistência, 2019). Há “uma aliança das pautas das lutas das pessoas negras, indígenas, pobres e LGBTQIA+” (Pucheu, 2021).

[O slam] retoma o aspecto público da poesia, a tira de um lugar elitizado, porque se a gente pensar no contexto de Brasil, sempre esteve muito associada às elites e às universidades e dissociada das camadas populares. O slam vem com esse poder de retomar o aspecto público: **você tem uma ágora**, a cidade discutindo, **pessoas que têm os mais diversos contextos e origens colocando suas pautas**, reivindicando o lugar da mulher, do negro, as pautas LGBTQIA+. (Romão, 2019).

“Slam: voz de levante” (Estrela D'Alva, 2019), movimento que se espalhou pelo País. “Antes da pandemia, havia mais de 200 *slams*, em 20 Estados” (Estrela D'Alva, POD1E1.2020).

“Outro importante marco nesta narrativa é a criação do primeiro Slam feminino e feminista, o Slam das Minas/Distrito Federal, em 2015”, como lembram Daniela Silva de Freitas, Miriane Peregrino e Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (2020), na apresentação do Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção, Revista Terceira Margem da Universidade Federal do

Rio de Janeiro (UFRJ)⁹, desde então, o movimento do slam cresceu muito entre as mulheres e mulheridades.

Slam é fluxo, camada e ruptura. É poesia marginal. É a voz da periferia. É um coletivo de pessoas: produtores, poetas e público. É cultura jovem urbana. É cultura negra. É poder feminino. É o levante da voz. É o encontro da palavra com o corpo. É política, agora e assembleia. É fala e escuta. (Freitas, Peregrino e Patrocínio, 2020, p. 10).

Como é característico nos movimentos contemporâneos “de juntar gente”, também no slam, as redes sociais têm um papel importantíssimo para a divulgação dos eventos e ampliação do alcance da poesia, para além do momento da performance, como contaram nos *podcasts*: Tawane Theodoro (POD1E7.2020), Midria (POD1E2.2020) e Bixarte (POD2E2.2021), que tiveram a experiência de poesias viralizadas nas plataformas digitais.

A *Internet* que já era uma importante ferramenta para a divulgação das ideias e do trabalho, com a pandemia tornou-se a plataforma possível. As redes passaram a ser “o próprio meio onde tudo acontece, desde as inscrições daqueles que desejam competir até a votação para escolha do poeta vencedor.” (Souza e Przybylski, 2022, p. 206).

Durante o auge da pandemia, antes das vacinas, alguns *slams* seguiram acontecendo em virtualidade, no entanto, muitos deixaram de acontecer, como é possível ver no artigo: “Dos Espaços Físicos ao cyberespaço: o poetry slam em contexto pandêmico” (Souza e Przybylski, 2022, p. 206). A pandemia impactou enormemente a vida de quem vive da arte, sobretudo da arte marginal, arte de rua (Alcalde, 2020). Foram muitos os impactos nesta transposição do presencial para o virtual:

⁹ O Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção, tornou-se uma importante referência na finalização desta tese, por ser o primeiro organizado no Brasil com esta temática. Me sinto muito feliz por ter um artigo publicado entre tantas pessoas que representam a cena do slam no Brasil. O Dossiê recebeu tantos trabalhos que realizará duas edições. A primeira, lançada em 2022 e uma segunda, com previsão para início de 2023, “reunirá artigos com o recorte de gênero, os slams das minas, manas e cumadis que ganharam força em todo Brasil” (Freitas, Peregrino e Patrocínio, 2020). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/53847/29542>. Acesso: 31/12/22.

Nessa passagem ao cyberspaço, naturalmente ocorreram variadas (e, muitas vezes, profundas) alterações, uma vez que os elementos que compunham o ambiente de cada evento já não eram os mesmos, o que faz toda a diferença para uma cena cultural que tem como foco as narrativas orais de poetas que, por meio de suas performances, estabelecem forte interação com seus espectadores, que atuam como seus interlocutores. (Souza e Przybylski, 2022, p.200).

No último ano, as batalhas de slam voltaram a ganhar presencialidade, o ocupar às ruas novamente.

O slam, a universidade e o contexto

O contexto da pandemia não abalou apenas os *slams* e às universidades, agravou ainda mais os efeitos do caos que já nos encontrávamos. Presenciamos a fome crescer, pessoas saindo de dentro de *containers* coletores de lixo orgânico, crianças pedindo na porta do supermercado, segurando cartazes com os dizeres “tenho fome”.

“Vidas descartáveis” (Butler, 2018), configuram a “necropolítica”, termo que trago de Achille Mbembe (2018), que dialoga com Foucault, Arendt, entre outros, para falar sobre “o direito soberano de matar (*droit de glaive*) e os mecanismos de biopoder estão inscritos na forma em que funcionam os Estados modernos” (p.19), o arquétipo de uma formação de poder que combina “as características de Estado racista, Estado assassino e Estado suicidário” (p.19). Mbembe inicia seu ensaio com as seguintes palavras:

A expressão máxima de soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem pode morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (Mbembe,

2018, p. 5).

Sobre a necropolítica: Óóóóóó, soa a sirene no “anúncio de uma política oficial do extermínio estampada no Caveirão” quando sobe a quebrada (Leal, 2021, p. 142), balas perdidas que encontram alvo negro, mulheres negras que sentem na carne a dor da morte prematura de seus filhos, até as crianças viram alvo. O encarceramento do povo negro, dos navios negreiros, aos manicômios e presídios (Passos, 2018).

A violência é uma questão de saúde pública. É fundamental lançar um olhar para quem morre, adocece ou padece por conta da violência, em todas as suas facetas de expressões. “A sirene vital está soando” (Rolnik, 2018), algo precisa ser feito, é urgente e necessário revermos nossas políticas de encontros, nossas formas de nos relacionarmos entre nós e com o mundo.

Diante do exposto, a universidade tem um papel estratégico potencial na (trans)formação. No entanto, vale lembrar, que a universidade também se encontra submersa em um histórico colonial contemporâneo, que se expressa também em cortes de verbas de educação e pesquisa, perseguições de discentes e interventores nas reitorias, assim como, pela imposição do eurocentrismo em seus currículos e saberes, repletos de homens brancos e mortos.

É necessário que, também a universidade, fortaleça e reinvente o seu papel social diante dos impasses que nos encontramos, repense a ética e os rigores científicos que transformam corpos em objetos de pesquisas, reinvente metodologias, amplie suas possibilidades de expressões. Neste sentido, optei pelo singelo ato da escuta para mobilizar o pensamento em ação.

Ressalto, que esta pesquisa não se trata de um estudo sobre o *slam*, nem sobre *slammers*. Trata-se de uma tessitura poética e dialógica sobre o efeito do encontro entre universidade e *slam* - ou seja, entre as pessoas e os conhecimentos que circulam nestes cenários e de como estes cenários circulam em mim. Entre o que é comunicado, como é comunicado, e o que se faz com isso, na intenção de encontrar brechas para um

aprendizado que contribua na artesanaria outros mundos possíveis. Mundos amalgamado em relações mais saudáveis, amorosas, respeitosas e cuidadosas, entre todas as espécies de vida do planeta.

É uma escrita que parte da universidade, como uma das exigências para obter o título de Doutora em Educação. Uma construção de conhecimento produzida neste espaço. A medida que o ocupo, também tenho responsabilidade pela vida que circula por ele. “Desatar nós da garganta” (Rolnik, 2018), para que novos sentidos possam fazer ninho neste espaço de formação de conhecimento, para que possam germinar “embriões de futuro” que permitam que a vida flua, por “cenários que tragam de volta o bem-viver, evitando que estes nós se transformem em nódulos patológicos e suas metástases se espalhem como peste pelo corpo-alma” (Rolnik, 2018, p. 27).

Slam e universidade, são espaços-arena, que os tomo como democráticos, ou que deveriam ser, no que se refere a circulação de conhecimentos. Espaços que se embaralham na vida de muitas das *slammers* que escutei. Dentro e fora como um mesmo caminho, como é possível ouvir na fala da slammer-poeta Natielly Castro, a Nati de Poesia, acadêmica de Filosofia na Federal do Acre e idealizadora do *Slam das Minas/AC*:



Sempre fui apaixonada por políticas públicas, minha vida acadêmica me ajuda nisso, porque preto tem que ser três vezes melhor no mundo, passei em primeiro lugar. O slam me ajuda a estudar, porque para eu falar sobre genocídio da juventude negra eu tenho que saber, tenho que estudar, **então a poesia se liga totalmente na academia.** (Nati de Poesia, POD1E9 2020).

É no território de sentidos (trans)formação que essa conexão entre slam e universidade ganha mais consistência, por meio de uma curadoria que organizou as vozes como pistas/sentidos que faziam essa relação. Vozes colocadas em conversa com outras referências. A universidade transbordou para além de suas paredes.

Nas vozes de *slammers* que escutei, a universidade não apresenta um lugar de hierarquia entre os demais saberes

trazidos - a arte que vêm da rua, a poesia falada e/ou escrita, a escola, a universidade, são espaços por onde as vozes se propagam, reverberam em escuta e em ações, encarnados na vida vivida, espaços que se misturam.

Neste contexto, acolhi o desafio de produzir conhecimento em uma pós-graduação em educação, em uma universidade pública, em interlocução com um grupo de pesquisa, que, coletivamente, fortalece e sustenta o compromisso de defender a universidade. Uma universidade “pública e diversa, na construção do conhecimento, no acesso a direitos, na reinvenção da vida em sociedade e de uma outra ciência possível e necessária”, como marcamos em escrita coletiva, como uma “urgência do nosso tempo, tecida no cotidiano do nosso fazer político, como um exercício permanente de liberdade”. (Genro, Tomazzoni, Gusmão, 2019, p.115).

Educação e trabalho na Saúde

A vida é uma ampulheta em contagem regressiva. Escrevo com a urgência de quem assiste o mundo ruir, sem saber o tempo que temos. A escrita é a arma que tenho. Nutrição, Saúde Coletiva, Educação, percurso acadêmico que cartografa meu corpo e encontrou na poesia a conexão para resistir e transformar: a nutrição do corpo com poesia como educação para uma saúde coletiva. Vozes que ao saírem das gavetas das gargantas que se aninhavam, ganham escuta e força.

Encontrar e repensar as gavetas estruturais do corpo-gaveteiro que nos constitui, que estruturam o corpo social, eis um desafio importante para quem trabalha na saúde e/ou na educação. Visitar as gavetas estruturais como uma convocação ao movimento. Abrí-las, desapegar do que não serve mais, relembrar de memórias esquecidas.

Neste processo de organizar gavetas, construí um percurso acadêmico no borramento de polarizações: ensino/serviço; teoria/prática; saúde/educação; ciência/arte. Avesso e direito, fora e dentro, na composição de um mesmo percurso,

tal qual uma *fita de Moebius*, como a obra *o antes é o depois*, de Lygia Clark, evocada por Suely Rolnik (2018, p.41), como um proposta de transitar entre a macropolítica e a micropolítica como parte do mesmo caminho.

Caminhar pela educação e o trabalho na saúde, como quem se equilibra em uma *fita de Moebius*; “uma superfície topológica na qual o extremo de um dos lados continua no avesso do outro, o que os torna indiscerníveis e a superfície, uniface” (Rolnik, 2018, p. 41). Em devir equilibrista, caminho para encontrar sentidos, entre as polaridades esfumaçadas, o antes que compõem o depois. Cordas-bambas e maria-sem-vergonhas me trouxeram até aqui.

Como trouxe anteriormente, esta pesquisa se passou em um contexto que macropoliticamente a situação estava (e ainda está) complicadíssima. Direitos humanos adquiridos, que regridem antes mesmo de ganharem vigência no cotidiano.

Apesar da macropolítica, existem movimentos micropolíticos, de resistência, performáticos, artísticos, movimentos contemporâneos de “reexistências” (Souza, 2011) - de resistência e existências, por onde escapam brechas de outras narrativas de vidas. Como é o caso da poesia do *slam*, que alarga a roda desta conversa.

No que se refere ao cuidado e ao ensinar a cuidar, o meu encontro com o *slam*, provocou a minha escuta para algo que não ouvia, o conceito de saúde que já é amplo em sua concepção, se expandiu em mim pela escuta. Vi naquela arena uma ágora promotora de saúde, ainda que isto não esteja pontuado entre as coisas que precisamos saber sobre o *slam*, isto está lá. Uma espécie de controle social poético a céu aberto. Vozes que aparecem na costura do *território de sentidos: cuidado*.

Escutei *poetas-slammers*, como um gesto de escutar as vozes que vêm da rua. Vozes, que muitas vezes, são convidadas a ficarem ao lado de fora dos consultórios/unidades de saúde/salas de aulas, durante um encontro que prevê o cuidado. Um cuidado, que no SUS é previsto ocorrer ao longo uma rede, para dar conta das diversas complexidades que demandam o cuidado. Ao deixar estas vozes do lado de fora, mundos de

possibilidades também lá fora permanecem (Merhry et al, 2014). Nesta escrita, abri os sentidos para que estas vozes adentrassem e reverberassem em possibilidades de colocar o pensamento e a ação em movimento.

A interseccionalidade dos sentidos e o bem viver como direção

Quando abri minha escuta ao colar *lambes* que clamavam por zonas livres de machismo, percebi nas histórias que ouvia algo que não (ou)via. Ao colocar minha dor em conversa, também pude ouvir outras dores, como uma espécie de cuidado que o acolhimento da escuta proporciona. Mas algo importante também foi escutado: que para ampliar a frequência do ouvido, urge *interseccionar* a escuta, para aguçá-la e ampliar os sentidos das ondas sonoras escutadas.

E escutei o grito sufocado na parede do banheiro da Faculdade de Educação da UFRGS:



Imagem 8: Conversa com parede III
(arquivo pessoal)

Para aguçar os sentidos e mergulhar nas vozes dos *podcasts*, o faço pela *interseccionalidade*, como “uma lente analítica”, amparada por Carla Akotirene (2019, p.63). Um conceito que acolhe a reivindicação de feministas negras

“cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros” (p.18).

[A interseccionalidade] visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2019, p.19)

Ao me encontrar com o *slam*, a *interseccionalidade* transbordou da poesia de mulheres, pessoas trans, travestis e corpos não binários. Senti na pele que precisava escutar tal sintoma. Senti que essa escuta compunha um acerto de contas com gerações passadas e uma possibilidade de presente para gerações futuras. Precisei escurecer meu referencial teórico, ampliando referências, que se embaralharam aos demais referenciais que me compõem. Um processo de descolonização da saúde coletiva em mim, de remexer nas gavetas que estruturam nossos corpos.

Neste movimento de ampliar o repertório teórico *interseccional*, ao me aproximar do doutorado, também me encontrei com um vasto referencial teórico feminista, decolonial, descolonial, pós colonial, diferenças de grafia que falam da necessidade de outras perspectivas de versões de mundos, saberes advindos de outras geografias epistemológicas. Neste sentido, enquanto grupo de pesquisa, nos dedicávamos à leituras, discussões, seminários etc.

Já nas primeiras leituras que fizemos, nos deparamos com o Monstro das Três Cabeças, todas três masculinas: o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo. O Monstro das Três Cabeças, trazido pela poesia de Raquel Lima¹⁰, nos dedicamos a poesia, à ouvi-la, senti-la, transcrevê-la, à dar língua à sensações. Uma poesia que traz em si diversos questionamentos, compartilho pequeno fragmento:

¹⁰ Raquel Lima, Monstro das três cabeças. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5bJOHcPBqQQ>. Acesso em: 29/12/22

E tu, ser patriarca, de que lado é que estás?
Estás no lado cientificamente relativo ou
relativamente científico?
Que conhecimento é esse que me obrigas a reconhecer
quando abafas a minha luta?
Abafas a minha resistência, quando desconheces
e desvalorizas a minha experiência, quando para
ti não sou. (Lima, 2016).

A poesia de Raquel Lima tornou-se referência em nossas pesquisas, para falarmos deste Monstro que nos assombra há séculos. Ao buscar sobre a autora, descubro, entre tantas coisas, que também frequentou as arenas de *slam*, no *Portugal Poetry Slam* e esteve no Brasil, no *Slam Resistência/SP*¹¹ (2017). Durante a pandemia, também a assisti na 11ª Festa Literária das Periferias (FLUP)¹², como mediadora, em um painel *online*, com participação de Emicida: Rimas Transatlânticas – “RAPENSANDO” a diáspora.

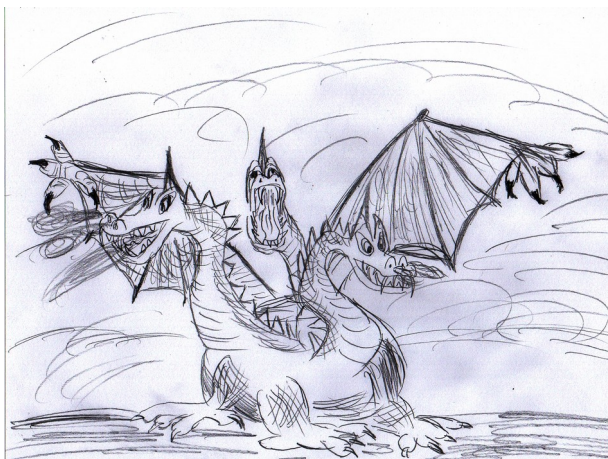
Enquanto grupo de pesquisa, escrevemos à ela para contar da importância de sua poesia para nossa construção acadêmica. Algo que só é possível quando trabalhamos com referências vivas.

A aproximação com a poesia, provocou o grupo de pesquisa à outras expressões, para além dos protocolos padrões dos artigos científicos, virou arte. Na época escrevi uma poesia (Apêndice 1), também ganhou representação imagética, como os desenhos a seguir, que compõem as pesquisas de Henrique Maffei e Claudete Lampert Gruginskie (no traço de Saulo Gruginskie):

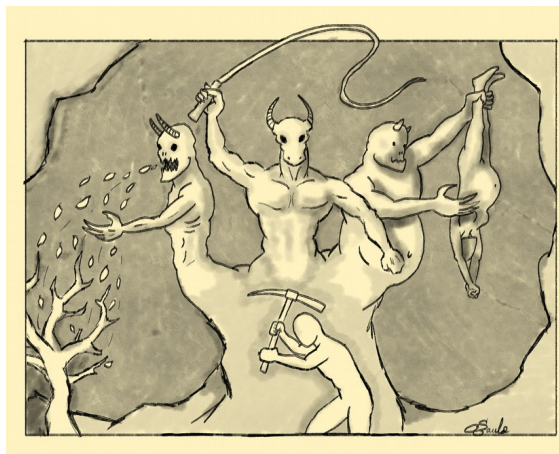
¹¹ Raquel Lima, no *slam Resistência/SP*. (2017). Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1385231708226211>. Acesso em: 07/01/23.

É doutoranda em Pós-Colonialismos e Cidadania Global no Centro de Estudos Sociais, com a sua investigação focada na oratura, raça, gênero e movimentos afrodiáspóricos. É poeta e artista de spokenword e foi co-fundadora do Portugal SLAM - Festival Internacional de Poesia e Performance. Autora do Manifesto do Slam (Anexo 1).

¹² Raquel Lima – Painel RAPENSANDO a diáspora. 11º FLUP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jnv5Q66tPm0> Acesso em: 07/01/23



Monstro das três cabeças. Maffei (2020)



Monstro das três cabeças. Gruginskie (2020)

O Monstro é voraz, assim como, o contexto. Como uma forma de enfrentá-lo, no transitar entre Saúde Coletiva e Educação, no início do doutorado, me encontrei com a ideia de Bem Viver (Acosta, 2016), que passou, automaticamente, a dialogar com a educação, o cuidado e a saúde, como um horizonte.

O Bem Viver, Buen Vivir ou Vivir Bien também pode ser interpretado como *sumak kawsay* (kíchwa), *suma qamaña* (aymara) ou *nhandereko* (guarani), e se apresenta como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida. Não se trata de uma receita expressa em alguns poucos artigos constitucionais e tampouco de um novo regime de desenvolvimento. O Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza. (Acosta, 2016, p. 23-24).

O Bem Viver, nesta escrita, é como um conector aos territórios de sentidos, como sentido-engrenagem que conecta os territórios de sentidos e os movimenta.

3. O caminhar: um percurso construído em ato

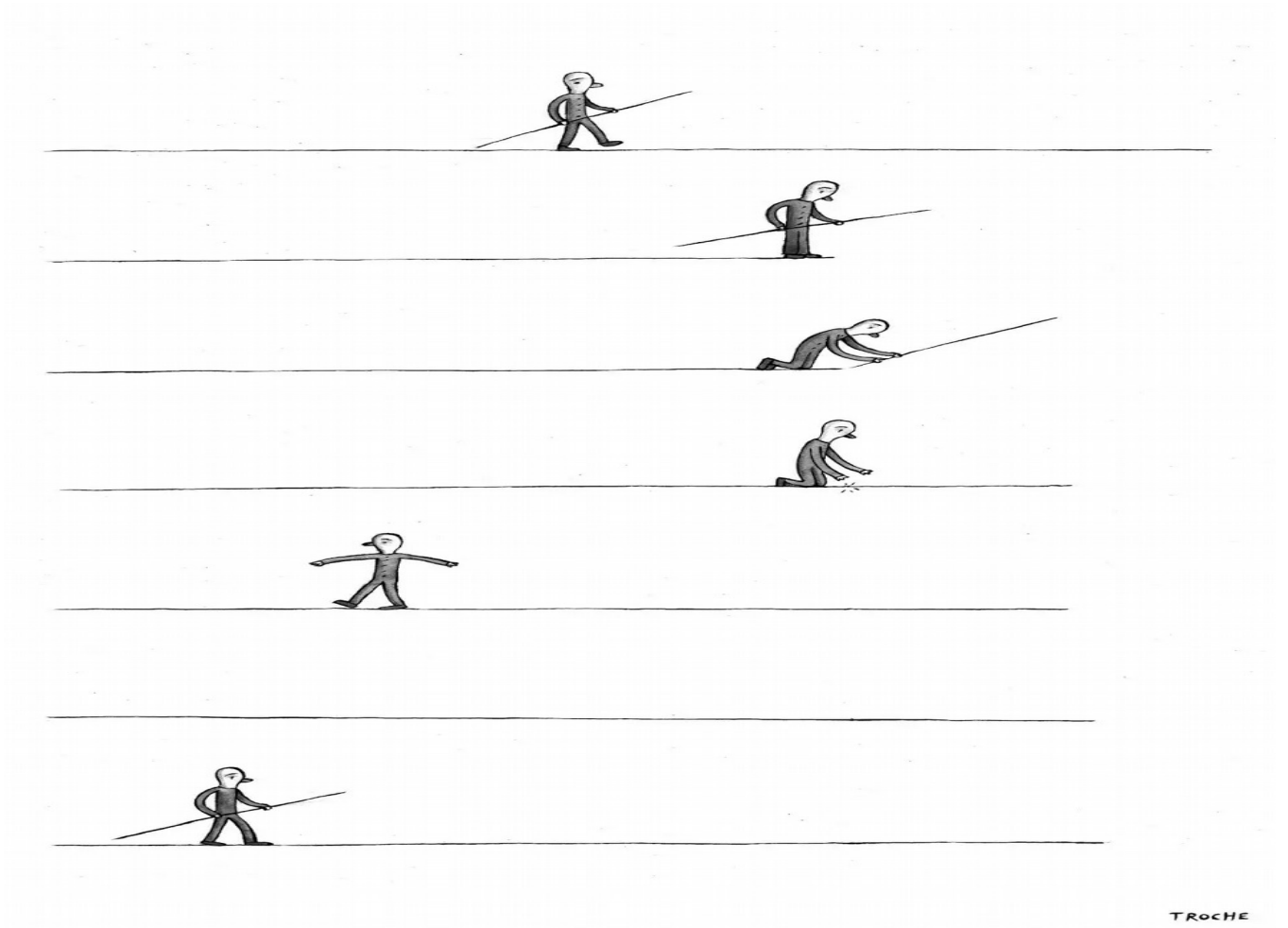


Imagem 11: Troche (2016)

Antí(-)tese

Em tese
cartografo caminhos.
movimentos e ritmos,
preenchem este tempo-espaco.
sentidos fluídos transbordam o corpo,
como uma carta de amor
para além do meu umbigo.

Um mapa tortuoso,
cheio de encruzilhadas,
(des)equilíbrios em linhas abissais,
artesanía de pensamento pulsante,
rotas em rima,
corpos desviantes da curva normal.
Vozes invisíveis
expressam o desejo
de uma vida vivível.

Desembaçar sentidos,
explorar frequências outras,
ajustar a sintonia
para ondas sonoras
não audíveis,
impercetíveis
ao ouvido padrão.

Ampliar conhecimentos,
reinventar formas de se relacionar,
construir pontes,
que unam zonas de conforto e confronto,
questionar métodos,
prisões epistemológicas e ontológicas,
que aprisionam, que oprimam, que anulam corpos,
que calam gritos e gemidos de dor e tesão.

Perspectivar percursos,
caminhos híbridos,
na contramão do tempo,
dos ponteiros, bússolas,
cronômetros, calendário,
calculadoras, controles remotos,
das câmeras de vigilâncias,
dos holofotes contemporâneos.

Sentido anti-horário,
antimanicomial antipatriarcal,
anticolonial, anticapital.
Uma ética em antítese.

Outra temporalidade.
Tempo livre, alargado,
por potência de vida,
subversão dos sentidos,
brechas poéticas,
senti(n)do em versos,
avoam,
tempOral.

Começo este capítulo com Antí-tese ou antítese, uma poesia-performance criada para contar do percurso de pesquisa. Foi apresentada no Seminário Internacional *Superar violências, Construir Alternativas, Escrever um Novo Mundo*, no Grupo de Trabalho *Cartografia das Emergências*, na Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste, Caruaru, em Dezembro de 2019. Na ocasião, usava um vestido negro, longo, pés descalços, enquanto ocupava o centro da roda, tinha uma memória insegura que pedia a leitura, enquanto distribuía palavras no chão em sintonia com minha voz que reverberava nervosa pelo ego exposto. Segue um mosaico de imagens como memória (Imagem 12):



Imagem 12: Mosaico de imagens (arquivo pessoal)

Neste mesmo Seminário também apresentei o processo de pesquisa no trabalho: *Mulheres, Resistência Poética, Universidade: uma experiência em construção*. Ambos os momentos foram importantes para colocar a pesquisa em conversa. Aproveito para compartilhar outros momentos dialógicos que

realizei ao longo do percurso, com objetivo de partilhar e ampliar as perspectivas como uma forma de construção.

Momentos de partilhas:

Momento: Apresentação de trabalho em congresso (ABRASCO-SUL)

Gusmão, R.C.; GENRO, M.E.H.; Marconatto, P. Arte de rua: uma proposta descolonizadora do olhar-pesquisa. 2018.

Momento: Qualificação do projeto de tese

Gusmão, R.C. Mulheres, Poesia e universidade: costurando uma língua que faça pontes [projeto de tese]- qualificado e aprovado em outubro de 2020.

Banca examinadora: Magali Mendes de Menezes, Pâmela Marconatto Marques, Roberta Marques do Nascimento (Roberta Estrela D'Alva), Bianca Maria Santana de Brito.

Momento: Publicação de artigo

Gusmão, R. C.; GENRO, M. E. H. Pesquisa, pandemia e poesia: um território costurado com/por vozes de mulheres e fronteiras de verbos. CONTRAPONTO, v. 8, p. 213-235, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/116583>

[Artigo publicado organizando as ideias pós qualificação do projeto de tese]

Momento: Escrita de conto poético em livro

Gusmão, R.C. Corpo-exigente. In: Frederico Viana Machado; Isabel Cristina de Moura Carvalho e Janaina Liberali. (Org.). Literatura e Saúde Pública: Territórios e cuidado: Gênero, família, vida e morte - Volume 2. 1ed.Porto Alegre: Rede Unida, 2021, v. 2, p. 55-58. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Literatura-e-Saude-Publica-Territorios-e-cuidado-Genero-familia-vida-e-morte-Volume-2.pdf>

Momento: Poesia em livro

Gusmão, R.C. Fronteiras do (in)visível. In: Karine Oliveira; Leandro Pereira. (Org.). Ruas Descalças - Antologia Artístico Literária. 1ªed.Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2021, v. , p. 44-44.

[poema feito para Marielle Franco, após seu assassinato. Apresentado no slam das minas/RS].

Momento: Publicação de artigo

Gusmão, R.C.; Genro, M.E.H. Uma conversa entre slam e universidade em quatro movimentos de pouso: Corazonar um território em composição de saberes. Revista Terceira Margem. Dossiê Poetry Slam: produção,

circulação e recepção - Parte 1, v. 26, p. 177-198, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50531>
[Outros artigos que compõem este mesmo dossiê aparecem ao longo da tese, na tessitura da escrita, por ser uma importante referência sobre o tema do slam]

Momento: Compartilhamento oral

Criação do podcast: poética de uma tese em voz. No qual compartilho o percurso de pesquisa pela poesia oral. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5SnCr7IJV6AkF1lvdWCnTe>

Trilha poética metodológica: tessituras do caminho

Onde começa e onde termina uma pesquisa? Me pergunto ao começar a escrita para descrever esta trilha poética metodológica da pesquisa. Qual parte do percurso deve estar na apresentação ou na metodologia? Ou será no resultado?

A palavra poética, contida no título, brinca com as palavras poética e ética, as fundido pela licença poética. A trouxe da tese da Ana Lúcia Santos da Silva (Silva, 2020) - Novos coletivos de resistência em produção: o que pode um corpo político-poético?¹³ Um percurso que me encontrei por acaso no caminho e que trouxe importantes contribuições, por também realizar este tansitar entre poesia e saúde.

Esta escrita é consequência de um percurso que começa antes mesmo de seu começo. Uma escrita que partiu da sensação no corpo, efeito da poesia que circulava em praça pública, em uma arena do Slam das Minas/RS. Sensação que pediu atenção, voz e escuta, mobilizando outras sensações em relação à mesma Praça, embaralhando-se à outras sensações que já trazia em mim.

A sensação no corpo como mobilizadora da pesquisa.

¹³ SILVA, Ana Lucia Santos da. Novos coletivos de resistência em produção: o que pode um corpo político-poético?. 2020. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.6.2020.tde-17092020-120058. Acesso em: 2023-01-12.

É preciso atravessar o espanto

Esta sensação que move a pesquisa, a chamo de espanto, inspirada no meu encontro com o trabalho de Alberto Pucheu (2021), que se tornou uma importante referência para as trilhas que a poesia foi tramando na escrita dessa tese e para além desta. Seu livro *Espantografia entre poesia, filosofia e política*, foi fundamental neste sentido. Trago um recorte de suas palavras para contextualizar o espanto:

“Espanto”, “aporia” e “vertigem”, eis uma associação a oferecer elementos que indicam que se espantar com alguma coisa (ou encontrar-se em impasse) é sofrer uma sensação de desequilíbrio ou de rotação em que tudo parece subitamente em movimento e fora do lugar, levando-nos a, sem apoio, desorientados, tontos, nos sentirmos instavelmente sem chão, dessituadamente em queda, insolitamente despossuídos de qualquer segurança, fora dos eixos e do autocontrole. O esgotamento mental exigido parece ser tanto que o que é mostrado produz distensões cerebrais, levando-nos, aprendizes, à vertigem”. (Pucheu, 2021, p.18).

“O espanto é o que insiste e resiste”, na filosofia e em quem filosofa, reforça Pucheu (2021, p.19), em conversa com Platão e outros que apresentam a filosofia, a poesia e seus indiscerníveis como língua para atravessar o espanto, “passear no impasse, testando-o, explorando-o, alargando-o, sabendo que ele não pode ser superado por ser constitutivo do conhecimento e do pensamento.” (Pucheu, 2021, p. 128).

Foi motivada pelo espanto, para transformar espanto em conhecimento, que me aproximei do doutorado. Uma aproximação que começou com a participação na atividade de extensão: *Pensar em tempos sombrios: a obra e a vida de Hanna Arendt e Aimé Césaire* (01/2018). Os tempos eram sombrios de fato.

A primeira noite de encontro, para meu espanto, havia colado na porta um recado (Imagem 13):

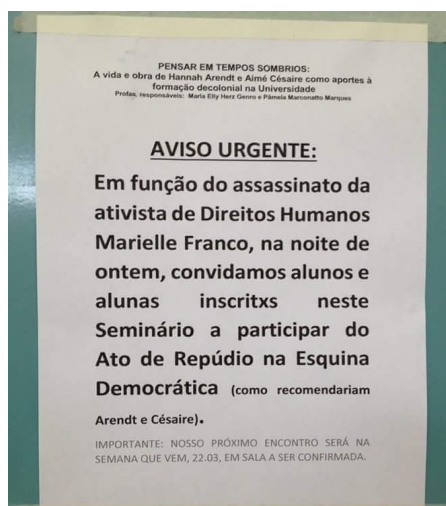


Imagem 13: conversa com parede IV (arquivo pessoal)

E aquele primeiro dia de aula foi na rua, em um ato simbólico e coletivo, pedíamos por justiça pelo assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes, ocorrido na noite anterior. Seguimos clamando por seu desfecho até hoje. Naquele mesmo semestre, realizei seleção e ingressei no doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Educação, Cultura e Humanidades.

Meu plano para os próximos quatro anos, de prenúncio de inferno, era me manter viva e em movimento, criando pontes com as palavras que pudessem me levar para outros mundos que este instituído e aniquilador de vidas.

Busquei a Educação pela ausência de doutorado em Saúde Coletiva na universidade pública da cidade onde moro. Me aproximei, trazendo comigo questionamentos de pesquisa de um percurso embaralhado entre saúde e educação. Fui acolhida com carinho por um grupo que já levava alguns anos em parceria de pesquisa e construções teóricas sobre universidade e seu papel social. Um encontro que foi amoroso e acolhedor, um grupo que sentia segurança para a palavra circular, havia espaço para existir e compartilhar anseios e alegrias. Desde então, mais de quatro anos se passaram, com os devidos acréscimos pandêmicos, uma temporalidade que marca o tempo dessa tese.

Perdemos a capacidade de nos espantar, por isso não temos tempo para a poesia, vivemos a apatia contemporânea da falta

de tempo para os encontros, para alegrias e prazeres. Não temos tempo para dedicarmos ao espanto. Nosso tempo é monetarizado como força de trabalho. Adoecemos. Nos medicamos. Um ciclo com intesses cotados pelo mercado, tal qual, o poema de Porsha¹⁴, “capitalism”, trago fragmentos, mas sugiro fortemente que a ouçam, o *link* está em nota de rodapé:

eu sou o cafetão
que construiu essa bosta no meu nome (...)
você é meu fantoche,
e eu tenho você sob meu controle (...)
coloquei traficantes nas esquinas
para que façam meu dinheiro,
e coloquei os colarinhos brancos em escritórios
para também produzirem meu dinheiro.
quando saírem daqui,
vocês irão trabalhar insanamente,
para me assegurar que os famintos permanecerão sem
alimentos,
e me assegurar que os filhos dos famintos nunca
chegue a faculdade,
mantenham o conhecimento longe da mente de todos
eles(...)
meu nome de batismo é capitalismo,
rasgo gargantas com cifrões. (...)
vocês não enxergam?
Todas suas opressões são meus frutos.
Eu sou o rei dessa merda,
eu sou tão incrível,
que faço vocês crerem que estão trabalhando apenas
para suas necessidades,
meu sangue é constituído de inveja,
olhos gordo e morte até o talo,
vocês são meus escravos, curvem-se!
Pegue esse dinheiro, venda sua alma,
faça de sua merreca a sua morte,
impiedosamente, transformo seres humanos em lixo,
e você irá me louvar, pois controlo todas as
coisas. (...)
lembrem-se, a América nunca teve fundadores,
ela sempre foi minha.
Podem acreditar,
eu sou o cafetão que construiu essa bosta,
você?
Você não é nada além de minha puta.

O capitalismo, em sua roupagem neoliberal, expropria a própria vida. Nos tornamos uma sociedade apática, refletindo na saúde, em como nos alimentamos, em como dormimos, em como nos relacionamos, em como nos cuidamos, nos subterfúgios que

¹⁴ Porsha. Capitalism. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhHU3Lus45M> [versão legendada]. Porsha é slammer norte-americana, estive na 8º FLUP, a conheci como indicação na escuta do podcast Minas Pretas.

buscamos para dar conta, nos números assustadores de quem não dá conta. Números que são de suma preocupação para a saúde coletiva. Estatísticas que foram agravadas pela experiência de viver uma pandemia, que embora em outra proporção de mortes, ainda está circulando entre nós. Neste ponto, alerta para a necessidade de olharmos para de que forma acontece o abuso da vida em cada corpo, observar sua raça/cor, classe social, gênero, sexualidade. Retomar a interseccionalidade dos sentidos.

Campo de pesquisa: um traçado em ato

Este percurso de pesquisa foi guiado pela seguinte questão: **O que reverbera da conversa entre slam e universidade que contribua para mobilizar pensamento e ação para o encontro, a (trans)formação e o cuidado?** Pergunta que enunciei em voz alta em muitos momentos do percurso, para que pudesse ouvir minha própria voz, a trouxe em negrito para marcá-la. Uma questão-guia que apresenta uma tessitura entre saúde e educação, áreas do conhecimento que dançam juntas na minha travessia como educadora, pesquisadora, trabalhadora na assistência ou na gestão.

Munida de minha questão-guia, me lancei ao percurso de pesquisa como quem traça um mapa, (ar)riscado durante a própria travessia, *territórios de sentidos*, fronteiras de verbos. Para orientar o traçado do caminho, tive como inspirações metodológicas: a etnografia, do “ser afetado” de Jeanne Favret-Saada (Siqueira, 2005) e da abertura ao encontro (Martin, 2022); a cartografia (Rolnik, 2014; 2018, Passos; Kastrup e Escóssia, 2015); a vocigrafia de Roberta Estrela D’Alva (Nascimento, 2019) e a espantografia de Alberto Pucheu (2021).

Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, é bem-vindo, seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quando

de uma conversa ou de um tratado de filosofia.
(Rolnik, 2014, p.65).

Um movimento de pesquisa que foi fruto de sementes inventivas, criativas e sensitivas, não contou com protocolos prévios, tampouco certezas futuras. Neste caso, o movimento exigiu um rigor apuradíssimo para os sentidos. Sentidos apurados para além do umbigo, que teceram sentidos no encontro. No encontro com vozes.

A pesquisa pediu abertura para o que pedia passagem e sensibilidade para “reconhecer a copresença de diferentes saberes e a necessidade de estudar as afinidades, as divergências, as complementariedades e as contradições”, uma construção para além das polaridades.

A tese carrega uma marca, foi escrita durante a Pandemia de Coronavírus, embaralhada ao ensino remoto da filha, aos protocolos de cuidado com o vírus, a dor com os números crescentes de mortes, a ansiedade pela vacina, a precariedade das bolsas de pesquisas sem reajustes há anos, a dificuldade de pagar os boletos, a insegurança alimentar e emocional, e o efeito disso tudo no corpo.

Como a Pandemia afetou as pesquisas? E a vida de quem pesquisa? No caso do campo desta pesquisa, *slam* e universidade, espaços-arenas recheados por presencialidades, ambos foram esvaziados. Tanto nos *slams*, como nas universidades, as vozes passaram a reverberar por intermédio de aparatos tecnológicos. Redes tramadas em plataformas digitais ganharam o contorno da tela do computador e/ou celular.

Uma tese que teve seu projeto escrito e qualificado em virtualidade, durante o isolamento social. Ao longo do último ano da escrita, as aulas e os *slams* retomaram seus lugares, que já são outros lugares, sentindo cada qual ao seu modo, os efeitos da covid-19.

Diante deste cenário, para me aproximar e desenhar o território de pesquisa, considerando os cenários possíveis, adotei alguns hábitos metodológicos:

- ✓ Em presencialidade, quando possível: participei em arenas de *slam* como ouvinte e experimentei a sensação da performance.
- ✓ Em virtualidade: assistir vídeos; lives, acompanhar redes sociais de *slams* e *slammers* de diversas partes do mundo, assim como, outras tantas páginas e perfis que contribuíram ou poderiam vir a contribuir com a pesquisa. Destaco aqui a escuta de *podcasts*.

Tanto em virtualidade, como em presencialidade, realizei anotações em diário de campo (bloco de notas), as quais revisitei para a escrita, seus fragmentos aparecem na cor azul tecendo o texto.

Notas sobre podcast

O *podcast* tornou-se uma “alternativa tecnológica de construção do conhecimento, ressaltando-se suas características de viabilidade de produção e amplitude de difusão” (Arruda; Sodré; Cardoso Filho, 2021, p. 565). O seu surgimento está,

associado ao aparecimento dos *blogs* no ambiente da Internet, mais especificamente aos audioblogs desenvolvidos a partir do ano 2000, utilizando gravações de áudio em formato MP3 (Arruda; Sodré; Cardoso Filho, 2021, p. 564).

No Brasil, o *podcast* apresenta um largo crescimento a partir de 2008, no entanto, no que se refere à Educação, há pouco aproveitamento dessa “tecnologia reprodutora de oralidade”, principalmente, na “educação formal”, pois “percorreu um caminho que lhe aproximou da educação, entretanto, ainda relativamente distante da Escola” (Freire, 2017, p.65).

Durante a pandemia o *podcast* também mostrou-se como uma alternativa para o grupo de docentes e discentes dos cursos de licenciatura em História e Letras, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) que criaram o *podcast* “Vozes na Pandemia”, trinta episódios, publicados entre maio e agosto de 2020, uma experiência que, de acordo com o grupo, “contemplou satisfatoriamente o tripé ensino, pesquisa e extensão”.

A experiência mencionada de UFVJM, além da “interação entre as quarenta e quatro pessoas que emprestaram suas vozes e narrativas para o *podcast*”, também “estão os ouvintes, um grupo que não é possível quantificar, mas que pode albergar pessoas de diferentes lugares geográficos e sociais. Desta forma, ao propagar-se pelas “ondas da Internet”, o *podcast* ultrapassa os limites restritos da universidade” (Arruda; Sodré; Cardoso Filho, 2021, p. 572).

O campo de pesquisa e suas fronteiras digitais

Nessa escrita, os *podcasts* foram um acontecimento casual, no entanto, tornaram-se uma forma de manter a escuta viva/ativa durante a pandemia.

“O *podcast* é o retorno da voz”, disse Estrela D’Alva (POD1E1.2020), no primeiro episódio de *Minas Pretas* - primeiro dos *podcasts* que me encontrei, o escutei enquanto ia comprar mantimentos no primeiro dia de isolamento social. Enquanto ouvia, senti que tinha um campo aos meus ouvidos. Foi com esta sensação viva que escutei aos demais episódios - gravados com as participantes do Slam da 8ª FLUP, com participação exclusiva de *poetas-slammers* negras.

Uma escuta que virou escrita, ensaio de campo para a construção do projeto de tese, na época intitulado: *Mulheres, poesia, universidade: costurando uma língua que faça pontes*. O projeto foi apresentado e aprovado em outubro de 2020, em plataforma digital.

Sobre o ritual acadêmico de qualificação de projeto de tese, destaco, que foi uma estupenda oportunidade de encontro e conversa, de alinhavar a escrita, de ampliar as perspectivas do olhar, ouvir mundos outros. Sou muito grata à universidade por esse encontro, sou muito grata à banca examinadora por topar, a orientadora pela aposta, ao grupo de pesquisa pelas trocas, construções e amizades. Sobre o ritual da arena de qualificação, apresento fragmentos da memória, exposto em rede social:

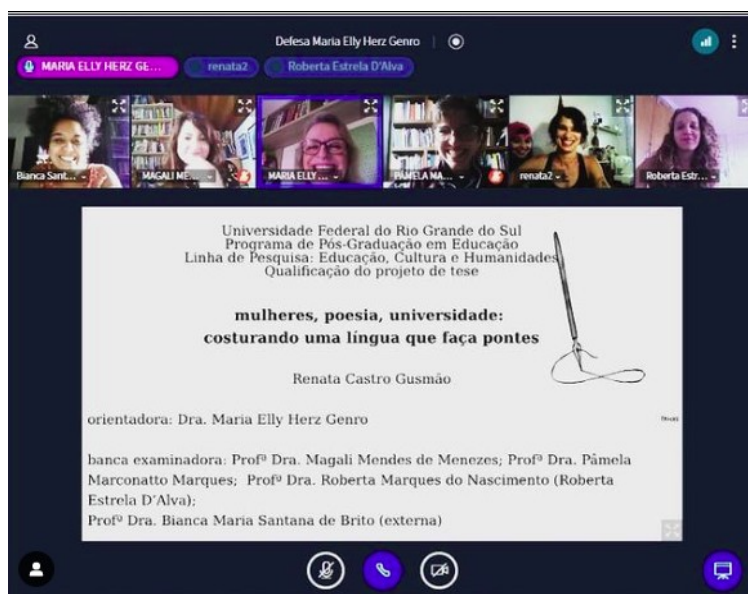


Imagem 14: *print* qualificação (arquivo pessoal)

[@renatagusmao_poa:](#)

[...] Pela manhã a invenção de um ritual relaxante de bruxarias entre três gerações de mulheres. de tarde, um ritual acadêmico, a qualificação do meu projeto de tese: mulheres, poesia, universidade: costurando uma língua que faça pontes - gratidão a minha orientadora Maria Elly Herz Genro, a banca examinadora, formada por mulheres maravilhosas: Magali Mendes de Menezes, Pâmela Marconatto Marques, Roberta Marques do Nascimento (Roberta Estrela D'Alva), Bianca Maria Santana de Brito. uma conversa de deixar as borboletas tudo doidas

voando na barriga! sugestões generosas, respeitadas, questionamentos, poesias e teorias. corazonar um percursos de pesquisa, que contribua com novas palavras e com novos sentidos. pessoas especiais na sala, compondo esse jeito pandêmico de encontro possível. sobre a sala: quantas salas cabem numa sala? apresentar na mesa da sala de estar, com o pai e a mãe assistindo no sofá, a filha no colo, um ritual familiar tão amoroso. na tela do computador, um encontro de salas, numa mesma sala [...].

Como manda o protocolo acadêmico, escrevi o projeto de tese como um ensaio para os passos que se sucederiam. Na impossibilidade da presencialidade, da performance de uma arena de *slam*, foi o *podcast Minas Pretas* que puxou o fio da escrita. Uma conversa cheia de trava-línguas, uma escuta que cutucou privilégios que passam despercebidos, normalizados e atravessam a vida como um molde para a costura. Uma escuta que mexeu comigo. Mais uma vez, fui tomada pela sensação de espanto. Vozes que foram transcritas, textos rabiscados, lidos e relidos, “já ditos” que foram recortados, costurados em conversa com outras referências. Uma língua que precisou ser construída para costurar a conversa.

A ideia de trabalhar com *podcast* apareceu como bem-vinda pela banca examinadora durante a qualificação, compartilho um trecho do parecer de Pâmela Marconatto Marques:

Gostei muito da decisão de incorporar o *podcast* da Pretalab como material de campo. Tenho pensado muito, ainda mais em contexto pandêmico, em como não extenuar nossas interlocutoras com nossas pesquisas, como não produzir exaustão. Partir de um material em que as interlocutoras fazem sua aparição como plenas criadoras me parece um jeito de fazer isso. De não desperdiçar esse mundo já traçado, de ouvir o que se fala quando as perguntas geradoras não são aquelas formuladas pela pesquisadora e que respondem a temporalidades quase sempre estranhas às urgências com que a vida nos interpela.

Tudo isso serve pra pensar que, ainda que partamos do pressuposto de que entrevistas em profundidade, historias de vida, podem ser ferramentas metodológicas capazes de trazer à tona mais densidade, mais complexidade à pesquisa, em alguns casos essa decisão implica em mais um encargo a ser assumido por nossas interlocutoras, mais uma demanda a qual responder além das urgências cotidianas, capaz de esgota-las, exauri-las. Não sei se esse é o caso aqui, mas é importante que possamos levar isso em consideração. Uma pesquisa que se propõe a ser cuidadosa, a assumir um paradigma de cuidado, deve se perguntar se o modo como está pensada e programada para se realizar não será extenuante. Nesse caso, assumir uma série de podcasts como campo é fazer um giro nesse sentido.

Ainda sobre o uso de *podcast*, no mesmo dia da qualificação, também acontecia a 9ª FLUP, Roberta Estrela D'Alva, que compunha a banca examinadora, também era curadora do *slam* da FLUP. À noite, me enviou uma mensagem por *whatsapp* para informar que nessa edição também seria gravado o *podcast* do *slam cuir*, com *slammers* LGBTQIAPN+, que participavam do *slam* daquele ano. Ao finalizar, Roberta frisa sobre a importância da voz nesta pesquisa. Corri atrás dessa afirmação durante todo o percurso.

Desta forma, na sequência, ampliei a escuta para o *podcast Pimenta no Cúir*, escutei seus 9 episódios. E mais uma vez a escuta tensionou as fronteiras da visibilidade ou da escutabilidade. Uma escuta que seguiu se ampliando, uma língua que seguiu se costurando para dar conta da narrativa. A cada escuta, conhecia de ouvido outras referências, que foram compondo os territórios com sentidos.

Durante a caminhada da pesquisa, uma das perguntas mais recorrentes que escutava: Tu não vais fazer entrevistas? Um questionamento que sempre provocava reverberações, me exigia pensar nas minhas escolhas. Iniciei a pesquisa imaginando que faria entrevistas (as chamava de conversa), que observaria arenas de *slams*.

Então veio a Pandemia, e, com a ela, veio também a escuta de *podcasts*. Ao longo das escutas, fui sentindo coisas, o

espanto mais uma vez me atravessava, quanto mais ouvia menos sentido fazia a ideia de realizar entrevistas. Uma escuta, levava à outras escutas, à outras produções, à um mundo de expressões, já havia tantos ditos. Percebi que o que precisava fazer era escutar o que diziam, ao invés de querer que dissessem em função da minha pesquisa. Procurei minhas respostas em seus já ditos.

A Pandemia e a virtualidade trouxeram consigo uma quantidade enorme de conteúdo, de informações, além dos *podcasts*, também acompanhei *lives*, seminários, congressos, aulas etc. Assisti e ouvi muitas coisas, às demandas da vida íntima foram embaralhadas às demandas da pesquisa, ocupando a mesma tela, separadas por janelas.

Por conta do contexto pandêmico, a poesia de *slammers*, suas vozes, compuseram meu cotidiano, provocaram boas conversas na cozinha, lugar mágico da casa, onde as amigas se reúnem ao redor da mesa, para compartilhar ideias, artes, comes e bebes, filosofamos metodologias, inventamos maternidades, falamos poesias, construímos teses e manifestos. Cenários de intimidade que também tecem com fios da vida essa tese. Uma tese emaranhada na vida. Uma tese viva. Escrevi na parede do quarto, como um lembrete: tese com tesão! Escrever esta tese foi um respiro para atravessar tudo que asfixiava no contexto da escrita.

Ao incorporar os *podcasts* como material de pesquisa, as vozes de *slammers* passaram à material de interlocução da pesquisa, exigindo sentidos para o rigor metodológico, uma implicação política. Escolher uma posição de narrativa que não estivesse desarticulada das políticas que estão em jogo: políticas de saúde, de educação, de pesquisa, da subjetividade, da cognição (Passos e Barros, 2015, p.151). Um outro sentido que é encarnado de “experiência” (Larrosa, 2016).

A Pandemia trouxe consigo muita informação, informações de fontes diversas, como lembra Larrosa, “a informação não é experiência”, “ela não deixa lugar para a experiência” (2016, p. 18). Portanto, para que houvesse experiência, foi

necessário suspender a pressa, ouvir com calma, criar contornos para ajustar o foco da escuta. Para tal, um dos grandes desafios para a construção dos territórios de sentidos, foi manter os sentidos apurados para dar conta do rigor que a escuta exigia. Sentidos apurados pelo coração.

[o coração] é como um espaço que dentro da pessoa se abre para acolher certas realidades. Lugar onde se abrigam os sentimentos inextricáveis, que saltam sobre os juízos e o que se pode explicar. É largo e também profundo, tem um fundo de onde saem as grandes resoluções, as grandes verdades que são certezas. E às vezes arde nele uma chama que serve de guia em situações complicadas e difíceis, uma luz própria que permite abrir passagem onde parecia não haver caminho algum; descobrir os poros da realidade quando se mostra fechada. (Zambrano, 2008, p.64 [tradução própria]).

Corazonar um caminho pesquisa. Trazendo o *corazonar*, como um caminho de “preservação da vida”, como diz Patricio Arias (2020), que fala da necessidade de “poetização da teoria”, “por isso canto os textos”, complementa. O *corazonar* como um caminho em comunhão com o continente, *abya yala*, como chama o povo Kuna “terra viva, terra em florescimento”.

Foi essencial para a escrita desta tese, aprender a erguer pontes pelas palavras. Elos de referências, poesias em concretos. Se a leitura de Lélia Gonzales, Rita Segato, Silvia Federici, Maldonado-torres, entre outres, realizada em grupo de pesquisa, me alertaram sobre a urgência de descolonizarmos a universidade e construirmos nossas pesquisas calcadas em epistemologias advindas de outras geografias éticas. Foi na escuta de poetas-*slammers* que encontrei as vozes que guiaram esse processo, erguendo pontes pela poesia. Conexões em rimas pulsantes, ritmadas pelas batidas dos corações.

O slam também encontra-se nesse movimento de ampliar as conexões ancestrais com o Continente Americano, como conta o poeta-slammer mexicano Comikk, sobre a criação do *Abya Yala Poetry Slam*, que teve sua primeira edição em virtualidade, na FLUP de 2020 (esta edição não teve podcast).

Pois para nós é importante radicalizarmos o afeto e também a memória ancestral do nosso território e por isso decidimos nomear de Abya Yala (Comikk, 2022, p. 293).

Ao corazonar um caminho, fronteiras se desguarnecem. Fronteiras, que no caso das vozes desta tese, não são geográficas. Ao assumir o digital como a plataforma de construção do território de pesquisa, uma outra cartografia se colocou enquanto possibilidade de percurso. Foi necessário transver as próprias fronteiras ao trilhar.

Diante do exposto, os *podcasts* se mostraram o campo possível aos ouvidos. Mergulhei no mar da escuta, até ter a atenção fisgada. Foi neste ponto, que a atenção mudou de escala, o que Kastrup (2015) chama de *gesto de pouso*, “indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom” (p.43). Pousei nas vozes de *slammres*, sem pressa, apesar dos áudios digitais contarem com o recurso de aumentar a velocidade da escuta em até 3,5 vezes, sempre escutei na velocidade 1,0 para manter o ritmo da voz proposto.

O mar desta escuta é composto por 4 podcasts: Minas Pretas, Pimenta no Cúir, Preta Galáctica e Slam Rotina. Envolvendo 21 episódios e 36 *poetas-slammers*.

Para lidar com esse material: ouvi, senti, anotei em diários de campo sensações, conexões, transcrevi o que podia interessar para a pesquisa, transformei voz em escrita, analisei, salvei em uma pasta própria. Ouvi de novo depois de um tempo, já foi outra escuta, o ouvido se deteve em outros detalhes, anotei mais coisas, transcrevi mais outras, em um ato de “reconhecimento atento” (Kastrup, 2015, p.44).

A construção desta pesquisa não se tratou de um caminhar por territórios conhecidos, “mas produzir conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa, o que envolve a atenção e, com ela, a própria criação do território de observação” (KASTRUP, 2015, p. 45). Os territórios que se formam pela observação realizada pela escuta os chamei de *territórios de sentidos*.

Territórios criados a partir de um movimento, que batizei carinhosamente, de “curadoria de já ditos”. Com inspiração nas curadorias de arte, pelo trabalho de estudo e seleção do material exposto. Enquanto curadora de vozes, fiz o mesmo movimento.

O intuito desta curadoria foi entender e cartografar as intensidades que percorriam o corpo. Entender, neste caso, “não tem nada a ver com explicar muito menos com revelar”, como lembra Rolnik (2014, p.66). O que a cartografia deseja é “mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem” (Rolnik, 2016, p. 66).

Durante o percurso, realizei algumas aproximações para validar o uso dos “já ditos”, em um movimento de descolonizar o uso das palavras - que apesar de estarem disponíveis na internet, representam uma versão que já passou. Escrevi para as *poetas-slammers* para buscar autorizar o uso de suas palavras, ou se sentiam confortável com a costura realizada pela escrita, e como gostariam de assinar a autoria da fala. Uma aproximação que me deixava ansiosa, sentia receio de haver mordido a língua em algum ponto da escrita. Nesse movimento, troquei mensagens com algumas *slammers* por *instagram*, *whatsapp* ou *e-mail*. Algumas pediram para ler, outras autorizaram sem ler, cada *slammer* aconteceu de uma forma, houve quem eu não consegui acesso.

Como toda pesquisa, precisei delimitar uma fronteira para o território ouvido, ajustar o foco dos sentidos, chegou um dado momento que parei de ouvir e guardar para tese novas informações, pois precisava deter a atenção da escuta nas vozes que já havia ouvido.

Territórios poéticos-digitais criados pelo movimento de pouso, pela voz e pela escuta. Fronteiras provisórias erguidas até onde os ouvidos alcançaram, respeitando o tempo estabelecido para conclusão.

Para organizar a escuta e a leitura, realizei a curadoria desse material. Elaborei um catálogo das vozes, que o apresento como próximo ponto, como um “fichamento” da escuta.

Catálogo de vozes



Imagem 15: conversa com parede V. @katebelli (arquivo pessoal)

Este catálogo é composto por vozes escutadas que constroem de sentidos os *territórios de sentidos*. Vozes que foram catalogadas por um código: nome de slammer, POD(nº) – representando o número do *podcast*; e E(nº) – representando o número do episódio (o nº respeita a numeração estabelecida pelo *podcast*), seguido do ano, por exemplo, POD1E1.2020 refere-se ao *podcast* nº 1, 1º episódio, publicado em 2020. O código aparece acompanhando as vozes ao longo do texto.

As vozes que aparecem ao longo do texto, também compõem o catálogo das referências teóricas, junto com as demais referências. As vozes ao serem trazidas, seguem uma fonte diferenciada de carácter, além de estar acompanhada de uma imagem miniatura da capa do *podcast*.

A imagem no canto superior esquerdo é de Kate Belli, está estampada no concreto do parque Marinha do Brasil, de frente para o Guaíba, a fotografei enquanto pedalava. A artista espalha a escuta pela cidade. ←

O catálogo é composto pelo *print* da capa dos *podcasts* e seus episódios, seguidos pela descrição do episódio e de cada *slammer*, acompanhando o *link* para a escuta. Para as descrições, aproveitei as informações dos próprios *podcasts*, com acréscimos quando necessário complementação. Uma composição de vozes que falam de um momento pandêmico. Vozes que foram ao ar entre 2020 e 2021. O catálogo consta de:

- 4 podcasts: Minas Pretas; Pimenta no Cúir; Preta Galáctica; Slam Rotina.
- 21 episódios.
- 36 slammers.

POD1. PretaPod(e): Minas Pretas



Imagem 16: Print podcast I

Descrição do podcast: Minas Pretas é a série que inaugura o PretaPod(e), podcast da PretaLab. Nesta série especial, batemos um papo com as principais vozes do slam do Brasil, durante o Rio Poetry Slam, organizado pela Flup 2019. O podcast foi ao ar em 2020, no início da pandemia.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/3mDtVIidAh2lh3Pfr2yhXF?si=XzIFCqizRyyjip5uU6KRcA>

POD1.E1 — Minas Pretas: Roberta Estrela D'Alva

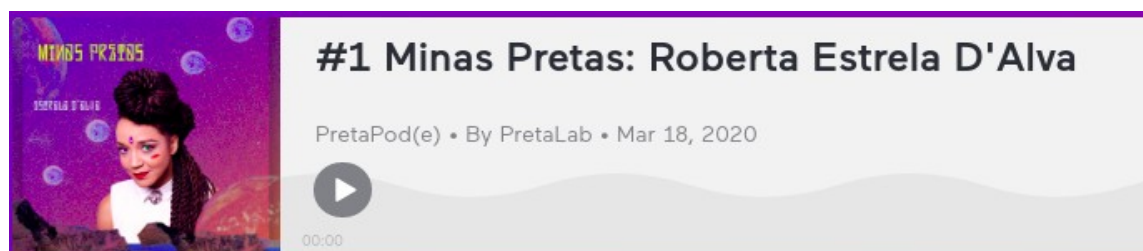


Imagem 17: Print podcast II

Descrição do episódio: O primeiro episódio dessa temporada não poderia ser com ninguém além de **Roberta Estrela D'Alva**, curadora que reuniu as 16 maravilhosas mulheres que dão voz a essa série de podcasts. Roberta Estrela D'Alva é atriz-MC, diretora, pesquisadora, produtora cultural e poeta. Tornou-se sinônimo de poetry slam desde que descobriu essa plataforma de spoken word, e lá se vão 12 anos. Criou, desde então, o ZAP! Slam, o SLAM BR e o Rio Poetry Slam, esse último em parceria com a Flup. Também vieram da sua cabeça empoderada o filme "Voz de Levante", uma radiografia mundial de poetry slam, e, agora, a sua tese de doutorado, que tem o título de "Vocigrafias". Idealizadora das maiores e mais instigantes batalhas

poéticas do país, ela é a curadora do Rio Poetry Slam desde a primeira edição.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/02Ti7m8o6cLbNZiPdYguz8?si=a248c422eade4086>

POD1.E2 — Minas pretas: Kimani e Midria



Imagem 18: Print podcast III

Descrição do episódio

Kimani é poeta, compositora, cantora e preta paulistana. Em 2017 venceu o Slam SP, foi vice do Slam BR e esteve no FLUP Slam Nacional, no Vidigal. Já dividiu palco com MV Bill, abriu shows do Rincon Sapiência, Chico César, Baco Exu do Blues e Bixiga70. Em 2019 viralizou com o vídeo-manifesto "Mostra pra eles, mulher", divulgação da série "The Handmaid's Tale" ("O Conto da Aia"). É formada no Senac em gestão de RH e técnica educacional especializada em educação social de meninos do centro da juventude de Vargem Grande. Mora no Grajaú, Zona Leste de SP e hoje é gerente de projetos na produtora Mandril Áudio.

Midria é estudante de Ciências Sociais, poeta, slammer, slammaster do Slam USPerifa e membra do coletivo Sarau do Vale. Em 2018 venceu o ZAP! Slam e viralizou com a poesia "A menina que nasceu sem cor". Tem duas fanzines publicadas e vem do extremo leste de São Paulo, do bairro Recanto Verde Sol. Em 2019, ela foi pro SLAM SP representando o Slam das Minas. Já se apresentou na Pinacoteca de São Paulo, no Itaú Cultural, no Instituto Tomie Ohtake, na Bienal de SP e também ministra oficinas em escolas paulistas. Idealizadora do podcast Preta Galactica, que aparece mais adiante neste catálogo.

As duas escreveram para o livro "Empoderamento feminino", uma coletânea de slammers de todo o Brasil.

ouçã aqui:

<https://open.spotify.com/episode/4j3FFGlnwJJ3KnFVvuW2Bt?si=60a09ead59b14ff5>

POD1.E3 – Minas Pretas: Maria Duda e Luna Vitrolira



Imagem 19: Print podcast IV

Descrição do episódio:

Maria Duda é carioca, escritora, poeta e estudante de Relações Internacionais na UFRJ. Ela participou do ciclo de formação Poesia Preta e foi a campeã do Slam Pequena África, ambos realizados pela Flup, em 2018. Em 2019, a Flup e a Editora Malê publicaram o seu livro, Navio Negreiro.

Luna Vitrolira é pernambucana, escritora, compositora, atriz, performer, professora de literatura brasileira e pesquisadora da literatura oral. Ela também é produtora e idealizadora dos projetos de circulação nacional: "De Repente uma Glosa", "Estados em Poesia" e "Mulheres de Repente" e publicou, em 2018, o seu livro de estreia, "Aquenda: o amor também é isso."

ouça aqui:

<https://open.spotify.com/episode/1dLRKNW4vi43rvfWrJ7IwS?si=4a2e7d41ee794eda>

POD1.E4 — Minas Pretas: Rafa Rasta e Negabi



Imagem 20: Print podcast V

Descrição do episódio:

Rafa Rasta - nome artístico de Rafaella Felix - é slammer e diz sempre ter sentido a necessidade de falar sobre o sofrimento do povo pobre e preto, sobre o descaso e abandono. E foi no rap e na poesia que encontrou força para protestar e caminhos para se expressar.

Gabriela Silva - a Negabi - é poeta, atriz, ativista feminista e surda, recita suas poesias em Libras em performances emocionantes. Competiu no SLAM BR 2018 e é a representante do Paraná no FLUP Slam Nacional.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/7ouNPnajWvOrb42xGytX3w?si=zF02Bkt0QH-ln0dbdSKHOA>

POD1.E5 — Minas Pretas: Jazz e Kika



Imagem 21: Print podcast VI

Descrição do episódio

Jazz nasceu em Minas Gerais, mora em Morro das Pedras, poeta marginal e compositor. Tem 23 anos e já representou Minas Gerais no SLAM BR em 2017. Em 2018, ela ficou em quarto lugar na Flup Slam Nacional.

Kika Sena é arte-educadora, atriz, escritora, poeta e performer. É alagoana, radicada no Distrito Federal, onde faz mestrado em Artes Cênicas, na UnB. Lançou em 2017 o seu segundo livro, “Periférica”, pela Padê Editorial, antecedido por “Marítima”.

Ouçã aqui: https://open.spotify.com/episode/4L7jUW4STl20prMdrNtlbk?si=SJyg00jds_-90g8VQeB1mg

POD1.E6 — Minas Pretas: Agnes e Valentine

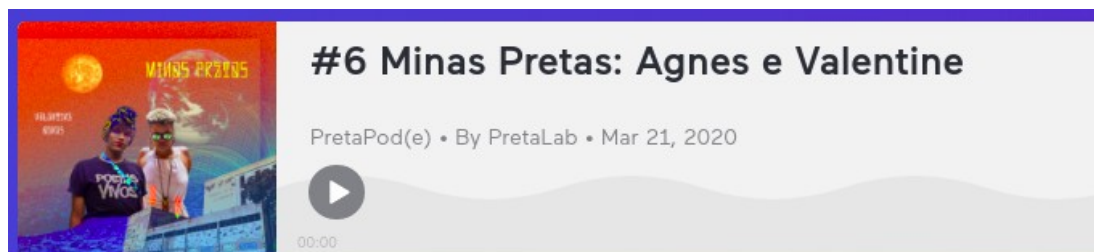


Imagem 22: Print podcast VII

Descrição do episódio:

Valentine é mulher trans, negra e brasileira, de Duque de Caxias, município da baixada fluminense. Ela chegou há pouco tempo na cena carioca, é a única mulher trans slammer do Rio de Janeiro, mas já venceu a primeira edição do Slam Maré Cheia, a edição de 2 anos do Slam Laje e a edição de 2 anos do Slam das Minas RJ, se tornando uma das maiores revelações da cena dos Slams cariocas em 2019. Só em 2019, ela já venceu 10 edições de slams. Ela também ficou em segundo lugar na FLUP Slam Nacional de 2019, participou do Rock in Rio e faz parte do coletivo Poetas Vivos.

Agnes Cardoso é escritora, poeta, produtora e slammer, é também a primeira campeã nacional de Slam em dupla, junto com Felipe Deds, e foi vice-campeã da Flup Slam Nacional 2018. Acadêmica de Letras, ela atua como orientadora social e professora de inclusão de educação infantil. É idealizadora do coletivo Poetas Vivos, autora do zine independente “Nega Diaba na cidade de Deus” e representou o Rio Grande do Sul na Flup Slam Nacional 2019.

Ouçá aqui: <https://open.spotify.com/episode/6ZwerjPGeJiIyDhZ4tJBMG?si=Xbgcg0OpOr6YUCi0Z2qg9A>

POD1.E7 — Minas Pretas: Tawane e Briela G



Imagem 23: Print podcast VIII

Descrição do episódio:

Tawane Theodoro é poeta marginal e slammer, cria do Capão Redondo, foi campeã do SLAM SP 2018, do Slam das Minas SP no mesmo ano e participou do SLAM BR 2018. É uma das organizadoras do Sarau do Capão e do Slam do Bronks.

Gabriela Oliveira (Briela G) é rapper, poeta, militante negra, produtora e universitária. Recifense, cresceu na Favela do Curado e começou na poesia marginal aos 15, em batalhas de MCs. Hoje mora na Bahia, mas já produziu o Slam das Minas PB e o Baile Black, festa inspirada nas africanidades.

Ouçá aqui: <https://open.spotify.com/episode/2yhVjiBDtRA21WURisYOD8?si=GFp14oaBS6iaNRjImu7YDQ>

POD1.E8 — Minas Pretas: Gênesis e Meimei



Imagem 24: Print podcast IX

Descrição do episódio:

Genesis é escritora, griottes, poeta, slammer e uma das organizadoras do Slam das Minas RJ. Ela já publicou seu primeiro livro infantil "Cadê Martin?" pela Chiado Editora, seu livro de poesia "Delírios de (R)existência" pela Padê Editorial e participou em coletâneas e zines, com poesias inspiradas na resistência e protagonismo do corpo da mulher negra. Esse ano, ela participou do Rock in Rio, no palco Favela, junto com outros slammers.

Meimei Bastos é do Distrito Federal, poeta, escritora, formada em Artes Cênicas na UnB, produtora cultural, arte-educadora e coordenadora do Slam Q'BRADA. Em 2015, ela venceu o primeiro Slam das Minas DF, e publicou seu primeiro livro, "Um verso e mei", pela Editora Malê. Mãe e moradora de Samambaia, a autora organiza ainda uma série de encontros para promover a poesia falada em diferentes regiões administrativas da cidade.

Ouçã aqui: (<https://open.spotify.com/episode/55wv3YZdRFZf0ax1ZtaCw9?si=2b3e6e0a7e094bb9>)

POD1.E9 — Minas Pretas: Roll e Nati de Poesia

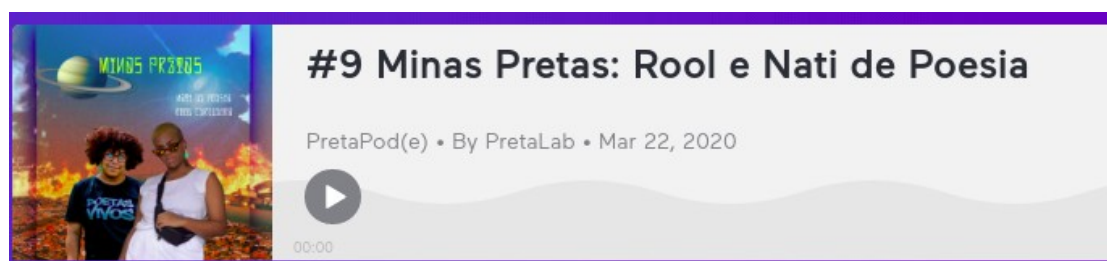


Imagem 25: Print podcast X

Descrição do episódio:

Rool tem 21 anos, é mulher preta sapatão, de Cajazeiras, periferia de Salvador. Ela estuda artes na UFBA, é atriz, artista de rua, produtora cultural e integra os movimentos "Coletivo Zeferinas" e "Poetas Vivos". Foi campeã baiana de slam em 2017 e representa o Slam das Minas BA aqui na FLUP Slam Nacional.

Natielly Castro, a Nati de Poesia, é acadêmica de Filosofia na Federal do Acre, onde pesquisa o impacto da arte nas periferias e encarceramento em massa. Feminista negra, neta de quilombola, militante do movimento de mulheres e combate ao racismo. Ela também é palhaça e idealizadora do Slam das Minas/AC e integrante do coletivo "Poetas Vivos" e do "NEGA".

Ouçã aqui: https://open.spotify.com/episode/6cpycigSgL8pmvQvBrWtUS?si=Ft6xMp5hRLSYMM_82L_YwQ

POD2. Pimenta no Cúir

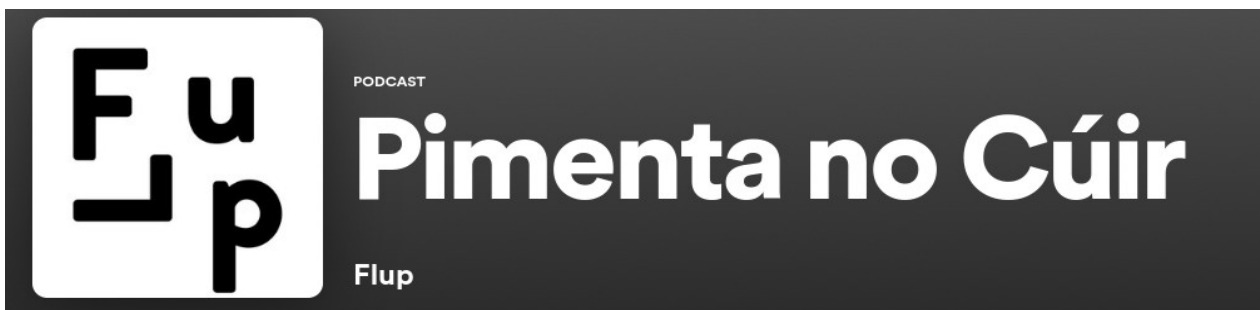


Imagem 26: Print podcast XI

Descrição do podcast: é o Podcast da Flup. Ele foi gravado em 2020 com xs curadores e xs poetas que participaram do Slam Cúir. O slam é uma batalha de poesia, que na Flup de 2020 contou somente com participantes Lgbtqia+. Neste anos, por conta da pandemia, o slam da flup aconteceu em virtualidade. O podcast foi ao ar em 2021.

POD2.E1 — Pimenta no Cúir: Estrela D'Alva e Tom Grito



Imagem 27: Print podcast XII

Descrição do episódio: Nesse primeiro episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com xs curadores do Slam Cúir: **Roberta Estrela D'Alva** é atriz-MC, diretora, pesquisadora, produtora cultural e poeta. Tornou-se sinônimo de poetry slam desde que descobriu essa plataforma de spoken word, e lá se vão 12 anos. Criou, desde então, o ZAP! Slam, o SLAM BR e o Rio Poetry Slam, esse último em parceria com a Flup. Também vieram da sua cabeça empoderada o filme “Voz de Levante”, uma radiografia mundial de poetry slam, e, agora, a sua tese de doutorado, que tem o título de “Vocigrafias”. Idealizadora das maiores e mais instigantes batalhas poéticas do país, ela é a curadora do Rio Poetry Slam desde a primeira edição.

Tom Grito, poeta, entusiasta da cena dos slams, saraus e poesia no Brasil, um dos fundadores do tagarelas, o 1º slam do RJ em 2013 e também do slam das Minas, em 2019 participou da fundação do coletivo transpoetas, mesmo ano que lançou seu livro: antes que seja tarde para se falar poesia.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/6nxxnWx3XHvtMLKeo2bWc5n?si=4jzTxzGgOSSArYEcn1zd90>

POD2.E2 — Pimenta no Cúir: Bixarte e Julian



Imagem 28: Print podcast XIII

Descrição do episódio: Nesse segundo episódio, nossa entrevistadora Dani Nega fala com essa dupla de poetas trans da Paraíba:

Bixarte, 19 anos, campeã do Slam Cúir, poeta, cantora, bicampeã estadual do slam paraíba e finalista do slam Brasil de 2019. Do RAP paraíbano, 2 álbuns lançados, o primeiro chamado Revolução e o segundo Faces. Sucesso na internet, com mais de 270.000 seguidores.

e **Julian**, músico, ativista de Campina Grande, homem trans, ocupado um espaço importante nos debates da interseccionalidade entre a transmasculinidade e da arte. Lançou seu primeiro álbum chamado Transrevolução.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/6AjYe5NVB5jnirn9ZJ06CJ?si=0Q-0GLniOnyi7XuLfXrcEQ>

POD2.E3 — Pimenta no Cúir: Abigail Campos Leal e Luiza Loroza

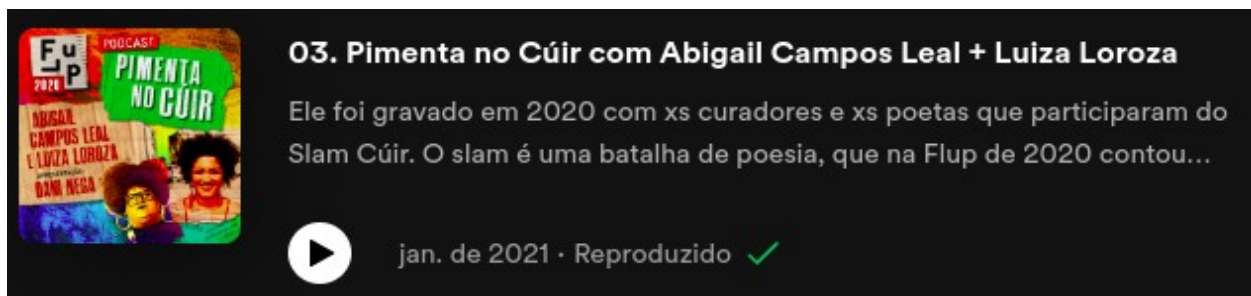


Imagem 29: Print podcast XIV

Descrição do episódio: Nesse terceiro episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com

Abigail Campos leal, atua entre os limites da filosofia e da poesia, doutoranda em filosofia pela PUC/SP, compõe a organização do slam marginália, autora do escuirecendo e do ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero.

e **Luiza Loroza**, vencedora do slam das minas de 2019, atriz, cantora, diretora e poeta. Segundo lugar no Slam Cúir.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/63iisSXpVD3rOfUp3zykOx?si=bd5411c16dab4a03>

POD.E4 — Pimenta no Cúir: Nega Preto e Bicha Poética

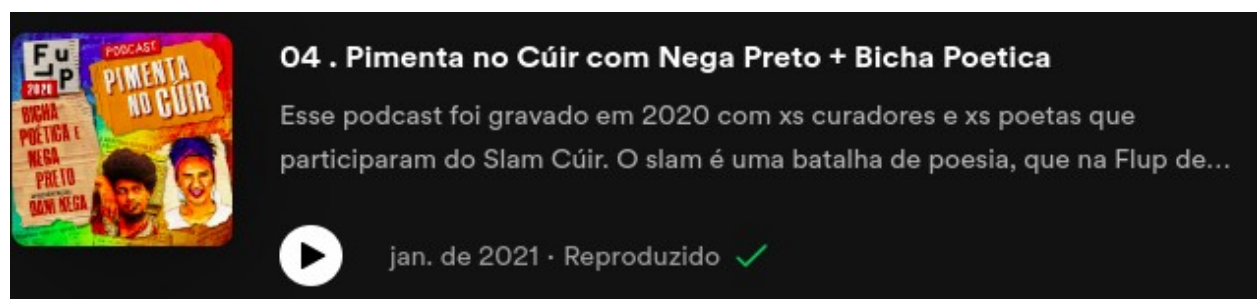


Imagem 30: Print podcast XV

Descrição do episódio: Nesse quarto episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com

Bicha Poética, natural de Sobrau, 25 anos, bicha, preta, não binária, escritora, multiativista, produtora cultural e criadora de conteúdo virtual sobre poesia, vidas negras, , LGBTQIA+. Participa da organização do slam do Ceará.

e **Nega Preto**, Petrópolis/RJ, artista independente, não binarie, bissexual, cria poesia desde a infância, estreou sua carreira musical em 2011, unido RAP e outros ritmos da música originários preta, a batucada, o funk, soul, dois álbuns lançados: Nossa raiz e Té, a ovelha negra.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/2oHBTj71pMfZNSAJ5TmG9o?si=f180e2b4e6de4c3e>

POD2.E5 — Pimenta no Cúir: Natália Pagot e Patricia Meira



Imagem 31: Print podcast XVI

Descrição do episódio: Nesse episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com

Natalia Pagot, poeta, preta, bissexual, do Rio Grande do Sul, educadora, autora do fanzine do inferno ao inverno, e organizadora da antologia Vozes da Revolução, publicado pelos Poetas Vivos, coletivo que faz parte. Mestranda em educação pela UFRGS, colega de linha de pesquisa.

e **Patrícia Meira**, poeta, escritora, roteirista, produtora cultural, nascida na zona rural da Bahia, moradora de São Paulo, integra o coletivo Alcova, participa em diversos espaços da poesia falada.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/72Z1ZrvMGXPSP4Bj1fTOG?si=f00c45f240914096>

POD2.E6 — Pimenta no Cúir: Nivea Sabino e Patricia Naya



Imagem 32: Print podcast XVII

Descrição do episódio: Nesse episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com duas mulheres, *slammers*, pretas, lésbicas: Nivea Sabino e Patrícia Naya.

Nivea Sabino, poeta, mineira, ativista, negra, lésbica, educadora popular e slammer, autora do livro *interioranas*, publicado em 2016, articuladora roda BH de poesia e pioneira no circuito de poesia falada. Procura meu nome no Google que você vai me encontrar”, está no Facebook e Instagram (@niveasabino).

e **Patrícia Naya**, nascida em São Paulo, criada em Recife, poeta, sapatona, professora de língua portuguesa e idealizadora do slam das minas Pernambuco, em 2017 publicou seu primeiro livro, *o punho fechado no dia da navalha*, autora do zine *poimagem*, de circulação em três anos. Estudante de Letras na Universidade Federal de Pernambuco. Está no Facebook, no Instagram.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/3yzJehWw21I6ZSmUmgybRT?si=ea1081dbf10a4993>

POD2.E7 — Pimenta no Cúir: Anna Moura e 2z



Imagem 33: Print podcast XVIII

Descrição do episódio: Nesse episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com

Anna Moura, do Distrito Federal, slammer, cantora, compositora, instrumentista, atriz e poeta.

e **2Z**, mineira, slammer, produtora cultural, artesã, educadora, multiartista, multimulher, poeta em tempo integral

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/4bwN4nyKt1tficbNN1FD4O?si=c0481336dba448ea>

POD2.E8 — Pimenta no Cúir: Marcio Rufino e Marcio Januário



Imagem 34: Print podcast XIX

Descrição do episódio: Neste penúltimo episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com **Marcio Rufino**, RJ, ator, escritor, multiartista, preto, uma referência do slam queer.

e **Marcio Januário**, RJ, uma entidade, preto, artista multimídia, teatro, música, literatura, audiovisual, artes plásticas.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/43HK9zLRwQHAaIiC8oMQJ0?si=452736534b8f417f>

POD2.E9 — Pimenta no Cúir: Auritha e Maya Corte



Imagem 35: Print podcast XX

Descrição do episódio: Nesse último episódio do Pimenta no Cúir, nossa entrevistadora Dani Nega fala com

Auritha Tabajara, lésbica, escritora, cordelista, nascida numa aldeia no interior do Ceará, escreve poema desde pequena, 3 livros publicados, uma referência da literatura feita por indígena no Brasil.

e **Maya Dourado**, negra, bissexual, nascida no Acre, primeira ganhadora do slam das minas do Acre, cantora, vocalista da banda zingari.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/6f304sAWP6mLwM9JgH8rTt?si=7c71a66f65994522>

POD3. Preta Galáctica



Imagem 36: Print podcast XXI

Descrição do podcast: Uma jornada galáctica para dentro das brisas de uma aquariana, poeta, taróloga e estudante de Ciências Sociais. No Instagram: @pretagalactica e @iamidria. Mande sua história para receber conselhos tarológicos: pretagalactica@gmail.com ✨

POD3.E2 — Preta Galactica: Tornar-se sujeita de si, tornar-se sujeita do mundo

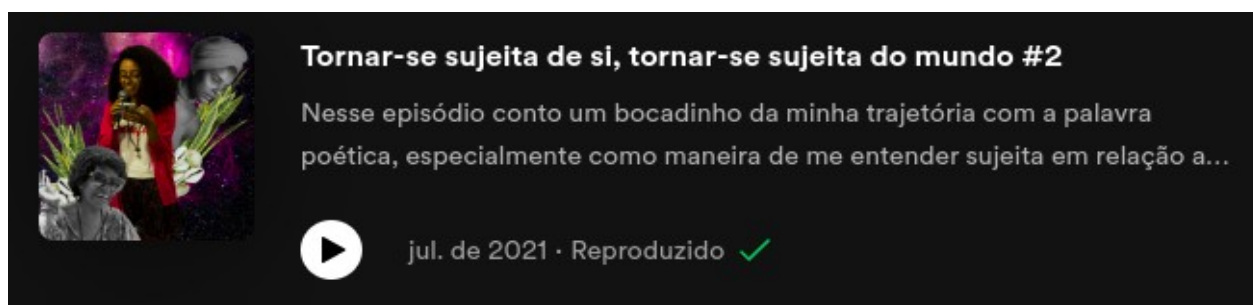


Imagem 37: Print podcast XXII

Descrição do episódio: Nesse episódio conto um bocadinho da minha trajetória com a palavra poética, especialmente como maneira de me entender sujeita em relação ao mundo! Por quais caminhos cheguei aos saraus e slams? Como recebi um convite para participar do Manos e

Minas? Reflito sobre a importância de criar narrativas de modo a imaginarmos outras possibilidades de futuros. Que a poesia nos traga mais sabor e potência, autodeterminação e acesso às nossas infinitas e galácticas subjetividades ✨✨✨ Cito Lélia Gonzalez e Nayra Lays, duas mulheres pretas pensadoras e criadoras de narrativas que subvertem os planos impostos, pretas galácticas que me inspiram!

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/1VYaBxCSOfhSB1YA4GC0TW?si=iiOGbTBcOiGBAnqWysmkRO>

POD3.E3 — Preta Galáctica: Pesquisar a si mesma na academia



Imagem 38: Print podcast XXIII

Descrição do episódio: Esta jovem que vos fala além de poeta, é também estudante de Ciências Sociais na USP! Nesse episódio de Preta Galáctica conversei um pouco sobre minha trajetória como universitária e pesquisadora que tem estudado a si mesma na academia. Conto um pouco sobre os caminhos que me levaram a estudar a trajetória de profissionalização de poetas negras do slam em São Paulo e como esse processo também me atravessa, na encruzilhada de pesquisar e ser autopesquisada. Reflito também sobre como observo o papel social da universidade e importância de pesquisarmos com nossos corpos ✨✨✨ Katherine Dunham dançou junto comigo nos pensamentos. Curso Vozes Negras na Antropologia que mencionei no episódio: <https://www.youtube.com/channel/UCozb-5yZuRIhDG0vP1aj-Rw>

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/18CPicfz7CkG8NTdFYQC67?si=oOUdh9nVQr-NyFUWIEyF1g>

...

POD4. Slam Rotina



Imagem 39: Print podcast XXIV

Descrição do podcast: O Slam Rotina é um projeto do Coletivo Palma que se propõe a dar visibilidade a narrativas descentralizadas, por meio da produção e distribuição de podcasts com conteúdo de poesias criadas por mulheres no movimento do Slam. Nessa primeira temporada, vamos selecionar, em parceria com o Slam das Minas/RS, 10 poesias para produzir e compartilhar. Realização: @coletivopalma e @slamdasmnasrs

O Slam Rotina, foi uma forma de me aproximar do slam das minas/RS, por onde iniciei essa trajetória, que foi atravessada pela pandemia. Compartilho os episódio citados na escrita.

POD4E1 - Juliana Luise



Imagem 40: Print podcast XXV

Descrição do episódio: O primeiro episódio do Slam Rotina: Poesia Contamina apresenta a poesia de **Juliana Luise**. "Escrevo desde novinha e comecei à expor minhas escritas participando de competições de poesias (Slams) nos espaços públicos de Porto Alegre em 2017, atualmente faço parte da organização do Slam das Minas RS, ministro oficinas de poesia em escolas e centros da juventude, estudo Pedagogia na Faculdade de Educação da UFRGS, atuo na Secretaria da Cultura no Diretório Acadêmico da FACED, na chapa Ousar Educar: Pedagogia Popular, e sou atriz no espetáculo A babá e o Iceberg do grupo Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta FavelA. Mais do que poeta, sou arteira, e sigo sempre nessa busca de encontrar meu lugar

no mundo juntando arte + educação." Tu pode acompanhar mais do trabalho da Ju em <https://julianalcst.wixsite.com/julianaluise>.

Ouçã no link:

<https://open.spotify.com/episode/4HzFsBmwpbnwbehjGUrBca?si=9a9aBMsXRgC28p5tNGPYiw>

POD4E2 — Dessa Ribas



Imagem 41: Print podcast XXVI

Descrição do Episódio: Eu sou a **Dessa Ribas**, poeta, feminista, trabalhadora, advogada, pesquisadora de gênero e atleta! Moro em Porto Alegre/RS, tenho 25 anos e escrevo poesia desde que me conheço por gente. A poesia é a minha melhor amiga de vida, é com ela que eu interpreto, construo e sinto o mundo ao meu redor... é ela quem dá conta de todas as minhas angústias e também é com ela que eu vibro as minhas conquistas. Conheci o Slam em 2017, primeiramente por meio do Slam das Minas. No Slam encontrei formas de compartilhar a minha escrita mas, acima de tudo, de me conectar com outras artes e artistas. O Slam é um espaço riquíssimo de troca, um local seguro de fala mas, sobretudo, um local potente de escuta. No Slam a arte compartilhada é ferramenta que fortalecem a luta política, possibilitando a criação de laços e afetos que revolucionam o dia a dia de todes que compõem aquele espaço."

Tu pode acompanhar mais do trabalho da Dessa no seu Instagram: @filhadeumaleoa.

Ouçã aqui: <https://open.spotify.com/episode/2Ezxdhw8s48CS5A5i7Bwj3?si=GUBAMdvTbWOgS-sEcUo3Q>

...



Capítulo dois

Territórios de sentidos



Imagem 42 – conversa com parede (arquivo pessoal)

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço (Calvino, 1990, p. 150).

Territórios de sentidos: movimentos de pouso em fronteiras de verbos

Na busca de encontrar saídas na constituição de outros territórios, para além dos territórios sem saída, outros espaços de vida e de afeto. (Guattari e Rolnik, 1996, p.14)

Neste capítulo apresento a cartografia dos *territórios de sentidos*: territórios dispostos como um tripé que sustenta e movimenta esta pesquisa: encontro, (trans)formação e cuidado. Territórios, que se constituíram de sentidos pela escuta. Territórios construídos que se reinventam a cada dia e que mudam aqui e acolá, modificando o triste relevo da paisagem neoliberal (Rolnik, 2014).

Após mergulhar nas ondas sonoras dos *podcasts*, suportar ficar submersa (Pucheu, 2019), surgiram os *territórios de sentidos*, desenhados seguindo as variedades de atenção sugeridas por Kastrup: movimentos de rastreamento, pouso e reconhecimento atento (2015, p. 40). Territórios que foram representados imageticamente por uma espiral tripla, um tripé que não é fixo.

Territórios que estão em movimento e espiralam sentidos. A espiral tripla, também é conhecida como *triskle Celta* (imagem 42) - representando movimentos que oscilam entre sentido horário (representando expansão e crescimento) e anti-horário (proteção e recolhimento) (Seneween, 2022). A simbologia da espiral tripla surgiu intuitivamente, inspirada no desejo de representar movimentos de um território que é vivo, como diz Emerson Mehry (Merhy et al., 2014).

Na cultura Celta, a imagem da tripla espiral, simboliza o constante movimento de ir, representando a ação, os ciclos de crescimento e transformação, a triplicidade: corpo/mente/espírito, presente/passado/futuro, mar/céu/terra etc. (Seneween, 2022). E no caso desta tese: encontro/(trans)formação/cuidado.



Imagem 42: espiral tripla

Uma espiral tripla, criada pelo efeito-escuta do mergulho nas vozes de poetas-slammers, uma escuta que se propôs interseccional. Cada território de sentidos é representado por uma espiral e seus respectivos movimentos de pouso, exigindo habilidades próprias para a travessia, que passam a compor o corpo como um repertório que pode ser acessado quando desejado. As três espirais se conectam por um mesmo núcleo: a ideia de *Bem Viver* - como uma oportunidade de imaginar outros mundos (Acosta, 2016).

O Bem Viver - enquanto filosofia de vida - é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas. (Acosta, 2016, p.29).

Correr o risco: cartografando os territórios de sentidos

E disse Rolnik:

Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa: representação do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: **mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos.** (Rolnik, 2014, p.23).

Para cartografar os *teritórios de sentidos*, foi necessário muita atenção no risco, para não invisibilizar o processo na ânsia de obter resultados. Um traço que partiu da sensação de espanto (Pucheu), *efeito-escuta* do encontro com a poesia. A poesia como uma língua para o espanto, o espanto como uma intensidade do real:

O declínio da política está atrelado ao fato de ela ter abandonado a poesia e a filosofia, abandonado de vez a criação, o pensamento, ao deixar-se de se espantar com a realidade quanto de dar realidade ao espanto, pois o espanto se coloca como uma intensidade do real que quer atravessar a própria realidade, envolvendo-a. (Pucheu, 2021, p.134).

Diante do fragmento trazido acima, arriscaria dizer que o espanto também está em declínio nos cenários de formação e cuidado. Espantar-se como efeito do encontro. Há encontro sem espanto? A espaço para o espanto nos protocolos de atendimento, nas grades curriculares?

Os territórios de sentido são efeito do espanto, territórios riscados pelo envolvimento dessa sensação, como se desse um *zoom* no espanto. O espanto como efeito-escuta. Territórios que podem ser ao mesmo tempo metodologia e resultado, pois "cartografar é acompanhar processos" (Barros e

kastrup, 2015 p. 52), ou seja, foi o próprio movimento de pesquisar que fez a pesquisa.

Foi a sensação espanto que deu largada aos traçado dos territórios. Sentidos (ar)riscados em movimentos de pouso nas vozes de *slammers*. Pousei no espanto para ouvir mais de perto e sentir com mais tempo. Fronteiras de verbos foram marcadas para contornar os territórios, ainda que provisórias. Pensar os verbos é pensar as ações e as pessoas que as conjugam. Fronteiras que foram riscadas pelo movimento de escuta. Para riscá-las, escutei com atenção a conversa entre Débora Diniz e Ivone Gerbara (Diniz e Gerbara, 2020), que foi a inspiração para que os *territórios de sentido* fossem compostos por verbos.

A conversa entre elas ocupou a sala de estar da minha casa durante 12 sextas-feiras à noite, em *lives* no início da pandemia: Esperança feminista em 12 verbos. Aguardava desejosa o próximo verbo. A conversa entre elas, mais recentemente, virou livro (Diniz e Gerbara, 2022).

Os verbos trazidos por elas se embaralham aos verbos e versos trazidos na escrita. Como disse anteriormente, pensar os verbos, tem a ver com pensar ações para conjugá-las, ações que podem ser feministas, antirracistas, antimanicomiais. Verbos para pensar um feminismo que sustente uma ética em antítese ao modelo dominante.

É neste ponto, que a luta das mulheres se encontra e faz ponte com outros movimentos e outras lutas, de outras vidas que também violentamente oprimidas pelo Monstro das três cabeças, todas três masculinas: o patriarcado, o colonialismo e o patriarcado.

Os territórios de sentidos, são territórios dançantes, que como em uma dança foram se qualificando ao longo do processo, os movimentos foram ganhando fluidez em novas escutas, que permitiam explorar novos ritmos em anotações revisitadas, os movimentos ganharam uma marcação, aprimorando o compasso durante os movimentos.

Com o esvaziamento das ruas por conta da pandemia, mergulhei profundo pelas ondas sonoras de *slammers*. Em dias

ensolarados, o mergulho permitia uma escuta panorâmica. Porém, o mergulho nem sempre foi tranquilo, houve momentos turbulentos, que pensava ter perdido a direção. Nessas situações, retornava à pergunta-guia como quem volta a um lugar de conforto, a enunciava em voz alta para poder ouvir minha própria voz e buscava conexão com a poesia, como um ritual metodológico para retomar os sentidos. A poesia Pucheu (2019) ressoava como um mantra, algo como uma metodologia para aprender a ficar submersa.

Os territórios de sentidos foram criados pelo efeito-escuta que dei conta de escutar. Chamo de *efeito-escuta* - o efeito que reverbera do encontro da minha escuta com as vozes de poeta-*slammers*. O que reverbera do espanto. Dou ouvidos à esse efeito, busco me aproximar ao máximo dessa sensação, acolher o espanto provocado pelo encontro, escutar a sensação em seus detalhes, como se desse um *zoom*, um *zoom* no espanto. Territórios que seriam outros, em outras escutas, em outros contextos.

Os *território de sentidos*, não são lugares neutros, falam também do meu transitar pela vida e pelo transitar da vida em mim. Território embaralhados em quem eu sou, em que me tornei durante a pesquisa.

Cada *território de sentidos* é composto por: um verbo, conjugado no movimento de pouso; suas principais características e habilidades e o efeito-escuta, que impulsiona a construção de cada território. Efeitos, que reverberam em pista/sentidos, que organizam as vozes dos *podcasts*.

Territórios habitados por vozes ouvidas em uma *curadoria de já ditos* - fragmentos de vozes de *slammers*, ouvidas, transcritas, postas a conversar com outras vozes, com outras referências lidas ou ouvidas. Vozes que organizo e compartilho como brechas para ampliar a abertura aos encontros, as perspectivas de corpos ensinadas nas (trans)formações e, conseqüentemente, para um cuidado mais acolhedor e amoroso.



Território de sentidos: A espiral encontro

A espiral encontro é o território-engrenagem de onde parte os demais territórios, que se retroalimentam de sentidos. É aqui que começa o traçado dos *territórios de sentidos*, onde começa a correr o risco dos espirais de sentidos. Território-engrenagem. Composto pela fluidez entre os movimentos de pouso: Escutar e; Costurar uma língua que faça pontes. Dois movimentos que são a base para os movimentos de pouso, dos demais territórios. Para haver (trans) formação e cuidado, é primordial haver encontro.

Para começar a travessia por este território de sentidos, comecei trazendo a palavra “encontro”, que segundo o dicionário significa:

Ato ou efeito de encontrar(-se); Choque, geralmente violento, entre dois indivíduos ou duas coisas; embate, encontrão; Ação ou efeito de descobrir algo; junção de pessoas ou coisas que se dirigem para o mesmo ponto ou se movem em sentido oposto; Reunião de especialistas, a fim de discutir determinados termos ou assuntos; congresso; Confluência de dois ou mais cursos d'água; Fato de duas coisas se unirem. (Michaelis, 2022).

A espiral encontro fala de algo relacional, algo que acontece como efeito entre, no encontro com (consigo ou com outrem). O encontro como um contraponto ao egoísmo, como algo que transborda o umbigo próprio.

No território do encontro, apesar das forças macropolíticas e tudo que elas trazem, são as forças micropolíticas, relacionais, que dão o tom para a dança do

encontro - o contato, a improvisação, a invenção guiam a fluidez dos movimentos. É o território-base, para uma ação que visa aprendizado e/ou cuidado, como diz Rolnik, sobre o encontro:

A subjetividade ganha então a possibilidade de habitar simultaneamente o sujeito e o fora do sujeito, em busca de retomar em suas mãos o poder de decidir o destino da pulsão, reassumindo assim sua responsabilidade ética perante a vida - é nesse processo que nos tornamos agentes da insurgência micropolítica. Partindo do princípio de que a descolonização do inconsciente implica necessariamente o terreno de nossas relações, das mais íntimas às mais distantes, os efeitos de qualquer gesto nessa direção são coletivos. (Rolnik, 2018, p. 126).

- Movimento de pouso: Escutar

“Os ouvidos têm paredes”, diz a canção de Bel_Meluda (2021).

- ✓ **Característica:** movimento de pouso número um; movimento-base para os demais movimentos.
- ✓ **Habilidade:** manter os sentidos aguçados para a escuta.
- ✓ **Efeito-escuta:** identificar os bloqueios da escuta como um processo contínuo.

Escutar é o primeiro dos movimento de pouso, o movimento-base para os demais movimentos, ação impulsionadora. “Escutar, como quem houve as batidas do coração”, disse Ivone Gerbara em conversa com Débora Diniz (2020), explanando sobre o verbo “ouvir”, o primeiro dos verbos trazidos em conversa por elas. Escutar como uma uma forma de se territorilizar pelo território do Encontro. Um encontro também é feito de lugar de escuta.

Não é óbvio que ao ouvir nós escutemos, a palavra *escutar* vem do latim *auscultāree*, que é uma coisa muito mais intensa, da percepção das vibrações, da voz, do corpo, como se eu fosse auscultar o coração

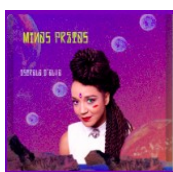
para conhecer o seu íntimo, ouvir para além dos ouvidos (Gerbara, 2020).

Roland Barthes (1990), marca esta diferença entre o ouvir e o escutar. O ouvir está ligado a um ato fisiológico do ser, já o escutar é um ato psicológico que mescla percepção, apropriação e criação de sentidos. Para Barthes, “A escuta da voz inaugura a relação com o outro” (1990 p.224). Escutar como uma ação ativa, como um ato de abertura ao encontro do que se diz com que se escuta. Ou seja, “escutar/ler diz respeito a um estado de sensibilidade, uma capacidade de ser afetado”, complementa Abigail Campos Leal (Leal, 2021, p. 155).

A escuta é tomada como algo corriqueiro nos encontros, como algo que está dado, no entanto, é comum não sobrar espaço para ela nos encontros, em suas mais variadas dimensões. É frequente a escuta ser soterrada pelos protocolos da saúde e pelos protocolos sociais, ou pelas grades curriculares, nos cenários de ensino-aprendizagem. A escuta, na verdade é rara. Porque ao escutar, precisa-se fazer algo com isso. Não há como desescutar. A escuta pede responsabilidade com o que foi escutado.

Na saúde, a escuta é a porta de entrada do cuidado (ou deveria ser), a base do acolhimento, uma tecnologia leve do cuidado, como define Emerson Merhy (2000), em relação as valises tecnológicas que sustentam as estruturas produtivas do setor saúde. No entanto, todas as tecnologias de cuidado deveriam ser permeáveis à escuta, na medida de suas possibilidades, como uma estratégia de ampliar a vida viva na relação que se estabelece no cuidado. o tra Trazer merhy e as tecnologias de cuidado. As tecnologias leves que pelo modelo biomédico são substituídas pelas tecnologias leve-dura e duras, que quanto maior a dureza tecnológica, menor a escuta. Como se ensina a escutar? Como e quanto a escuta ocupa as grades curriculares? Como e quanto a escuta ocupa os espaços universitários?

E ouvi nos podcasts:



É uma época de escutar, as manas, e varias outras vivências que não são a minha, reconhecer meus privilégios.

(Roberta Estrela D'Alva POD1E1.2020).



Assume seu lugar de privilégio de escuta.

(Patrícia Meira, POD2E5.20221).

Abrir-se a escuta, como movimento-base para a invenção de um outro mundo, inspirada nas palavras de Hanna Arendt, “só na liberdade de falar” com outra(s) pessoas que “nasce o mundo sobre o qual se fala, em sua objetividade visível de todos os lados” (2017, p. 60). No entanto, Quem ocupa o “topo da cadeia alimentar”, não aprendeu a escutar, só a calar. Não é à toa que existe os termos *manterrupting* e *mansplaining*, ou o conhecido “macho palestrinha”, todo mundo já viu algum em qualquer encontro que haja um, pois de modo geral eles têm algo a ensinar, inclusive sobre você mesma. Já dizia Rubem Alves:

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. (Alves, 1999, p.65)

Ao escutar os *podcasts*, me afastei um pouco do slam e me aproximei de slammers, a escuta transbordou às arenas, adentrei mundos pelas vozes de *slammers*: andei de ônibus, caminhei pela secura do sertão, da cidade às matas. Pessoas diversas que encontraram na poesia uma maneira de existir. Deixei suas palavras me tocarem pela escuta.

Escutar exigiu responsabilidade com o que foi escutado, foi assim ao longo do ciclo: escutei- corri atrás para dar conta da escuta - voltar a escutar e assim sucessivamente. Uma escuta que pediu a ampliação das referências teóricas,

escurecer as referências, diversifica-las em raça, gênero e sexualidade.

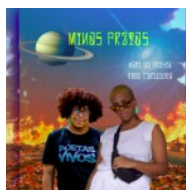
Pista/ sentido: Uma arena de *slam* é um convite à escuta

Quando a voz e a escuta se encontram, é um convite ao movimento. Em uma arena de *slam*, a voz e a escuta dançam juntas uma mesma ciranda, em uma roda de acolhimento. A proposta do *slam*, por si só, já é um convite à ampliação da escuta.

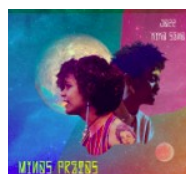
Ouvi nos *podcasts*:



A gente sente pulsar a energia de dentro para fora da roda, **ninguém sai ileso depois de colar no *slam* das minas, ninguém sai ileso depois de colar em qualquer *slam*, é um espaço primeiramente de escuta**, de olhar para o que o outro está dizendo com carinho, e depois um lugar para a gente florir, sair da zona de conforto, mexer nosso corpo, nossa alma para se sentir viva. (JULIANA LUISE, 2020 POD4Ex.2020).



O *slam* é isso a gente se olha, a gente tem que se escutar para poder escrever. No primeiro *slam* tinha 20 pessoas, eu recitei e vi que 20 pessoas me ouviram de verdade, aí eu entendi o que era o *slam*. Se continuar assim, a gente se olhando, se ouvindo, é essência. E tem que continuar assim, a gente tem que se ouvir, porque 10, 10, 10 não paga minha dor, pra mim o 10 é a nota, porque o que senti é mais de 2019 anos de escravidão dentro do meu corpo, sabe? Então é isso. (Nati de Poesia, POD1.E9.2020)



O *slam* para mim é essa casa, onde as pessoas vão ter uma comunhão com um mesmo propósito, de ouvir, outros vão falar, **os que ouvem também falam, os que falam também ouvem**, aí eu me senti acolhida para ser ouvida (Jazz, POD1E5.2020).

Ao trazer o *slam* para esta conversa em escrita, fui convidada a escutar. Para que houvesse escuta, foi necessário aguçar os sentidos e identificar bloqueios. Ajustar a sintonia para ondas sonoras não audíveis aos ouvidos padrões. Ou seja,

desbloquear os sentidos para escutar vozes que já falam há muito tempo. Que corpos são escutados? Qual a cor da versão que escutamos? Por quais corpos há desinteresse?

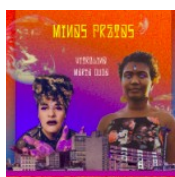
Das coisas que ouvi:



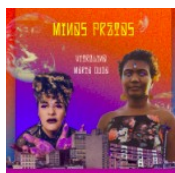
Eu sou uma mulher negra e toda minha trajetória faz sentido, e nós fomos colonizados e o negro surdo já existia nessa época, a gente não pensa nisso. Na colonização os negros deficientes já estavam morrendo, como se não fossem capaz de trabalhar, isso existe até hoje, o ouvinte negro e o surdo negro são duas categorias totalmente diferente, e não são unidos, os ouvintes ignoram os surdos, o surdo não tem identidade de ser uma pessoa negra. É muito importante o negro surdo assumir essa posição, no *slam*, na arte tem isso, a arte é muito importante pra vida. Por isso eu falo sobre ser surda. (Negabi, POD1E4.2020)



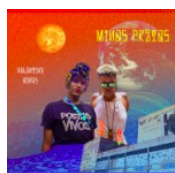
Eu como um corpo trans, chego no slam, que se não for trans, é majoritariamente cis, aí eu chegava no *slam*, mandava minhas poesias, eu sentia zero escuta, **muitas vezes minhas questões de trans não conseguem penetrar a barreira política que existe na escuta** (Abgail Campos Leal, POD2E3.2021).



O slam bebe do hip hop, eu já fui em vários slams que acontecia as batalhas de rima, que é um espaço muito dominado por homens (...) eu tenho certeza que se eu for no *slam* e tiver um jurado homem e eu falar algo que não seja de racismo, ou eu falar de algo que diz respeita somente a mulher, ele não vai me dar uma nota boa. (Maria Duda, POD1E3.2020).



Eu concordo muito com o que disse Duda, a gente acaba ficando muito vulnerável nessa questão com os jurados. (Luna Vitrolira, POD1E3.2020).



Um dia saindo do trabalho, passei pelo centro da cidade, tava acontecendo uma roda de slam. De onde eu estava não ouvia, mas eu via que tinha **um menino negro falando e pessoas em volta dele ouvindo**. Aquilo me chamou atenção, porque **pessoas negras dificilmente são escutadas**, de longe não me parecia violento, fiquei curiosa para saber o que ele dizia e que as pessoas ouviam tão curiosas, quando eu me aproximei, tomei um choque, era poesia, poesia marginal, era as coisas que eu experienciava diariamente, e aquilo me tocou muito. (Agnes, POD1E6.2020).

A assinatura na fala de Agnes, é seguida uma observação: o g é mudo, mas eu não. Escutar Agnes sempre me produz espanto. Sua poesia é carregada de cenas que marcam seu corpo, posso ver isso em sua performance. Que por ser de Porto Alegre já tive a oportunidade de viver essa experiência. Nunca saio igual, suas palavras desacomodam minhas zonas de conforto.

Foi pela abertura dos sentidos que uma vastidão de expressões se embaralharam à outras tantas referências que já me acompanhavam há mais tempo, como quem realiza uma atualização de si. Atualização que só é possível na ampliação da escuta. Nesta perspectiva, ampliar a escuta, também teve a ver com interseccioná-la. Escutar, verbo de fronteiras interseccionais. Encruzilhada de verbo. Construir fronteiras de verbos também tem a ver com quais corpos conjugam quais ações. Voz passiva ou ativa?

Ao mesmo tempo que digo que o *slam* é um convite à ampliação da escuta, também reforço, que o *slam* também reproduz os bloqueios estruturais da escuta. Da escuta dos *podcasts*, a constatação que precisamos (re)pensar nossa política de escuta e as fronteiras do ser, passando por corpos que compartilham da experiência de perceberem os bloqueios das escutas alheias em relação à suas vozes: Corazonar uma escuta, uma escuta amorosa.

- Movimento de pouso: **COSTURAR**
(uma língua que faça pontes)

Devo encontrar uma posição de equilíbrio que permita a coabitação de elementos de mundos divergentes. (Martin, 2021, p.54).

- ✓ **Característica:** movimento de pouso número dois; compõe o movimento-base para os demais movimentos.
- ✓ **Habilidade:** romper com a tendência ao universal.
- ✓ **Efeito-escuta:** suportar o incômodo da costura.

Como dar conta do que se escuta? Como dar conta de narrar o espanto produzido pelo efeito-escuta? Costurar uma língua tem sido um desafio que atravessa todas as esferas da minha vida, como uma lambida. Tem a ver com as palavras que escolho na educação da minha filha, com o artigo definido que defino, com o referencial teórico que busco para escrever um artigo científico, as palavras que escrevo em uma poesia ou uma carta de amor. Tem a ver, sobretudo, em como sinto e como comunico o que sinto. Tem a ver com comunicação. Tem a ver com relação. Tem a ver com a língua que escolhemos para verbalizar a nossa ética. Tem a ver com escrever este projeto de tese e tropeçar neste desafio de costurar uma língua possível para a narrativa em conversa que proponho. Uma Conversa cheia de trava-línguas, de linhas emaranhadas, de nós na garganta. Vidas vivíveis, que pedem uma ruptura ao perigoso universal.

Quando criança, aprendemos a mostrar nossa língua diante de um incômodo, a proposta aqui, é partir do incômodo, deixar a língua a mostra e costurá-la, de modo que faça pontes, que não exclua, não oprima, não invisibilize, não desqualifique. Minha língua pediu atualização. Sentia que não tinha língua para falar do que já estava no corpo. Dediquei um tempo generoso para esta costura. Foi quando tropecei nas palavras de bell hooks, que em seu livro *ensinando transgredir: a educação como prática da liberdade*, possui um capítulo chamado: *Língua: ensinando novos mundos/novas palavras*, compartilho de alguns fragmentos para cerzir esta conversa:

Com o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras. Fala a si mesma contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo. (hooks, 2017, p.223)

A mudança no modo de pensar sobre a língua e sobre como a usamos necessariamente alerta o modo como sabemos o que sabemos. (hooks, 2017, p.231)

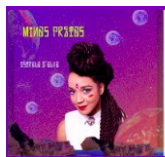
Tomamos a linguagem do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, libertando-nos por meio da língua. (hooks, 2017, p.233)

A colonização nos afastou do “pretoguês”, como já dizia Lélia Gonzalez. O slam também a apreceu como um movimento de resistência da língua, como contou Comikk (2022), sobre a experiência mexicana:

Criamos também o primeiro Slam em línguas originárias. Juntaram-se a nós alguns rappers que faziam raps em línguas originárias e tudo isso passou a dar voz e visibilidade a população originária que, aqui em México, por parte do Estado sempre existiu uma grande inviabilização dos povos originários e de suas línguas. São 68 Línguas e suas 365 variantes dialectais, e de toda essa diversidade são apenas algumas que persistem e lutam por continuarem a existir e não desaparecer. Muitas dessas línguas estão em perigo de desaparecer. Mas apesar de tudo, e afortunadamente, muita gente, com ajuda da poesia, está resgatando, preservando e fazendo com que fluam e se reproduzam e, dessa maneira, que [sejam] ensinadas na atualidade (Comikk, 2022, p.292).

No México também tem o “Ciências Slam, que é um Slam muito curioso, porque falam de textos científicos poéticos, que é bem louco, mas é lindo!” (Comikk, 2022, p. 292-293).

“É tarefa de quem cartografa dar língua para os afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2014, p.23). Neste processo de costurar uma língua, pensei muito na linguagem, na ortografia e na gramática. Ao começar esta pesquisa pensava em escutar mulheres, o que de fato fiz. No entanto, no percurso, na escuta de Pimenta no Cúir, a categoria mulher precisou ser ampliada, transbordou em mulheridades. Para guiar este transborde, além das vozes de poetisas-slammers, destaco, o encontro com o transfeminismo. A escuta do podcast de Leticia Nascimento (2021a), que também é livro (Nascimento, 2021b), foi fundamental para arejar o binarismo da língua.



A gente precisa de novas palavras, as palavras que a gente têm não dão conta. (Estrela D'Alva, POD1E1).

A poesia brinca naturalmente com os limites das palavras, se autoriza a transformá-las, inventá-las. No *slam*, a poesia é performance e vice e versa. A língua transborda a palavra, o corpo todo é palavra. A performance é um ato de comunicação, que envolve a expressão, no entanto, também é, simultaneamente, “um momento da recepção: momento privilegiado em que um enunciado é realmente recebido” (Zumthor, 2018, p.47), como explica Zumthor:

A recepção é um termo de compreensão histórica, que designa um processo, implicando, pois, a consideração de uma duração. Essa duração, de extensão imprevisível, pode ser bastante longa. Em todo o caso, ela se identifica com a existência real de um texto no corpo da comunidade de leitores e ouvintes. Ela mede a extensão corporal, espacial e social onde o texto é conhecido e em que produziu efeitos. (Zumthor, 2018, p. 47).

A performance é a língua, construída na interação, na troca, que se concretiza no ato da performance, mas segue reverberando fora desta. É um encontro “estritamente individual” (Zumthor, 2018, p. 51). E como ficou a performance com a pandemia? Há performance em um podcast? Perguntas que volta e meia me fiz ao trazer os podcasts como campo de pesquisa, houve uma enorme transformação no que diz respeito a performance. Trago mais um fragmento de Zumthor, como contribuição à conversa:

É verdade que a tecnologia de nosso século de algum modo perturbou o esquema que eu esboço assim: a introdução dos meios auditivos e audiovisuais, do disco à televisão, modificou consideravelmente as condições da performance. Mas eu não creio que estas modificações tenham tocado na natureza própria desta. (Zumthor, 2018, p.48).

Do que ouvi nos podcasts sobre a língua e a performance:



Quando to compondo uma poesia eu não penso só nela, eu vou para a frente do espelho para pensar como posso sintonizar ela – eu consigo ver a poesia delas, elas dão corpo a poesia. (Kimani, POD1E2.2020).



A poesia não respeita nada, ignora garfo e faca e come teu juízo com a mão, é nômade e anda descalça, desprezando eloquência, morde a língua e se lambuzo, a poesia é leviana, a poesia eleva ana, maria, pedro, joaquim, a poesia faz barulho na sala, cala diplomas, derruba reis, ri na cara do perigo (e por aí vai) (POD2E6.2021 Patricia Naya, recitada por Dani Nega [entrevistadora]).



A língua de sinal é uma língua, não é uma linguagem, porque eu tenho voz nas minhas mãos, é uma linguagem poética, os ouvintes sentem, por conta da língua de sinal, porque tem o mesmo peso. Os ouvintes olham o texto, se emocionam, sentem (...). Eu escrevo minha poesia pensando a sociedade ao contrário, com a pessoa surda dentro, como a surda/o surdo percebem a sociedade, nos sons das coisas. Eu me inspiro nisso, em falar das minorias, da falta de inclusão que temos (Negabi, POD1E4.2020).

Costurar uma língua que faça pontes compôs o título do projeto de tese qualificado. A língua ganhou um preâmbulo. Costurar uma língua se apresentou como um dos grandes desafios da escrita da tese. Foi para costurar a língua que comecei a assistir a conversa entre a Débora e Ivone, que também contribui para pensar as fronteiras de verbos nos demais movimentos de pouso. Para a costura da língua compartilho dos verbos: aproximar, lembrar, reparar, recriar, falar. !Faço um reforço entre exclamações!: lembrar de escutar, retomar o movimento anterior como ponto de partida da costura.

A questão da língua aparece forte no slam, como mostram Meimei e Rafael no relato etnográfico da experiência de slam. A língua aparece já na abertura do artigo, ao apresentar “a slam”, que no texto aparece no feminino, como “um movimento de descolonização da linguagem”. A costura da língua que faça pontes pede uma linha interseccional para a costura, como

trouxeram no relato:

Faço coro à importância da linguagem neutra, inclusive tenho acompanhado as discussões acerca da temática, mas entendendo a problemática da acessibilidade, tanto em questões de deficiências e localidades sociais e de classe (Bastos e Villa Bôas, 2022 p. 98).

Pista/sentido: Branquitude e cisheteropatriarcado: películas que tampam ouvidos, travam línguas e endurecem corações

Trazer a branquitude à cena foi uma das tarefas mais difíceis da escrita. Uma costura com um linha tênue, porém estrutural na artesanaria de uma língua. Uma linha fácil de escorregar. Não é qualquer costura que este movimento de pouso se propõe, é uma costura que faça pontes. Pontes que levem para lugares outros. Uma ponte é relacional, como mostra a arte de Leonilson (imagem 43). Ao trazer a interseccionalidade para à cena, as pontes que se erguem também precisam ser construídas interseccionalmente.



Imagem 43: grande rio (Leonilson, 1990)

Ao escutar o podcast Minas Pretas, mulheres negras trazendo suas poesias e narrativas, fui convocada a pensar sobre minha ancestralidade, palavra que não circulava no meu repertório de corpo, tampouco habitava meu pensamento

racional. A acolhi como um convite a revisitar o histórico que me constitui, laços sanguíneos, não sanguíneos, lugares desconhecidos de mim, vejo um tanto de fronteiras embaralhadas, neste emaranhado de linhas que me costuram, uma linha mestiça cheia de lacunas e silêncios. Ao ouvir sobre o racismo, precisei olhar para a branquitude. Como me trouxe Bianca Santanta, em seu parecer na banca examinadora de qualificação do projeto de tese, como compartilho um fagmento em composição com a construção da pesquisa:

Na nota em que você explicita uma pergunta sobre você ser privilegiada, e nomeia algo que está latente ao longo do texto, poderia ser interessante abrir um debate sobre branquitude. Porque ao pensar o racismo, há de se pensar as relações raciais. Se há pessoas negras, há também as brancas. Cida Bento e Lia Shucman Vainer podem ser referências interessantes, além da leitura que Sueli Carneiro faz de Charles W. Mills sobre o contrato racial.

Não há como pensar uma língua que faça pontes sem olhar para a branquitude e o cisheteropatriarcado, características normalizadoras e opressoras da língua dominante. Diferente do cisheteropatriarcado, a branquitude, é um tema que foi convocado pela escuta, não é de se estranhar que não estivesse entre os temas que transbordaram no desejo inicial de pesquisa, algo que eu tivesse pensado de antemão. A branquitude foi onde o calo do espanto apertou, sempre que caminhava muito o sentia, precisava parar e cuidar da sensação.

A branquitude, de acordo com Cida Bento (2022) se perpetua no tempo devido a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios, e atravessa a “história das instituições e da sociedade onde a presença e contribuição negras se torna invisibilizada” (p. 18).

É fundamental reconhecer, explicitar e transformar alianças e acordos não verbalizados que acabam por atender a interesses grupais, e que mostram uma das características do pacto narcísico da branquitude. (Bento, 2022, p. 19).

Ao ser tomada pelo espanto, efeito-escuta do encontro com a poesia e narrativas, que a escuta dos *podcasts* proporcionou, precisei, inicialmente, acolhe-lo, senti-lo, passear com tempo pelo espanto, sentir a poesia reverberar em mim e buscar respostas sobre as questões que o espanto me produzia. As palavras fugiam. Os velhos dicionários de páginas brancas já amareladas não davam conta, sentia faltar repertório no corpo para tal narrativa.

Entre as tantas sensações que habitam o espanto, estar em uma arena de *slam* me colocou de frente com meus privilégios, de uma forma pouco comum de acontecer no cotidiano de uma pessoa branca, tornando-os evidente, como o efeito da luz negra na pele branca. Trago uma lembrança do bloco de notas de um sábado de *slam das minas/RS*:

[bloco de notas: verão de 2018 slam das minas]

[segunda vez que me aventuro a participar de um slam, inscrita para o verso livre]

Nesta tarde, me aventurei com uma performance poética com dança contemporânea, como havia praticado com o Luiz, nas aulas de dança. Era uma edição do slam das minas de aniversário, excepcionalmente, acontecia na calçada de um studio de tatuagem no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre/RS. Foi um ato bem corajoso, apesar da insegurança. Sabia a poesia decor, a voz saía em composição com a dança, ambas nervosas. Ao voltar a ocupar meu lugar na arena, a mina que estava sentada ao meu lado, me perguntou: - Tu é privilegiada? A pergunta me tomou de surpresa, não é comum ser questionada em relação aos privilégios. Respondi que sim, sem titubear, contamos sobre nós uma para outra.

Sensação: Me sinto a "diferentona" da roda, pela idade, pelo colorido das roupas, pela dança, pelo privilégio evidente na cor da minha pele, do bairro que moro, pelas oportunidades que tive, por não ser vigiada pelos seguranças de um supermercado, pela escola da minha filha (...) apesar das nossas diferenças, me sinto muito acolhida por todas. É um lugar para observar, mais escutar que falar. Deixo-me afetar.

Ao me reencontrar com esta memória, recordei que conversava muito com o Luiz, meu professor de dança contemporânea na época, sobre a sensação de achar minha poesia

e a dança muito leve para apresentar no centro da arena de slam, ele me encorajava, dizendo que esses contrapontos nas sensações são a potência da arte. Costurar uma língua que faça pontes, também tem a ver com tecer um caminho entre contrapontos, tal a fita de Moebius que trouxe anteriormente.

Na oportunidade, apresentei uma poesia chamada maria-sem-vergonha, inspirada na ideia dos rizomas de Deleuze e Guattari (1995), rizomas que crescem e florescem no próprio corpo como experiência. Flor e ser. A associação da flor com o conceito de rizoma veio ainda durante o mestrado, como já falei anteriormente. A flor como um contraponto para romper com as gavetas que disciplinam, normalizam e docilizam os corpos (Foucault, 2013). A poesia surgiu algum tempo depois, no período que coleí lambes clamando por zonas livres de machismo pela cidade. Segue a poesia:

maria-sem-vergonha

hoje nasci maria,
por vergonha,
quase não sorria,
mais pensava
que fazia.

hoje entardecí maria,
diante da secura da vida,
ainda quando broto,
estremecia,
e por medo,
sem ousadia
quase não sentia.

hoje maria se despiu,
sem vergonha sorriu,
deu no terreno baldio,
transbordou o pólen,
e languida dormiu.

hoje sem-vergonha
maria floriu.

Pude perceber, neste encontro com minha memória, que todo este movimento já compunha o desafio de costurar uma língua, uma construção de repertório que passa pelo corpo. As marias-

sem-vergonhas seguem flor.e.sendo em mim, como a foto-performance: língua sem vergonha, criada em 2020 ao fazer o curso “Corpos em manifesto”, com a artista Anelise Valls¹⁵: um percurso por artistas que usam/usaram seu corpo como arena de criação. O curso teve o4 módulos (1. Corpos que declaram; 2. Corpos que (se)esgotam; 3. Corpos que fluem; 4. Corpos que desejam) e dois atelier de si, como processo da “criação permanente do eu”. Foram momentos intensos, que compõem intimamente a costura da língua que escreve esta tese.

Para costurar uma língua é necessário “suportar o mal estar” (Rolnik, 2018) da costura para que as pontes se ergam. Sobre a língua, disse Cavarero:

Os falantes, precisamente, não criam a língua - já a encontram pronta. Podem, porém, tentar descobrir suas leis, os critérios que presidem a sua antiquíssima e divina criação. Como sugere Sócrates, é necessário, todavia, proceder com cautela, sem se deixar arrastar pelo turbilhão de etimologias e tendo em mente o processo de contaminação e desenvolvimento histórico da língua. (CAVARERO, 2011, p.75)

Para encerrar, como uma a abertura, deixo um delicioso beijo de língua e flertes gramaticais, inspirada na poesia *Na Língua* (2016)¹⁶, de Amanda Lioli e Catherine Moreira. Brincadeira de uma língua na outra, libras e português, sinais e oralidade, aqui as compartilho em fragmento de escrita, como um convite a ampliar esta conversa com a leitura, vale muito assistir a performance:

¹⁵ Anelise Valls. Corpos em Manifesto: Novembro de 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CHY93Olh_Zw/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 10/12/22.

¹⁶ Amanda Lioli e Catherine Moreira. *Na Língua*. 2016. [vídeo] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-aLRrLauNCQ>



Imagem 52: print Na língua

Quando a palavra encontra o corpo,
a carne brota verbo,
os ossos crescem conjugados,
a baba escorre no futuro,
a memória,
pretérito imperfeito,
cada unha uma letra,
os cabelos fios da gramática,
os braços, troncos e pernas,
oração, sem sujeito,
o sujeito, é dito oculto,
pelas regras sociais,
sufocado,
mas é composto, na verdade,
e caminha cheio de verbo e vontade,
a gente da passiva, não mais!
agora o objeto é direto,
porque quando a palavra encontra o corpo,
a carne brota verbo (...)

(Amanda Lioli e Catherine Moreira, 2016)

A seguir, apresento um catálogo de línguas, em composição com o processo. Que seja potente a costura do encontro de nossas línguas, que novas pontes se ergam com a leitura.

Catálogo de línguas

Referências imagéticas sobre o costurar uma língua



(Imagem 44: dia 25 - Luiza Romão, 2017).

Línguas de Leonora de Barros



Imagem 45: Poema
(Leonora de Barros, 1979)



Imagem 46: língua
(Leonora de Barros, 1990 - 2022)



Imagem 47: Língua Vertebral
(Leonora de Barros, 1998 - 2017)



Imagem 48: Língua
(Leonora de Barros, 1990 - 2022)

Língua sem vergonha:

Foto-performances realizada durante o curso *Corpos em Manifesto*

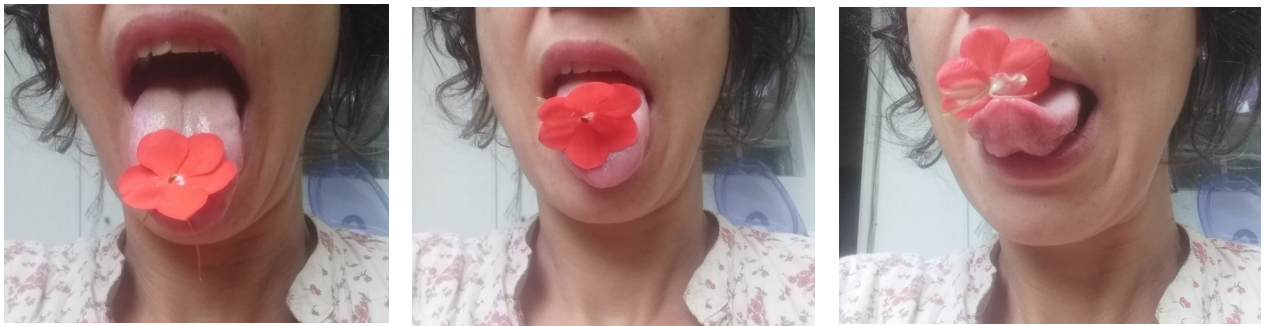


Imagem 49: Língua maria-sem-vergonha (arquivo pessoal)

Flor e ser verbo. Primavera na sujeita simples.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIYXUJRgRjl/?utm_source=ig_web_copy_link



Imagem 50: Fronteira tênue da língua (arquivo pessoal)

corpo que grita. corpos em manifesto.

Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIgaLkXgsFP/?utm_source=ig_web_copy_link

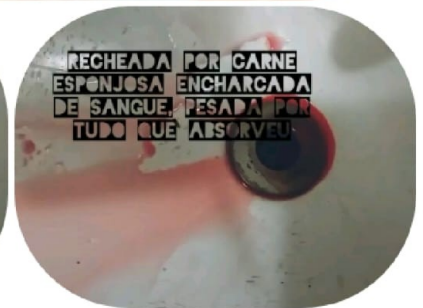


Imagem 51: corpo que sangra (arquivo pessoal)

Atelier de si: corpo que sangra. Corpos em manifesto -
(vídeo-performance) #corposemanifesto

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CIEvC85APUo/>



Território de sentidos: A espiral (trans)formação



Minha relação com a educação é a afrobetização, eu acho que tudo começa na afrobetização, porque a partir daí as pessoas começam a se enxergar. Vejo o slam como um momento de se enxergar (...) (Nati de Poesia, POD1E9.2020).

Este *território de sentidos* está intimamente relacionado com o território anterior, ou seja, para percorrer a espiral (tras)formação, foi necessário encontro, compor com seus movimentos de pouso: escutar vozes e costurar de uma língua que fizesse pontes. Há que suportar o incômodo da costura para que a (trans)formação aconteça. Neste sentido, para além dos movimentos que compõem a espiral do encontro, para adentrar o território (trans)formação, foi necessário aprimorar o movimento de pouso: Ser aprendiz.

Ao iniciar o processo de pesquisa, este *território de sentidos* chamava-se: Formação. O território ganhou o “(trans)” ao tornar-se espiral, como uma provocação à sair da forma, acolhendo o convite que a poesia do *slam* me fez ao encontrá-la.

Foi o território por onde tentei começar a desenhar as espirais dos *territórios de sentidos*, talvez pela escrita partir de um doutorado na educação. Me foi custoso começar o risco, escorreguei, caí, aprendi a cair e a levantar. Ao tentar sair do meu umbigo, tropeçava na própria língua. Sentia não ter repertório no corpo para passear neste território.

Ao começar a buscar publicações sobre o tema da pesquisa, percebo que a conversa entre *slam* e educação já acontece há mais tempo. Difícil dizer algo sobre esta temática que já não

tenha sido escrito, me deparei com uma produção gigantesca (artigo, zine, filme, vídeo, tese, poesia etc), me senti perdida, o foco por vezes ficava embaralhado, causando bastante aflição, considerando às expectativas acadêmicas para uma pesquisa. Entre expectativas e realidades, não proponho nada de inovador, minha humilde contribuição à ciência é organizar já ditos que possam contribuir em sentidos para esta espiral.

A espiral (trans)formação, acolhe à experiência de escutar poetas-slammers e pousar em seus já ditos, trazendo recortes de suas falas, no que se se refere ao processo de ensino-aprendizagem e suas possibilidades de construções. Vozes que passaram pela minha escuta, mas que podem ser escutadas na íntegra no catálogo de vozes.

Para desenhar esta espiral, também pesquisei referências sobre o uso da espiral no campo da educação e/ou saúde coletiva. Me encontrei com a imagem fazendo referência à educação ativa, com inspiração na pedagogia de Paulo Freire, ampliando a palavra formação ao considerar a subjetividade de quem está envolvida no ato de aprender. A imagem como a representação de uma espiral construtivista, representando o seguinte ciclo: identificação do problema, formulação de explicações, elaboração de questões, buscar novas informações, construindo novos significados, e avaliação do processo (Lima, 2017).

Para a cartografia deste *território de sentidos*, como nos demais territórios, foi necessário pactuar fronteiras de verbos para o pensamento e a ação. Como uma forma de ampliá-las ou protegê-las, em momentos de resistência. Para marcar as fronteiras de verbos que compõem a (trans)formação, também retomei à conversa entre Débora e Ivone (Diniz e Gerbara, 2022), trazendo os verbos: reparar (p. 131), imaginar (p. 39) e desobedecer (p. 261).

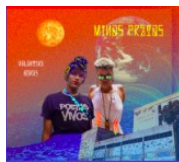
- Movimento de pouso: SER aprendiz

- ✓ **Característica:** tomar a arena de slam como professora e poeta-slammers como referências.
- ✓ **Habilidade:** íntima relação com o relaciona-se, com deixar-se espantar, acolher o espanto, suportá-lo como um convite à transformação.
- ✓ **Efeito-escuta:** suspender a certeza.

Me lembro que no início do doutorado, quando Pâmela me disse: “Deixa o campo te surpreender”, nas primeiras balbúcias que apresentei sobre o tema de pesquisa. E assim foi! Para ser aprendiz, tomei a arena de *slam* como professora e *poetas-slammers* como referências. Um movimento de pouso que parte da suspensão da certeza como efeito-escuta, que exige acolher o espanto e suportá-lo para que a (trans)formação ocorra, tem a ver com a abertura ao encontro. Foi um pouso difícil, pois a espiral (trans)formação, parecia abarcar todas as demais.

Para compor com este movimento de pouso, trouxe já ditos que falam do *slam* em arena e para além da arenas, vozes que contam sobre como o *slam* reverbera em espaços de educação (informais, formais e não formais). Ao escutar os *podcasts*, além das poesias, me encontrei com narrativas de vidas de *poetas-slammers*, que ao falarem de si, também compartilharam suas experiências sobre os espaços educativos, inclusive, foi um assunto recorrente nos *podcasts* Minas Pretas (POD1) e Pimenta no Cúir (POD2). No caso do Preta Galáctica (POD3), era o tema principal dos episódios que escutei para a pesquisa. O Slam Rotina (POD4), trouxe mais a poesia e um breve relato das *poetas-slammers*, não compõe diretamente a curadoria deste território, embora sua voz também reverbere nos espaços educativos.

Pista/sentido: Slam como espaço de educação acolhedor



Não somos só poetas, somos formadoras de intelectualidade fora da academia. (Agnes, POD1E6.2020)

Das vozes que escutei, a poesia do slam esteve muito embaralhada à educação. Talvez, por a própria arena de slam ser um espaço educativo não formal, como trouxeram MeiMei Bastos e Rafael Litvin Villas Bôas, no artigo: Pode a rua ser escola? Slam como espaço não formal de ensino-aprendizagem (2022). Memei, também compõe as vozes do podcast Minas Pretas (POD1E8.2020).

Na slam, há algo que vai além da busca por entreter e ser entretida, ou a intenção genuína de falar, ouvir e se alimentar de poesia. Existe algo que aos olhos desatentos passa despercebido: a potência educativa e de resignificação de corpos e lugares. (Bastos e Villa Bôas, 2020 p.99).

O slam enquanto espaço educativo, é uma arena que se propõe que a palavra circule com respeito e acolhimento das diversas interseccionalidades. Sobre ser um espaço acolhedor, me chamou a atenção o quanto as crianças, filhas das mães poetas-slammers ou ouvintes, são bem-vindas a roda, o que permite que muitos dos slams aconteçam, como o slam das minas, por exemplo, como pude perceber em presencialidade no slam das minas/rs, e nas escutas do caminho. Das escutas nos podacasts:



A gente consegue levar centenas de mulheres para rua, mulheres com as crianças, é algo muito incrível. Fico observando a trajetória do slam das minas e tudo foi muito incrível até os dias de hoje, já conseguimos aprovar vários projetos e com esses projetos beneficiar outras mulheres, promover shows, oficinas,

palestras, tudo tomou uma proporção muito maior do que a gente imaginava. (Patrícia Naya POD2E6.2021).



Ao longo desses anos os movimentos se transformaram de fato, os corpos são outros, as mulheres tomaram de assalto, e nos últimos anos só mulher tá passando pra final (Nivea Sabino POD2E6, 2021).

Durante a pandemia, houve algumas edições do slam das minas/SP online, nas quais muitas minas recitaram suas poesias com crianças no colo ou brincando na volta, enquanto a minha também brincava por aqui. Talvez essa questão das crianças tenha me tocado por eu ter uma, que precisei levar algumas vezes à universidade, sempre fui bem acolhida. No entanto, a universidade não é um espaço acolhedor para as crianças, filhas das mães universitárias que, inclusive, são proibidas em espaços como casa de estudantes e restaurantes universitários.

O que faço com minha filha ao comer no restaurante universitário? Ou se precisar morar em uma casa de estudante? Decisões como estas pautam a permanência, dificultam a vida universitária de mulheres que são mães. Enquanto estava como doutoranda, esta foi uma reivindicação de estudantes indígenas da UFRGS, que ocuparam um antigo prédio público abandonado, próximo ao campus central da universidade. A reivindicação foi acolhida pela universidade que, ironicamente, transformou o prédio da antiga creche, desativada anteriormente, em moradia estudantil indígena.

Ao tomar o slam como um espaço educativo não formal, Bastos e Villa Bôas, assumem que “a formação intelectual e social dos indivíduos é influenciada por suas vivências, pelo território onde vivem e pelo grupo em que estão inseridos” (2022 p.101).

Nas vivências que tive com as batalhas de poesia falada, esse espaço muitas vezes se confundia como uma sala de aula a céu aberto, onde a poesia era o caminho para o aprendizado e a poeta o veículo que

possibilitava a viagem. (Bastos e Villa Bôas, 2022 p.101).

Uma viagem, que no slam acontece naturalmente, está intrínseca aos próprios elementos que constituem o slam – poesia, performance, competição, interação e senso de comunidade (Smith e Kraynak, 2009 p.14). A (trans)formação está diretamente relacionada a eles, desde o movimento de criação da arena, até a interação que ocorre na performance entre poeta e público, criando uma ambiência que favorece a criação de um senso de comunidade que permite que a poesia-performance que circula na arena, reverbere para além desta.

Pista/sentido: Slam e a educação escolar



A poesia permite conhecer meu aluno, o que está dentro. (Natália Pagot, POD2.E5.2021).

Na escuta dos podcasts, *slam*, poesia e performance, também apareceu como ferramentas para à educação, uma arena-escola que convida à expressão, a poesia que atinge lugares outros, como contou a *slammer* Tawane Theodoro, ao compartilhar de sua experiência no *Slam Interescolar/SP*, no podcast *Minas Pretas*:



O slam chega nas escolas e ele aproxima as crianças da escola, uma professora falou: eu nunca fui tão procurada para corrigir texto, eles nunca escreviam, agora me procurarem para corrigir. A gente tá conseguindo vir com uma arte de rua fazer com que eles escrevam, o que eles quiserem. Dá para pensar a língua portuguesa mesmo como matéria, sem impor sobre o que eles vão escrever (Tawane Theodoro POD1.E7.2020).

O *Slam interescolar/SP* é uma experiência de levar o *slam* para dentro das escolas. Acontece desde 2014, idealizado por Emerson Alcalde, com inspiração na experiência das escolas parisienses, “as/os professoras(es) foram sacando a

importância do slam no auxílio de matérias como Português, História, Geografia e Artes” (Alcalde, 2022)¹⁷. A performance de poesia é uma ferramenta de ensino tão boa que faz as pessoas adorarem poesia”, disse Smith (Smith, 2021).

Para a tese, também percorri o caminho formal da pesquisa, me encontrei com outras pesquisas que também trouxeram o slam como ferramenta de educação de jovens (Dantas, 2019, Queiros, 2017, Viana, 2018).

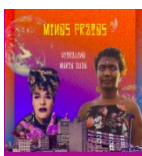
Pista/sentido: Slam, educação e representatividades

Na escuta dos podcasts, O mundo da educação formal apereceu com frequência nas vozes de poetas-slammers como uma experiência que nem sempre deixou boas marcas nos corpos, considerando os corpos escutados nos podcasts – mulheres negras e LGBTQIAPN+ – há marcas que seguem sangrando.

Das vozes que ouvi:



Eu acho que umas das coisas mais importantes que aprendi foi no jardim de infância, porque depois **a escola vira uma coisa insupotável quando você é gay**, eu odiava ir para escola, embora eu ame ler e estudar. (Marcio Januário POD2E8.2021).



No ensino médio, eu fui questionando muitas coisas, fui buscando ler outras coisas, na escola nossa história começa na escravidão... nas aulas de literatura a prof. sempre falava bem de Iracema, aí eu li e achei um absurdo. Comecei a duvidar de tudo que aprendia na escola (...) No colégio particular era todo mundo branco, tinha uma outra aluna que era mais negra que eu, me lembro que ficava feliz por isso, que horrível. Mas sempre me sentia mal para tirar foto da escola. (Maria Duda, POD1E3.2020).



Quando eu entro na universidade e a maior parte, grande esmagadora maior parte das minhas colegas e colegas são pessoas

¹⁷ O slam interescolar/SP, no ano de 2021, o recebeu o prêmio Jabuti, na categoria de Fomento à Leitura no eixo Inovação.

brancas, professoras e professores também pessoas brancas, os autores também pessoas brancas (Midria, POD3E3.2021).



O corpo que a gente vem, determina a escrita, a gente que é mulher preta o nosso tempo de produzir é outro, ele está para além desse tempo cronológico (...) o meu olhar está poetizando esse sol que nasce todo dia, mas ele tá poetizando minhas lutas, minhas dores, porque eu to olhando pra isso, dificilmente a gente se encontra com isso nos clássicos que a gente está acostumada a ler. Quando eu digo que o slam me devolveu para a literatura, é porque é que eu encontro referências de leitura que são pretas, é aí que eu começo a olhar para a escrita de Conceição evaristo, e quero ler Conceição e me encontro na palavra de Conceição e eu quero ler mais, o que a literatura provoca no sujeito é esse deslocamento (Nivea Sabino POD2E6.2021).

Pista/sentido: Slam e universidade



Eu tive sorte de poder estudar, no Brasil não deveria ser sorte poder estudar, seria muito bom que não fosse um luxo você pesquisar, você fazer doutorado (Roberta Estrela D'Alva, POD1E1.2020).

Conforme adentrava à escuta em relação ao slam e os espaços de educação, também percebi que o encontro entre *slam* e universidade já era uma realidade. Seja na quantidade expressiva de *slammers* que ocupam ou ocuparam às salas de aulas das universidades, como discentes, ou que realizam atividades junto às universidades, seja pelos corredores, saguões ou outros espaços. Uma ocupação que nem sempre acontece fácil para um corpo travesti, como contou Bixarte (2021), no podcast Pimenta no Cúir:



Foi fruto de muito trabalho chegar até aqui, quando **eu comecei a identificar que eu estava começando a acessar certos espaços que meu corpo geralmente não acessa**, eu não estou dentro da universidade, eu não passei no ENEN, mas eu estou dentro das universidades dando palestras. (Bixarte, POD2.E2.2021).

Nem todos os corpos tem o mesmo acesso à Educação, sobretudo, à universidade. **“Espaços negados, espaços ocupados!”**, diz o grito do *slam USPerifa*, como conta Midria, no podcast Minas Pretas (POD1E2.2020), uma escuta que se ampliou para o seu podcast Preta Galáctica (POD3E2.2021 e POD3E3.2021).



Aí eu e mais dois amigos, pensamos o USPerifa, que é uma competição de poesia, no molde tradicional dos slams pra recepcionar a galera que estava chegando por cotas etnorraciais. O slam se torna um espaço muito maior do que a gente imaginava, **ele se torna um quilombo mesmo**, esse processo de aquilombamento do USPerifa foi o maior presente que a gente poderia ter **e eu não imaginava que aconteceria na universidade.** (Midria, POD3.E3.2021).

Quando começo a desatar os nós emaranhados na palavra universidade, me encontro com um histórico tecido por um passado elitista, branco e masculino. Uma trama que, apesar dos avanços, ainda anda em passos lentos, em direção à democratização. Quem tem acesso a universidade no Brasil? Ao colocar slam e universidade em conversa, o tema do acesso, à educação foi uma pauta recorrente.

Sobre o acesso à universidade e suas interseccionalidades, ressalto, que a entrada das mulheres é um fato relativamente recente e crescente na história da universidade brasileira, como mostra Moema de Castro Guedes (2008), que refere que nos anos 1970, apenas 25% eram mulheres, passando a ser majoritariamente feminino (53%), nos anos 2000 (p. 124). Considerações que vão ao encontro, com os números trazidos pelo Censo da Educação Superior (CES) de 2017, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que mostrou que as mulheres eram maioria em 14 dos 20 cursos de maiores matrículas (INEP, 2019, p. 40).

No entanto, ao puxar um pouco mais esta linha, apesar das mulheres, atualmente, serem maioria na universidade, ainda somos minoria, nos cargos de direção e coordenação, assim

como, nas publicações científicas, como trazem Andrea Moraes e Patrícia Silveira de Farias (2018). No que se refere a pesquisa, apesar do aumento de mulheres bolsistas no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em Produtividade em Pesquisa (PQ) nas últimas décadas, as assimetrias ainda permanecem.

As desigualdades de gênero na ciência persistem no sistema científico brasileiro: as mulheres são minoria entre os bolsistas PQ/CNPq, concentram-se em guetos disciplinares e enfrentam dificuldades tanto para acessar o sistema PQ quanto para alcançar as modalidades de bolsa de maior prestígio científico. (Cunha, Dimenstein, Dantas, 2021 p.83).

Ainda sobre o acesso e suas interseccionalidades, buscando superar lacunas coloniais das universidades, surgiram as políticas afirmativas, como uma forma de reparação histórica, ampliando seu papel social, contribuindo para abalar as estruturas do “racismo estrutural” e “racismo institucional” tão arraigados em nossa sociedade. Racismos que ganham visibilidade na invisibilidade de pessoas negras em profissões de prestígio e/ou espaços de decisão de poder, como aponta Rita Segato (2006, p. 79).

E ouvi no podcast:



A minha entrada na academia não é só minha, eu sinto como se várias ancestrais minhas estivessem chegando naquele espaço também. (Midria, POD3E3.2021).

Sobre o acesso, compartilho uma memória:

[do bloco de notas da memória]

Me lembro com emoção, do primeiro dia de aula no doutorado na educação (02/2018), foi uma aula inaugural, com a professora Nilma Lino Gomes, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pesquisadora das Áreas de Educação e Diversidade Étnico-racial, com ênfase especial na atuação do movimento negro brasileiro. A aula, foi no auditório da Faculdade de Direito, estava lotada, a maioria das pessoas eram negras. Até o momento, no meu percurso acadêmico, praticamente não havia tido colegas e/ou professoras/professores negras/negros.

Como trouxe no fragmento do bloco de notas, foi visível esta transformação de quanto a universidade se coloriu, tornou-se mais diversa, com a política de cotas, regulamentada pelo Decreto nº 7.824, de 11 de outubro de 2012 (Brasil, 2012). No entanto, algumas instituições de ensino já adotavam esta política anteriormente, como é o caso da Universidade de Brasília (UnB), por exemplo, que apresenta um sistema de cotas desde 2004, lembram Carina Lilian Fernandes Pinheiro e Maria de Lourdes Soares (2019 p.193). E veio do podcast:



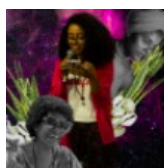
As cotas estão aí! A gente vê a mudança. E a cultura da universidade está acompanhando? O carteiraço também funciona na universidade? Como é a paridade dos espaços de participação da universidade? Quais os interesses que estão em jogo? (Natália Pagot, POD2E5.2021).

Ao colocar em conversa slam e universidade, a pauta das políticas afirmativas não demorou a aparecer como uma abertura de acesso. No entanto, as vozes que escutei, também falam da permanência e de todo um convite ao movimento que a ampliação de acesso provoca. Ampliação de acesso, que gera desconforto, sobretudo, em docentes que estão agarrados aos mesmos referências há anos e sentem-se desconfortáveis com o desconhecido. Inclusive, há quem tenha pouca disposição a se atualizar, que ainda insiste em colocar todas suas pesquisas em referências obsoletos. Ou seja, a pauta vai muito além do

acesso, é necessário chegar nas estruturas coloniais que edificam historicamente as universidades, como conta Midria:



Há limitações da academia: de referencial branco, número muito baixo de docentes negras, quando a gente pensa cotas tem os dados recentes, mas a gente ainda não está, esses números são recentes e não refletem uma mudança estrutural, dessa estrutura da academia, não é só estar lá, a gente tem que mudar as bibliografias, a gente tem que se tornar referência em áreas de **pesquisa**, a gente tem que resgatar as nossas e os nossos que foram apagados da história, eu to entrando não só pelas que não entraram, mas também por aquelas que entraram e foram apagadas (Midria, POD3E3.2021).



A USP foi pensada para a elite cafeeira na década de 20, então não era para eu estar lá, para minhas ancestrais estarem lá, a gente está nadando contra a corrente, contra o próprio curso que a história havia pensado para a gente (Midria, POD3E2.2021).

Diante do exposto, “A academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a (Kilomba, 2019, p. 51). Como escutei nas vozes dos podcasts:



Eu sou graduanda em Letras, pela Universidade Federal de Pernambuco, (...) quando eu entrei no curso de Letras eu estava muito fascinada, ia estudar os poetas, as escolas literárias, eu tinha essa expectativa de um encontro com a literatura que ampliasse a minha visão de mundo e que me trouxesse muitas referências. Acontece, que eu me decepcionei um pouco, porque, especificamente, no meu curso eu fui muito tolhida, tive professores que me disseram que não consideravam a literatura marginal como literatura (...), **eu esbarrei em um grande elitismo acadêmico quando eu mostrei dentro da academia a poesia que eu gostava de fazer**. Isto faz três anos, vejo que hoje a universidade está abrindo mais as portas, até porque se não abrir, não abraça os alunos, porque a galera está vindo com uma produção bem da rua mesmo, com outra pegada. (Patricia Naya, POD2E6.2021).

Pista/sentido: Universidade e a permeabilidade à vida vivida



Esse processo da pesquisa foi muito bonito, me mostra os lugares de intersecção entre aquilo que estou estudando, aquilo que eu estou vivendo, é uma transgressão em relação a esta realidade posta, a esta bibliografia acadêmica (Midria, POD3E3, 2021).

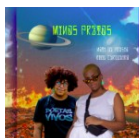
Nesse ponto, Federici enuncia que para buscarmos “comuns” na universidade, “temos que questionar as condições materiais, sua história e sua relação com as comunidades que a rodeiam” (Federici 2020, p. 151). As palavras de Federici, vão ao encontro, das palavras de Larrosa, que em seu livro [P] de professor, alerta que nas instituições contemporâneas de educação “o que desvanece, repito, é o mundo, e sobretudo, o mundo comum, o mundo compartilhado” (Larrosa, 2018 p. 181).

Um movimento que enseje comuns (Federici, 2020), escuta também em “pretoquês” (Gonzales, 2020), considera a “amefricanidade” como uma categoria em conversa (Gonzales, 2020). O colonialismo patriarcal constituiu uma ciência prescritiva, não é cuidadosa e fechada ao encontro:

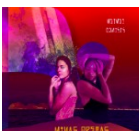
o “racismo se constituía como a “ciência” da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação que viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental.(Gonzales, 2020, p. 129).

A ideia de compor territórios comuns não é para o isolamento hermético, mas para criar composições, alianças, para que possamos ter ideias para adiar o fim do mundo (Krenak, 2020), sermos aprendizes de quem já resiste ao fim do mundo há muito tempo.

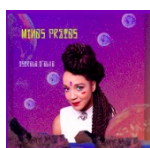
Daí a importância de aproximar a universidade da vida vivida. Me recordo das questões trazidas por Magali, na banca examinadora: “qual distância que há entre universidade e rua? O que separa e aproxima?” Das vozes que escutei nos podcasts:



Sou filha de exu, a gente não gosta de receber ordens, eu estudo filosofia, disse que ia estudar gente preta, porque a filosofia só estuda homens e brancos, to cansada de ler Platão. Eu fazia artes cênicas, mas queria fazer filosofia, eu falei que ia pesquisar o que eu quisesse, queria estudar o que tem a ver com o meu povo: genocídio do povo negro, encarceramento em massa, impacto da arte na periferia, é o que eu vivo. **Acho que nossa vida acadêmica tem que ser ligada com aquilo que a gente vive. Assim como se liga no slam. (...) O slam me ajuda a estudar, porque para eu falar sobre genocídio da juventude negra na minha poesia, eu tenho que saber sobre genocídio da juventude negra, tenho que estudar, então a poesia se liga totalmente na academia, porque a gente faz poesia marginal. (Nati de poesia, POD1E9.2020).**



O slam é minha vida, é a minha pesquisa acadêmica, é o que eu tenho vivido 24 horas por dia. (Meimei, POD1E8.2020).



A academia que não deveria estar apartada da vida, aí fica um monte de tese lá na biblioteca, fechada, que ninguém lê, que pouca gente tem acesso, ao trabalho que alguém levou quatro anos fazendo. (Roberta Estrela D’Alva, POD1E1.2020).



Eu digo para os alunos, vocês vão entrar na universidade também para ensinar os professores, não pensem que vocês vão estar lá como um papel em branco, vocês têm toda uma carga, vocês escutam Rap, vocês produzem algumas coisas, mostrem que vocês já estão no movimento de produzir. (...) **é importante ler os clássicos, mas é importante estudar também que poesia está sendo feita que não entra na academia, porque existe algo muito estranho nessa seleção que se faz dentro das escolas e nas academias, eu sempre digo isso para os meus alunos: vamos procurar também o que está fora do currículo, fora das grades, não adianta a gente só estudar o currículo, a poesia é muito além daquilo está sendo dito na minha aula de teoria literária (...) essa juventude está aprendendo que dá para aprender de poesia na rua, sim! Que dá para aprender de literatura na rua, sim! (Patricia Naya, POD2E6,2021).**

Como uma forma de aproximar a universidade da vida vivida, escutei:



A universidade deve recobrar um dos tripés da universidade, que muitas vezes é deixado de lado, que é o tripé da extensão, teoricamente a universidade tem esse tripé: ensino, pesquisa, extensão. **A extensão é muito deixada de lado em detrimento da pesquisa. Muitas vezes é colocada como nem tão importante assim.** (Midria, POD3E3.2021).

Como uma experiência importante de extensão, que pude acompanhar, destaco o projeto Formando Multiplicadores de Cidadania, realizado pelo coletivo cultural Poetas Vivos, contemplado no Edital Criação e Formação - Diversidade das Culturas, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), via Pró-Reitoria de Extensão, com objetivo de realizar uma formação sobre uma educação antirracista para profissionais da educação, abordando as temáticas: Racismo, Saúde mental, Afeto e Autoestima no âmbito escolar. A formação foi online, no YouTube, no período pandêmico, como conta Natália Pagot (2022), que além de trazer sua voz no podcast Pimenta no Cúir (POD2E5.2021), também foi colega de linha de pesquisa na UFRGS.

Somos da rua, nos encontramos em becos, praças e encruzilhadas. Nosso fazer metodológico vem do dia a dia, da rotina, dos erros e debates coletivos. Fazer e recolher informações para retornar, repensar, mudar a forma-metodologia-jeito de fazer e refazer. (Pagot, 2022, p. 114).

Experiências como a do Coletivo Poetas Vivos contribuem para a ampliação da permeabilidade da universidade às metodologias da rua, fundamental para uma educação antirracista, essencial para que ocorra uma reparação histórica, para que se rompa com o “acordo tácito” da branquitude (Bento, 2022).

É deste transitar entre, dentro e fora, que surge a possibilidade de construir comuns, de imaginar outros mundos.

“É preciso imaginar para desaprender”, lembra Débora Diniz (2022, p. 42), ao explicar sobre o verbo “imaginar”, remetendo a sua experiência na cracolândia em São Paulo, imaginar como primeiro gesto de aproximação. Neste sentido, a reparação passa pela capacidade de imaginar.

A fala de Débora me remeteu à uma experiência de pesquisa com o grupo que participei, que se dedicava a estudar as universidades emergentes. Pude conhecer a experiência da Universidade da América Latina (UNILA), que surgiu como uma proposta de integração da América Latina¹⁸. Localizada em zona de fronteira, apresenta uma proposta curricular bilíngue, um ciclo comum para estimular a interdisciplinariedade na formação, e conteúdos que visam aproximar a universidade da região. No entanto, sua instalação também provocou tensionamentos com a população local, que também demonstrou preconceitos e atitudes violentas com o público da universidade. Foi possível perceber, que apesar da proposta emergente, as pessoas que compõem os espaços ainda reproduzem comportamentos construídos em uma matriz colonial, patriarcal, com interesses de mercado.

Como disse Emerson Merhy (2020), em uma *live* realizada durante a pandemia, sobre a necessidade de inventarmos “novos comuns” na diversidade (e não na identidade) e a demanda de outras políticas cognitivas em um mundo posto em xeque, como uma estratégia de produzir mais “vida vivida para poder viver”. Para isso, o professor dialoga com Spinoza, Deleuze e Rolnik, para reforçar a necessidade de encontros alegres, como contraponto a pulsão de morte que se escancarou com a Pandemia.

O Professor trouxe a aranha e sua capacidade de tecer teias, como uma sugestão de artefato de tecer comuns. A rede-aranha, como a potência de lançar teias em territórios visíveis e invisíveis, ruídos de sons, escutas e audições, o que nos faz um campo aberto de territórios de afetabilidade, e

¹⁸ Como resultado desta pesquisa, foi publicado o livro: *Universidades emergentes no Brasil. Olhares e experiências Sul-Sul*. (Maria Elly Herz Genro; Jaime José Zitkoski; Rafael Arenhaldt (organiz.), 1 ed. Porto Alegre: Cirkula, 2021.

este campo torna-se fértil para que construir mundos no mundo. (Merhy, 2020).

Pista/sentido: Slam, universidade e a geopolítica da escuta

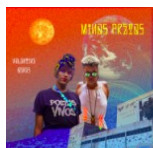
Apesar do verbo escutar compor os movimentos de pouso da espiral encontro, este sentido fala sobre as geopolíticas da escuta na universidade, ou seja, compõe uma zona de fronteira com o território anterior. Algumas vozes migraram de lá pra cá, de cá pra lá.

Escutar as vozes de *slammers* trouxe a urgência da universidade repensar suas “políticas de escuta”. Que corpos têm suas vozes escutadas? Qual a ética envolvida na escuta? Qual a formatação exigida para caber na escuta? Para ser científico? E disse Kilomba:

Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho a cerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: “você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”, “muito pessoal”; “muito emocional”, “muito específica”; “Esses fatos são objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silenciam nossas vozes assim que falamos. **Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro como a norma.** (Kilomba, 2019, p. 51-52).

O fragmento acima fala da experiência de Kilomba, mas também fala das vozes que escutei, tanto nos podcasts, como nos corredores da universidade. “Precisamos repensar nossas políticas de escuta” (Leal, 2021, p. 161); “trata-se, mais profundamente, de questionar a geopolítica colonial da escuta” (Leal, 2021, p. 157); ouvir escutas soterradas, ouvidos ensurdecidos pela branquitude, “evitar focar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio (Bento, 2002, p. 3). Não é de se estranhar que se pontue mais sobre o

privilégio em uma arena de slam, que nas arenas da universidade. Sobre privilégio, escutei na poesia, trago um fragmento mas recomendo escutá-la:



Vai deita, deita, com teus privilégios no chão
e põe a mão na consciência.
É muito fácil falar com casa,
faculdade paga e comida na mesa,
não se fala de boca cheia.
Então deita, deita, deita no chão e fecha a boca (...)
Abracadabra, entrei pro livro, rádio e internet
e to dentro da tua casa,
isso é um assalto,
to dentro da tua casa (...)
 tiro de letra marginal (...)
vai, vai, vai passar mal,
é artigo acadêmico premiado no jornal com a nossa desgraça,
enquanto na praça mais um cai (...)
a bala era para ser perdida,
mas por mim foi achada
e pela polícia apreendida,
na cabeça de uma criança preta vai ser encontrada pelo legista,
acabou, vocês estão em dívida.
(Agnes e Valentine, [poesia] POD1E6.2020).

E o que se faz quando escuta isso? Esta poesia ecoou em espanto, o corpo sentiu coisas, precisou de um tempo para recompor-se. A escuta exigiu de mim dar conta do que escutava, tomar decisões de referências teóricas, de metodologias de pesquisa, de ética do encontro.

Frequentemente, as fronteiras do privilégio causam algumas chispas. Como trouxe Lélia Gonzales, em um ensaio chamado “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, que começa com a seguinte pergunta: cumé que a gente fica? O texto aborda o mito da democracia racial no Brasil, começa com uma epígrafe, na qual a autora compartilha de uma história frequente nos meios intelectuais descolados, compartilho de alguns fragmentos:

Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra

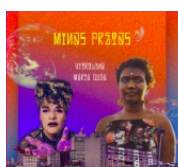
gente também. Negócio de livro sobre a gente. A gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até para sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. (...)

Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente deu uma de atrevida. Tinham chamado ela para responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa pra falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. (...) Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? **Se eles sabia da gente mais do que a gente mesmo?** (Gonzales, 2020 p. 75).

O preâmbulo trazido por Lélia Gonzales também apareceu nas vozes que escutei, também apareceu escrito como denúncia nas palavras de Natália Pagot, ao ser a primeira autora do Coletivo Poetas Vivos a publicar um artigo falando do seu próprio trabalho:

Ao pesquisar em bancos de teses e artigos encontrei alguns trabalhos que citam o coletivo. Trabalhos de mestrado e doutorado, que referenciam os Poetas Vivos, porém nenhuma integrante, até então, conseguiu publicar como autora da sua própria história, de suas práticas e/ou teorias dentro do coletivo. (Pagot, 2022, p. 115).

Ao adentrarmos às estruturas colonial-cis-hetero-patriarcais que edificam também às universidades, é urgente repensar sobre a metodologia de pesquisas utilizadas, como pude escutar nas vozes dos podcasts, falas que falam da necessidade de um giro ético no sentido de descolonizar as pesquisas e quem pesquisa, como aponta o referencial teórico que dialogamos no grupo de pesquisa, mas, sobretudo, retumbaram na escuta:



Fazer mestrado e doutorado também tem a ver com isso, porque entrar na academia é uma forma de se legitimizar, de se posicionar, porque senão seguiremos objetificadas por pessoas que

contam nossas narrativas e vão ganhar crédito com a gente, temos que ganhar nosso próprio crédito. (Luna Vitrolira, POD1E3.2020).



Eu me sinto indo além do trabalho acadêmico, não é um ir além por tirar o rigor científico da minha pesquisa, ao contrário, até aumenta o rigor, é um envolvimento espiritual, acho que a academia tem muito a ganhar com essa perspectiva, porque a gente está cada vez mais distante da sociedade, a academia cavou sua própria cova, é pensada do modo branco, a própria universidade. (Midria, POD3E2.2021).

Grada Kilomba, Agnes Maria, Valentine, Lélia Gonzales, Midria, Luna Vitrolira e um largo etcétera, enunciaram com suas vozes algo que está normalizado na universidade, em seus lugares de prestígio intelectual elitista branco, quem pesquisa e quem é objeto de estudo. Que corpos compõem o objeto de estudo? Que corpos falam? Vozes que também ecoam com aquelas que falaram sobre a interseccionalidade do acesso aos diferentes espaços da universidade.

Pista/sentido: A vergonha como mobilizadora da (trans)formação



A dor tira a venda dos olhos, te faz enxergar, falando assim de pessoas que estão num **lugar de privilégio**, aí **quando escuta a gente falando, recitando** essa pessoa cai em si, aí é um xororo: “**Meu Deus que tipo de pessoa eu sou? Nunca vi esses corpos.**” Falar da dor muitas vezes nos torna visíveis. (Jazz, POD1E5.2020).

O encontro com o *slam* foi/é um saculejo - reflexivo, teórico, político, ético e estético - por me colocar para fora do meu umbigo, por romper com o histórico masculino e branco dos discursos oficiais que nos constituem e nem os percebemos, de tão normalizados que estão. Sentir o privilégio cutucando

gera incômodo, vergonha, dói. No entanto, há que suportar, pois é exatamente aí que a (trans)formação começa.

O encontro com *slammers-poetas* e suas poesias, me contaram uma outra versão da história, que os livros de história não me contaram na escola; me mostraram uma outra versão de corpo, que a formação na saúde não alcançou; passei a enxergar o rastro histórico de sangue que o pano branco do colonialismo e do cisheteropatriarcado vêm limpando há séculos, em suas versões de mundo. Senti muita vergonha, vergonha por tudo que não via e sempre esteve ali. Neste caminho me encontrei também com Grada Kilomba, com quem aprendi que sentir vergonha faz parte da percepção do privilégio da branquitude:

A vergonha está, portanto, conectada intimamente ao sentido de percepção. Ela é provocada por experiências que colocam em questão nossas percepções sobre nós mesmas/os e nos obriga a nos vermos através dos olhos de “outras/os”, nos ajudando a reconhecer a discrepância entre a percepção de outras pessoas sobre nós e nossa própria percepção de nós mesmas/os (...) o sujeito branco se dá conta que a percepção das pessoas negras sobre a branquitude pode ser diferente de sua percepção de si mesmo, na medida em que a branquitude é vista como uma identidade privilegiada (...) a vergonha é o resultado desse conflito. (Kilomba, 2019 p. 45).

A vergonha, traz Kilomba (2019), faz parte dos “cinco mecanismo de defesa do ego”: negação; culpa; vergonha; reconhecimento; e reparação, para “tornar-se consciente de sua própria branquitude” (p.43). Um movimento constante de encontrar “o colonizador” que nos habita, para assim, reconhecê-lo (p.45). O “reconhecimento é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade” (p.46). A partir daí, é possível negociar com a realidade, como aponta a autora (2019), como o último estado: a reparação.

Reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios. (p.46).

É com o desejo de reparação, “lembrando do passado a fim de entender o presente” (Kilomba, 2019 p.29), que escrevo. Lembrar o passado, para que ele não se repita, ouvir as vozes escondidas no silêncio da branquitude, como uma possibilidade necessária para erguer pontes que levem à outros lugares, “a memória é uma ilha de edição”, já dizia o poeta wally salomão, por isso precisamos nutrí-la com outras versões, como traz Cida Bento (2022):

A “memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado “vitorioso” de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram - os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer” (Bento, 2022 p. 39).

Pista/sentido: slam, um passeio entre oralidade e escrita

Ao colocar slam e universidade em conversa, outro ponto que saltou aos ouvidos, tem a ver com a forma que os conhecimentos circulam nestes espaços, assim como, quem tem espaço de fala, quem tem espaço de escuta, quem pode compor os espaços avaliativos e o papel do público na arena.

Escutei na poesia de Auritha Tabajara, no podcast Pimenta no Cúir:



eu não sou como iracema, de José de Alencar,
sou do povo tabajara,
das terras do Ceará,
minha aldeia é Emburama,
minhas terras soberanas,
pelo toque do maracá,
minha avó é referência,
desde o tempo de menina, até me tornar mulher,
nas histórias que ela ensina,
me ensinou a falar,
que a mulher tem seu lugar,
raiz que nunca termina. (Auritha, POD2E9.2021).

A poesia de Auritha, em ritmo de cordel, vem carregada de ancestralidade e oralidade. Assim também é no slam, como trouxe Smith, na mesa da FLUP “a filosofia do slam, é o mais antigo passa para o mais novo” (Smith, 2021).

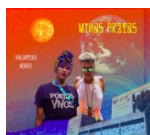
Sobre slam e oralidade, escutei no podcast:



Eu tive um contato com a oralidade na igreja, na pregação, é um grande instrumento de manipulação em massa a oralidade, se não o mais importante, se não o maior é os profetas da igreja. Uma vez no slam, uma menina chegou para mim e disse que eu pregava, aí eu falei caracas, saí dessa realidade, algumas pessoas acharam que eu ficaria triste com essa associação, mas não fico não, você já viu o pastor falando? Os caras conseguem convencer se tu não der o dízimo tu não vai pro céu, conseguem convencer você de várias coisas. A igreja tem esse poder. A palavra liberta. E o slam está muito nesse lugar. É oralidade, é peso. É esse arrepio que você sente muito no slam. (Jazz, POD1E5.2020).

Ao tomar a arena como professora, também me salta aos ouvidos a proporcionalidade do tempo para fala, assim como, o próprio lugar da oralidade e da escrita, à educação ganha outros contornos. Na universidade, há uma hierarquização da escrita como conhecimento válido, embora também se fale muito, não há valorização da oralidade.

Escutei no podcast:



A academia diz que precisamos ter um papel para dizer o que já dizemos. (Valentine, POD1E6.2020).

Na universidade, o conhecimento é medido por titulações, como por exemplo, quais as exigências para uma pessoa poder compor as arenas de uma banca examinadora de doutoramento? Como valorizar os conhecimentos performativos e orais, em cenários que prevalecem os conhecimentos escritos.

Diante dos questionamentos, ficou a percepção de que a universidade precisa se abrir para outras expressões. Não para acabar com o lugar da escrita, mas para ampliá-la.

No slam, a performance, a oralidade ganham à cena das arenas, no entanto, muitas poesias também ganharam livros, para ampliar o registro da palavra. Muitas das vezes que escutei, têm livros publicados e/ou também passeiam por outras expressões artísticas, como música e teatro, por exemplo. No slam, a narrativa pode transitar entre a poesia falada e escrita (e vice e versa), como um passeio.

Sobre o passeio entre oralidade e escrita, escutei nos podcasts:



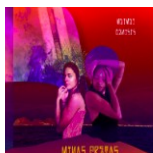
O nosso passado ele vem muito pela oralidade, das histórias que nos foram contadas, o que é muito bonito, mas acho que é importante a gente começar a registrar, isso estar registrado na biblioteca, um monte de nome preto, de poeta que saiu do sarau, saiu dos slams. (Dani Nega [entrevistadora], POD2E6.2021).



Eu considero um passeio pelo livro, por uma plataforma possível, quando a gente tá na rua e a gente fala nossa poesia, chega nos espaços e declama, a gente de alguma forma está publicando o texto, porque as pessoas passam a reconhecer a gente por aquele registro auditivo (...) as pessoas pedem tu pode recitar aquela poesia que eu te vi falando outra vez, e onde que ela tá? Eu comecei a ouvir isso muito, onde eu encontro aquele texto? (...) aí eu comecei a sentir a vontade de publicar de deixar a palavra escrita, deixar esse registro. A população negra nesse País, a gente sabe a dificuldade do acesso da escrita, ao material impresso e a importância da gente contar nossas próprias histórias, de fazer os próprios registros, de marcar esse passo preto na literatura, minha palavra é preta. É preciso que tenha publicações de palavras pretas e que as pessoas se identifiquem. (Nivea Sabino, POD2E6.2021).



Eu senti para além do orgulho, de poder olhar o meu trabalho, pegar no meu livro e dizer: Poxa, eu fiz isso, eu consegui! Muitas pessoas não imaginavam que eu ia conseguir, e eu tenho hoje um livro na biblioteca central de Recife, eu tenho um livro na mão de conceição evaristo, eu tenho um livro na escola onde eu trabalhava. O livro tem muito sobre Recife, mas também **é um livro muito bélico, onde eu falo da potência de armas que eu trago comigo: a palavra, o olhar, o afeto que eu considero como ferramentas de guerra.** (Patricia Naya, POD2E6.2021).(Patricia Naya POD2E6.2021).



Foi muito legal para minha carreira, que a Universidade de Brasília começou a estudar este movimento que surgia na periferia, começou a estudar os meus escritos, aí o pessoal me encontrava nos saraus, porque para saber dos meus poemas tinha que ir nos saraus, porque eu sou piolha de sarau, não publicava muito pelo facebook, tinha que realmente ir, acho muito legal, meio vintage, aí eu tive uma certa resistência para publicação, porque não queria que mexessem no meu trabalho, pensei em publicar independente, mas aí você precisa ter uma grana, porque eu queria fazer uma coisa boa, porque a coisa da quebrada também pde ser boa (..) Porque o dominador domina no papel, na palavra, tá no papel a palavra dele, a nossa palavra tem que estar nesse mesmo lugar, publicar numa editora, colocar os meus poemas no papel é muito importante (...) precisamos legitimar o nosso trabalho, quero que saibam que tem uma escritora em Samambaia/DF. (Meimei, POD1E8.2020).

Ao final desta escrita, me senti instigada a deixar uma produção que também fosse oral. Criei um podcast chamado Poética de uma tese em voz (Gusmão, 2023), para contar do percurso de tese pela poesia oral, para poder deixar minha voz como registro.



Território de sentidos: A espiral Cuidado

A poesia deveria ser considerada uma questão de saúde pública. (Pucheu, 2021).

Este foi o último *território de sentidos* que tracei ao cartografar os territórios, talvez por ser o território que já levava mais tempo trilhando.

Cuidado é uma palavra que por si só é exclamativa, palavra-advertência, palavra-alerta. Para ampliar os sentidos no traçado da espiral cuidado, precisei passar pelos territórios anteriores e seus movimentos de pouso. Reescrever a performance do cuidado pela escuta; costurando uma língua que erguesse pontes; em prol da (trans)formação da universidade em um lugar acolhedor e permeável à vida que pulsa dentro e fora dela. Para quando na vida profissional, a prática exercida, seja igualmente acolhedora e permeável. Territórios cíclicos, que se retroalimentam, ciclos espiralados de sentidos, sentidos em movimento.

Inicialmente, a espiral cuidado estava diluída nos demais territórios, teve pouca evidência na construção do projeto de tese. Como se estive ali, aguardando o seu momento de entrar em cena, praticando os movimentos anteriores, para incorporá-los em seu próprio repertório de movimentos.

Ao começar o traçado da espiral cuidado como território de sentido, percebo que esta tese organiza o que pediu passagem, depois daqueles dois pontos, que finalizaram em movimento a escrita da dissertação de mestrado.

Durante a escrita da dissertação, ao escutar sobre a experiência de quem viveu um programa que visava a educação

pelo trabalho, o PET-Saúde. Me encontrei com vozes que também falaram de uma formação fragmentada por grades curriculares, apontando lacunas na formação da área da saúde em dar conta de ensinar um cuidado na perspectiva do SUS, abarcando todas as dimensões de complexidade de maneira integrada, interdisciplinar, uma tessitura em rede, uma rede que é viva (Merhy et al, 2014), que pode ser burocrática ou rizomática (Deleuze e Guattari, 1995).

No cotidiano do SUS, a tripla espiral está sempre em movimento, o encontro e a (trans)formação para tecer o cuidado ao longo do tempo-espaço.

No que se refere a articulação entre saúde, educação e cidadania, às formações dos cursos que compõem a área da saúde devem seguir as diretrizes do SUS, conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares da Saúde (DCN) (2017). Uma formação que não se conclui com a graduação, que continua no território do trabalho, pela Educação Permanente em Saúde (EPS), uma ampliação e atualização que acontece em serviço, de acordo com as demandas cotidianas. (DCN 2017).

Ao trazer a espiral cuidado como *território de sentido*, trago junto o SUS como pano de fundo. A saúde como direito de todos e dever do estado - o acesso universal, a integralidade da atenção, de maneira equânime, tal qual a Constituição Brasileira (1988). Saúde para quem? Para que corpos? Qual o modelo do corpo saudável? E do patologizado?

Durante os atendimentos nos cenários de oficiais de cuidado, tais como, unidades de saúde, muitas vezes, o mundo que a pessoa em atendimento carrega, é convidado a ficar do lado de fora dos consultórios (Merhy et al, 2014), deixando também do lado de fora, mundos de possibilidades de tessituras de cuidado que estes mundos carregam. Neste caso, as ações ditas de cuidado, são pautadas, não pela escuta, mas pela "forte centralidade nas suas próprias lógicas de saberes" (Merhy et al, 2014, p. 3). Neste cenário, as pessoas em atendimento são:

Como seu objeto de ação, como alguém desprovido de conhecimentos, experiências. Nesse encontro só há

espaço para reafirmar o já sabido, o saber que eu porto em relação ao outro, o que eu como profissional considero ser o “correto”, discursando para quem nada sabe qual o modo “mais saudável, a melhor forma de viver”. (Merhy et al, 2014 p.3).

Não é de se estranhar, que esta relação de hierarquias de saberes, também tenha aperecido na espiral (trans)formação, nas relações que se estabelecem nos cenários de ensino, nas pesquisas acadêmicas, que reproduzem a mesma lógica de transformar pessoas em “objeto de estudo”. Atitudes e prescritivas normalizadas, que sufocam a autoria da própria vida.

Esse encontro, assimétrico, e sua assimetria não provem do fato de não incluir a diferença, mas de transformar as diferenças em desigualdades de saber e de formas de vidas onde há uma propriedade exclusiva de certo saber de alguns em relação aos outros. (Merhy, 2009).

A proposta desta tese, foi ouvir as “vozes que vêm da rua” (Merhy et al. 2014), convidar estas vozes para adentrarem os cenários de cuidado, acolhendo narrativas que ampliem a conjugação do verbo cuidar, em ações mais acolhedoras.

Para compor as fronteiras de verbos deste território, também retomei a conversa entre Débora e Ivone (2022), trazendo os verbos: acalentar (p.87), celebrar (p.179), falar (p.243). Verbos, que naturalmente se conjugam em uma arena de slam. Debora Diniz (2022) ao trazer o verbo acalentar, o retoma no sentido pronominal da conjugação, acalentar-se.

O acalento de si é um ato feminista, uma fratura da pedagogia do cuidado dos outros para cuidar de si mesma. Acalentar-se é expandir a pedagogia do cuidado. Só cuidamos para a liberdade se antes acalentadas. (Diniz, 2022, p.89).

• Movimento de pouso: Promover saúde

- ✓ **Característica:** a arena de slam como promotora de saúde.
- ✓ **Habilidades:** acolher a dor como parte da cura.
- ✓ **Efeito-escuta:** territórios comuns em composições provisórias.

Sentir a arena de slam como promotora de saúde foi uma das primeiras sensações nomeáveis que reverberou no corpo ao acolher o espanto, quando me encontrei com a poesia em praça pública. Apesar do espanto, me senti acolhida, percebia a segurança que havia naquela arena para a palavra circular. Pensei: Isso é saúde!

Uma arena de slam, “é uma batalha, uma partilha e uma saúde” (Silva e Feuerwerker, 2019 p. 335). Um espaço de cuidado, de respeito, apesar de também reproduzir desrespeitos entranhados estruturalmente na constituição dos corpos-gaveteiros que lá estão. No entanto, é um local que busca remexer nessas entranhas, como poucas experiências que vivi. A pessoa vai lá, apresenta sua poesia, que muitas vezes estava atravessada na garganta, fala da experiência de viver a vida desde seu lugar, as outras pessoas da roda escutam, ou se propõem à. Todas com o mesmo tempo garantido de fala e de escuta. Em uma arena de *slam*, escuta-se mais na proporcionalidade do tempo. A escuta como ferramenta do cuidado.

O slam é uma competição, como trouxe lá nas coisas que precisamos saber sobre o slam, no início do texto, ao apresentá-lo. A competição é pretexto para o encontro. O fato de ser uma competição me colocou a pensar em muitos momentos, porque a competição é algo que está entranhado nessa estrutura dura que nos estrutura, competimos uma vaga de emprego, uma vaga na universidade, no par ou ímpar. Nós mulheres somos ensinadas a competir umas com as outras, como forma de nutrir e manter o Monstro das três cabeças. Ressalto, que a competição entre as mulheres é algo que tem mudado bastante ao longo dos anos.

“Eu não gosto muito da competição, porque ela infla o ego das pessoas”, disse o próprio Smith (2021), criador do *slam*,

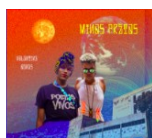
durante a mesa da 10ª FLUP. “Espero que não levem a competição tão a sério, porque aí as pessoas escrevem para ganhar pontos, não parte do coração”, complementou Luiza Romão na mesma mesa. Não é no ego da competição que vou me deter, embora ele esteja onipresente em todos os lugares. Me interessa o convite à partilha, à celebração que está presente no encontro do *slam*.

Há uma competição, embora não se dispute uma versão vitoriosa da história, talvez esse possa ser um dos aprendizados para a universidade e os cenários de saúde. Uma competição que acontece como uma celebração da palavra, que circula. E ao circular ganha vazão, erguendo pontes, territórios provisórios pela poesia, como possibilidade de novos mundos. A luta que se trava em uma arena de *slam*, não é entre poetas, mas sim, contra o “CIStema” (Nascimento, 2021).

Pista/sentido: Poesia como cura

Poetas que fazem arte como diagnóstico e curas sociais. Precisamos de diagnósticos e remédios para nossas doenças atuais e históricas (Pucheu, 2021).

Em uma mesa da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), chamada “poemas para um Brasil do nosso tempo”, Pucheu (2021), mencionou sobre o papel da poesia no cuidado, frisando que “poetas são imprescindível na luta de um Brasil que queremos, mais justo, mais diverso, que seja o coração do nosso País” (Pucheu, 2021). Nas vozes que ouvi nos podcasts, também foi comum a poesia ser mencionada como uma cura, um autocuidado, uma forma de existência, uma forma de escrever-se, assumir a autoria da própria vida.



A poesia para mim é uma forma de resgate, eu transponho para o papel o que sinto na pele, eu experiencio, vivo diariamente, Conceição Evaristo trouxe esse termo para nós, que é a escrevivência, a gente se ressignifica quando conta a nossa história a partir da nossa perspectiva (...) eu sempre digo, **a poesia dói, dói, mas ela cura**, então é isso. (Agnes, POD1E6.2020).



A poesia tem esse lugar de cura. A poesia sempre foi um intermédio para as minhas cura. Escrevo a poesia e curei, não é assim. Mas escrevo a poesia e vou lembrar dela todos os dias, de onde eu vim, com quem eu quero partilhar. (Midria, POD1E2.2020).



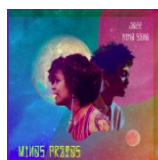
Porque eu tenho uma parada de cura no slam, eu sei o quanto esse texto é importante para mim e para as outras pessoas escutarem, tomarem esse tapa de verdade, mas dói falar muito, porque quando eu falo de maneira racial eu to sempre pautada no ódio, então eu termino a poesia e to com ódio, mas terminar a poesia e estar mal é uma coisa que não era mais para fazer sentido (Tawane Theodoro, POD1E7.2020).



Afrodengo é quando a gente escuta outra pessoa que parece com a gente. Essas manas falando sobre algo que eu também vivi. A Rool sofrendo varias coisas como eu, é sobre isso, sobre se amar, entender a dor do outro e ajudar curar, a cicatrizar. (Nati de Poesia, POD1E9.2020).



Toda vez que eu escrevo eu estou sangrando, tem alguma coisa aberta, e **a escrita é meio que um curativo**. Eu vou limpando, a medida que eu escrevo. Escrever a partir disso, além de ser transformador, porque eu começo a transpor para o papel as vivência que eu tenho enquanto mulher preta, lésbica que eu sou, tudo o que eu tenho sentido. (Patricia Meira, POD2E5.2021).



É impossível não falar de dor, porque nosso corpo é alvo de dor, dores ancestrais que a gente carrega até hoje (...) eu percebo a capacidade da poesia poder transpassar a dor, não é só de dor que a gente vive, a gente também celebra, a gente é forte, a gente diz: não, você não vai me matar hoje, porque hoje eu estou forte, fique viva! (Kika Sena, POD1E5.2020).

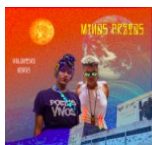
Pista/sentido: para além do universal: poesia para inventar outros mundos possíveis



O lugar da universalidade não me interessa, o lugar da universalidade não deveria interessar a nenhuma de nós, porque é justamente esse lugar que nos oprimiu durante tanto tempo, mas que a gente tem a possibilidade de construção de outros mundos no momento que nos colocamos como sujeitas da realidade, que nos negado por tanto tempo. (Midria.POD3E3.2021).

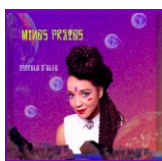
No slam, a poesia é uma forma de narrar e reivindicar mundos, outros mundos, para além das universalidade. Olhando desde a perspectiva do SUS, pode-se dizer, que o slam funciona como um espécie de controle social poético. É nesta perspectiva, que senti que havia muito o que aprender com essas vozes, “que devolvem com poesia a violência sofrida pelo Estado”, como disse Alberto Pucheu (2020), ao falar da potência política da poesia do *slam*, na live *Poesia: Para quê?*¹⁹

E escutei no podcast:



Somos mulheres, negras, periféricas, temos todos os acessos **negados**, a sociedade tem que agradecer que eu faço poesia, porque, se eu não fizesse poesia, estaria dando um trabalho desgraçado. (Agnes, POD1E6.2020).

O tal Monstro das três cabeças, que ilustra esta escrita, apresenta efeitos catastróficos às vidas humanas e não humanas. Enfrentá-lo também é uma questão de cuidado.

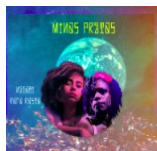


Minha maneira de lutar não é pegando em armas, eu tenho essa arma que é a palavra, que é a arte, que é a poesia, que é agrupar pessoas. (Roberta Estrela D'Alva, POD1E1.2020).

¹⁹ Alberto Pucheu. Poesia: Para Quê. Reflexões Psiquiátricas [live] @tacordas. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CCexx9Jndx1/?hl=pt-br> em 10 de julho de 2020.

A poesia rima com a cartografia, diz o artigo de Silva e Feuerwerker (2019), grafias de territórios, geográficos e/ou existenciais. Quem cartografa e/ouou poetiza, “caminha conectando-se à existências e coisas” (Silva e Feuerwerker, 2019, p. 337).

Das coisas que escutei nos podcasts:



Na poesia conto a história da quebrada, o descaso e abandono que vivem. (Rafa Rasta, POD1E4.2020).

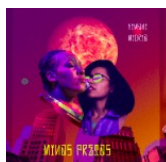


De 2017 para cá, em Recife, esse movimento da poesia marginal e da poesia contemporânea ganhou muito a cara de uma poesia de denúncia, uma poesia subversiva, uma poesia que encara, que tá na rua para encarar de fato os perigos da rua. (Patrícia Naya POD2E6.2021).



A necessidade de falar, é um ato político, quando a Naya traz como os movimentos de slams pegaram esse caráter político, de denúncia, da questão dos direitos. Eu entendo, porque é o nosso sacrifício, eu sei quando eu saio de Nova Lima para ir para Belo Horizonte, pagando passagem, chego lá, recito poesia, na hora que eu volto, para pegar o último ônibus, isso se eu não perder, e chegar em casa sabe-se lá como. Então, quando eu abro a boca, dificilmente eu vou fazer uma poesia para te divertir. (...) A gente sabe aqui em Minas Gerais a dificuldade que é esse atravessamento pelas mineradoras e o quanto que isso vai cortar a nossa existência e acabar com a nossa subjetividades, então a minha poesia está carregada desse grito, mas também tá carregada também de leveza. (Nivea sabino, POD2E6.2021).

pista/sentidos: Poesia e mulheridades: existência, autonomia e saúde



Pede para a voz parar, a voz da intuição, porque é sempre mais um corpo preto no chão.

É mais um corpo preto no chão, porque eu vejo os meu morrendo todo dia, meu povo parece gado marcado, cordeiro amolado. (Kimani [poesia], POD1E2, 2020).

Se os consultórios convidam os mundos interiores para ficar ao lado de fora, em uma arena de slam são estes os mundos que circulam. Na escuta dos *podcasts*, a poesia foi trazida como uma língua para existir, para atravessar, da transição capilar à transição de gênero, a poesia como língua para transitar entre as fronteiras, “desguarnecer as fronteiras” (PUCHEU, 2021). A poesia como uma forma de existir, ser antes na poesia, através da poesia.

E disse as poesias que escutei nos podcasts:



Estão sempre colocando dentro da caixa: biscoito ou bolocha, hetero ou gay, pelo amor, eu não sou meio a meio, eu sou bissexual, e existo igual, não me rotula com o teu manual (...) Sou não binária, tem gente que não se identifica, então respeita trans e as travestis (...) (Nega Preto [poesia], POD2E4, 2021).



Vi na internet uma oficina de escrita para mulheres negra, da Ryanne leão, eu lembro que pensei: mas mulher preta escreve diferente que mulher branca? Eu vou lá ver, porque gosto de desafio. Eu estava num processo, ainda não me via como negra, sempre me trataram como morena, sempre fiquei confortável nesse papel. Nos exercícios que a Ryanne ia fazendo fazia a gente acessar ancestralidade, coisas que nunca tinha pensado, aí no final escrevemos algumas poesias, (me lembrei que escrevia quando eu era criança para minha mãe e meu pai), quando apresentei minha poesia, elas disseram que precisava dizer isso na rua. Então, elas me levaram no slam para eu conhecer, aí depois fui para Zap Slam, fui no Slam BR. (...) Mas

começou assim, numa procura por mim mesma, tentando não morrer, metaforicamente, e tentar achar um sentido na minha vida... (Kimani POD1E2.2020).



O livro que escrevi se chama delírios de resistência, é um livro de poesia, são 30 delírios, foi a época que fiz 30 anos, **eu falo muito sobre depressão, sobre saúde mental**, são 30 trechos que resignifico os anos da minha vida, dos meus delírios, das minhas questões da cabeça. (Gênesis, POD1E8, 2020).



Eu comecei na poesia muito tardiamente, na minha opinião. Eu me descobri bissexual aos 18 anos, meus avós rapidamente descobriram isso e eu fui expulsa de casa. Era domingo, eu não estava esperando, não tinha onde morar, não tinha para onde levar as minhas coisas. Eu passei um perrengue fudido, de fome, sem casa, morando em lugares aleatórios. Aí **eu descobri que conseguia fazer poesia com as desgraças que estavam acontecendo na minha vida**, e as pessoas começaram a querer me pagar por isso. E daí eu vi uma possibilidade de poder me sustentar e comprar comida para casa. (...) Eu já fazia teatro na universidade aqui do Acre (...) a poesia e a música me levaram para lugares que sou completamente grata. (Maya Corte, POD1E9.2021).



Foi muito doido perceber que o que eu escrevia fazia sentido para outras mulheres, e que repercurtia profundamente em mim o que as outras mulheres escreviam e compartilhava, para mim o slam das minas é sobre isso, um espaço muito seguro de fala, e um espaço muito potente de escuta, é por meio desta troca, com mulheres que pensam parecido, com mulheres que pensam diferente que a gente cresce, tanto na semelhança, quanto na diferença, a gente encontra possibilidades de construções conjuntas, é um espaço que tem muito respeito. (Dessa Ribas, POD4E5.2020).

A poesia como a língua para atravessar o espanto que se coloca diante de si, como o transbordar de uma paixão, de uma cena de abandono, violência, abuso e tudo aquilo que sufoca.



Eu faço arte porque olhar só pra dentro não me cabe, tenho uma poesia que fala isso. É a arte que me faz ser pertencente à alguma coisa, e no limbo do não pertencimento, a arte me abraça. Assim como acontece comigo, há milhares de pessoas nessa mesma situação. **É através da arte que eu consigo encontrar estas pessoas, para poder estar junto mesmo.** (...) Eu acredito que a solução de muita coisa vem através da nossa coletividade, do poder de estar junto (Ana Moura, POD2.E7.2021).



Eu escrevo para sobreviver (...) como válvula de escapes mesmo, muitas coisas que eu escrevo é só para sobreviver naquele momento mesmo, de **desafogar aquilo que está me sufocando** (...) Enquanto poeta me sinto como uma mudinha, a cada poesia que eu escuto de outras pessoas eu vou crescendo, me regando (...) eu escrevo para desafogar tudo aquilo que a sociedade pensa que eu tenho que aguentar calada (2z, POD2.E7.2021).

Das escutas que transbordam em mulheridades e cuidado, o *podcast Pimenta no Cúir* traz uma denúncia importante: **a expectativa de vida de uma pessoa trans/travesti é de 35 anos!** “Esta expectativa impacta nos nossos sonhos, em planejar uma família”, disse Thales Pedroso, no Seminário pela visibilidade trans: avanços e desafios para a rede equitativa em Saúde²⁰, em janeiro de 2023, enquanto finalizava esta escrita. “Estamos falando de uma população que é constantemente invisível e excluída tanto no cotidiano quanto nos espaços públicos”, disse Gabriela Tizianel, médica de família e coordenadora do ambulatório T em Porto Alegre.

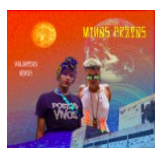
Nesta mesma mesa do evento, também foi falado da necessidade da APS atender pessoas LGBTQIA+, assim como, atendem qualquer outra demanda de saúde do território. A média de tempo de espera de atendimento no ambulatório é de seis anos, o que frequentemente leva a automedicação, “as travestis tem seus protocolos, elas sabem muito e isso também assusta muitos profissionais”, comenta Gabriela.

²⁰ Sobre o evento: <https://siur.ufcspa.edu.br/atividades/index/2960>

Esta estatística também escutei repetida vezes por muitas vozes trans, assim como, sobre a dificuldade de acesso no mundo do trabalho, o que as leva, muitas vezes à prostituição como forma de sobrevivência, não por desejo, mas por ser a única profissão “digna” para si. E com a prostituição à exposição que se encontram, sobretudo as corpos trans e travestis. Corpos que ainda encontram acessos negados e dificultados no mundo da educação, do trabalho, da saúde, dos direitos, dos afetos, da dignidade da vida.



Boa parte da transformação que temos no Brasil e no mundo, sobretudo no campo artístico, tem a ver com a entrada destes corpos: pessoas pretas, racializadas indígenas, desertoras de gênero e sexualidade estão empurrando a criação artística do mundo para frente, em todos os campos, na música, no pensamento, estão reformulando o babado. É um movimento contraditório, porque **as pessoas trans seguem morrendo na rua, com uma expectativa de vida de 35 anos**. Você recita uma poesia no slam e chega em casa e às vezes não tem o que comer, é um quadro extremamente contraditório, mas esses corpos estão entrando e estão mudando a cena. (Abigail Campos Leal, PD2E3.2021).



Nós somos empurradas todo o tempo para a prostituição, o tempo todo dizem, tu não vai ter emprego. (Valentine, POD1E6.2020).

Ainda sobre as estatísticas que contam sobre as pessoas trans e travestis: o Brasil é o país que mais mata pessoas travestis/trans no mundo. Vale lembrar que desde 2019 a transfobia é considerada crime no País, o que não impediu que a brutalidade seguisse. Talvez esse seja o grande desafio para uma formação que almeje o encontro e o cuidado, a sensibilização, pois as lei/regras só se efetivarão quando “ganharem vigência simbólica na consciência das pessoas” (Segato, 2020). Por isso a importância de investir na micropolítica do cuidado, àquela que acontece no encontro, que

é relacional, que opera nas tecnologias leves, como diz Merhy (2000).

A colonização cis-heteropatriarcal também é estética, nos lembra a professora Nascimento (2021), em seu livro transfeminismo, que começa com a pergunta: “e não posso ser eu uma mulher?”, retomando a questão que Sojourner Truth fez em 1851 nos Estados Unidos.

Sojourner, mulher negra, traz à tona o fato de que mulheres negras vivem suas feminilidades de forma diferente das mulheres brancas. E essa diversidade de experiências femininas tomará ênfase com os redimensionamentos em torno da categoria gênero. A interrogação de se nós, mulheres transexuais e travestis, somos ou não mulheres, é um martelar constante, dúvida produzida pelo não enquadramento de nossas experiências dentro do CISTema colonial moderno de gênero (Nascimento, 2021, p.17).

A pergunta enunciada na voz da professora, aciona outras dimensões de “outridades” (Nascimento, 2021, p. 93). As corpos travestis/trans não são invisibilizadas apenas na linguagem, suas corpos ainda são “patologizadas”, consideradas “mostruosidades”, amadas e sexualizadas na clandestinidade. Qual a fronteira entre a estética e o patológico? Quais corpos são dignos de intervenções?

O tensionamento das fronteiras saúde/doença, estético/patológico também aparece na voz dos corpos gordos, que sofrem por terem curvas que transbordam a curva da normalidade, a métrica estabelecida para uma vida em sociedade, como denuncia a poesia de Checha Kadener (2020), representando o *Slam Argentina*, no *Abya Yala Poetry Slam*²¹.

Soy gorda,
eso salta a la vista,
mi cuerpo no pasa desapercibido,
me choco con las cosas,
ago más ruido que la gente común al caminar,
pero no logro sentirme marginada,
a pesar de los patrones culturales,
a pesar del deberías adelgazar por tu salud,

²¹ Checha Kadener. Gorda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V3GjQANCLX0>. Acesso em 10/01/23.

soy gorda eso esta a la vista,
el amor no es para mí un lugar común,
los tipos no me encuentran deseable a primera
vista,
y cuando lo hacen,
casi siempre es la clandestinidad,
pero no logro sentirme fea
a pesar de las cuatro paredes,
a pesar de ser valida,
solo cuando nadie ve,
soy gorda.

As fronteiras da normalidade, da saúde e da doença, dos corpos dignos à vida, ao amor, suas réguas e medidas precisam ser postas em conversa. Precisamos falar disto nas universidades, nas rodas de *slams*, nos almoços de família, nas mesas de bares, no congresso.

Falar, no verbiário feminista, é conjugado ao revés, elas falam, antes do eu falo. É uma voz sempre plural, mesmo quando pronunciada por uma só voz. Há uma profusão de falas perturbadora ao patriarcado e suas tramas. (Diniz, 2022, p. 245).

Fiquei me perguntando como o verbo falar pode expressar a esperança feminista. E, para tentar responder esta pergunta, chamo o verbo calar. É porque fomos caladas de muitas maneiras que agora falamos publicamente, que gritamos nossas dores e buscamos outra ordem social capaz de sanar nossas feridas. (Gerbara, 2022, p. 254).

Não se trata de falar por falar, neste ponto, retomo também, os verbos lembrar (p. 107) e reparar (131) da conversa entre Débora e Ivone (2022). Os trago como verbos necessários para a construção de um futuro que possa falar outras histórias, com outras referências, como Chimamanda Adiche (2019) alerta sobre o perigo da história única.

“O patriarcado apaga as memórias, desaparecem com as mulheres. É o feminismo que resiste à amnésia imposta pela circulação de histórias únicas” (109), diz Débora Diniz, ao começar a contar sobre a trágica história de sua tia-avó que teria se suicidado por ter engravidado ainda mocinha, “a honra das mulheres e meninas era matéria para ser ostentada aos

outros” (110), assim se desenrola a conversa sobre o verbo: lembrar. Débora, também fez referência à Chimamanda: “há um poder perverso na circulação das histórias únicas: elas roubam a dignidade de um povo” (111).

[Do bloco de notas:]

Minha filha, na quinta série, está trabalhando na escola o livro de Chimamanda, o perigo da história única, levou o meu para a escola. Que bom que minha filha está ouvindo outras versões das história que ouvi. Reouço as histórias que ouvi nas versões dela. Redesenho rotas da memória. [primavera de 2022]

Ao ganhar voz, a história da tia-avó de Débora, pode ser recontada em muitas famílias, com outras figurantes, mas o mesmo desfecho. “Ela morta. Ele fugiu” (p. 111). O patriarcado esconde os abusos provocados nos núcleos familiares, nas grandes empresas, que são geridas como grandes famílias (ou vice-versa). Fingir amnésia para manter a boa imagem da família, do patriarca, do patrão, palavra que não é pela poesia que se assemalha na grafia. Ao esconder o abuso, autoriza-se o abuso, torna-se cúmplice.

Histórias de abusos que marcam os corpos das crianças que moram em nós. Marcas silenciadas que sangram em toda a situação de abuso enfrentada. Aqui, mora uma questão importante, desvenciliar o amor do abuso, como um movimento contínuo a ser feito em vida. Precisamos contar outras histórias de amor, cantar outros sambas. Neste sentido, lembrar e registrar a memória compõe este processo. Débora lembra:

os artefatos da história estão imersos no patriarcado e em suas tramas de opressão: é quem escreve, quem investiga, quem sentencia que possui o poder de registro das verdades dos arquivos. Por isso, a história oral, a lembrança e o testemunho são elementos para desafiar os vazios que assombram as histórias únicas. (p.112)

Em uma arena de *slam*, cada história é única, embora não

haja uma história única. Ao escutar os *podcasts*, apesar de não haver a arena, nem a presencialidade da performance, também compartilhei da sensação de espanto ao me encontrar com suas vozes. Poesias que escrevem e inscrevem mundos, mundos que deixaram suas marcas em mim e seguem reverberando.



Capítulo três

Considerações em movimento de finalização

E dizia na parede do banheiro da Faculdade de Educação da UFRGS:

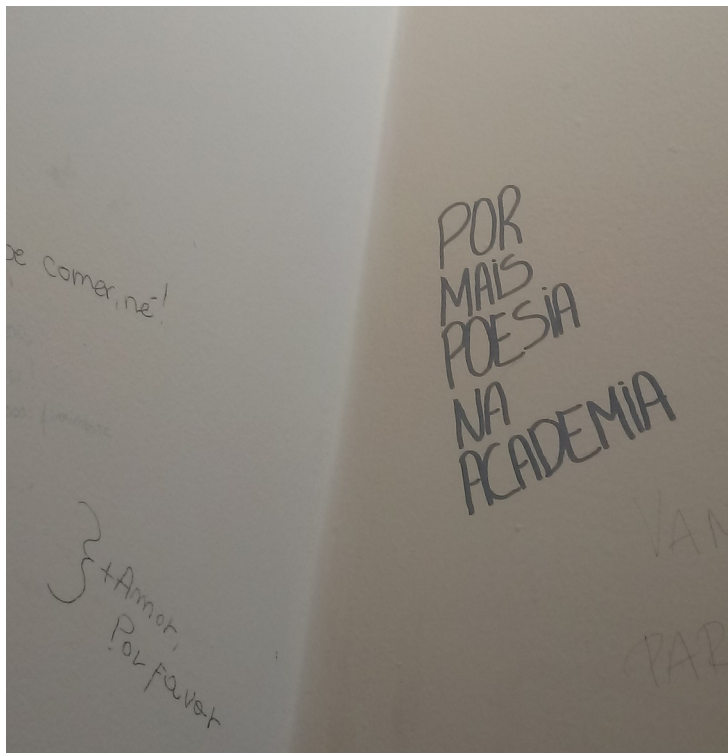


Imagem 53: conversa com parede VI I (arquivo pessoal)

Terminar uma tese é quase tão difícil quanto começar. Inicialmente, parecia um tempo tão longo para a escrita, mas logo, o tempo pareceu demasiado pouco para dizer tudo que há no corpo armazenado desta experiência de pesquisa. Ao mesmo tempo, parece que já disse tudo que tinha para dizer.

Finalizo como quem finaliza um ciclo que segue em movimento, as palavras se organizaram pela poesia, sem preocupação com a rima, mas em exprimir a sensação até sair seu último sumo, como o gotejo final de uma fruta madura.

ciclo que finda em movimento

mergulhei em vozes.
aprendi a ficar submersa,
acreditei nas correntes de retorno,
ainda que não pudesse senti-las,
suportei a pressão,
vísceras que quase estouraram.

fígado, pâncreas, baço, pulmões,
coração, intestinos, bexiga,
estômago, útero, ovários,
pele resistente,
apesar da frágil aparência,
pude senti-las encharcar,
carne esponjosa.

turbilhão de ondas sonoras,
retumbaram no corpo,
provocando espanto.
pousei na sensação,
rastreei os detalhes,
dei um zoom.

assumi a autoria do risco,
eis, uma cartografia,
territórios de sentidos,
que se ampliam, se encolhem,
se expandem, resistem,
como uma tripla espiral,
em ruptura ao binarismo.
polarides diluídas,
rabiscadas pelo efeito-escuta,
do encontro com a poesia.

encontro, é a primeira espiral,
teritório-engrenagem, relacional.
escutar, como movimento de pouso,

fronteiras de verbos,
costurar uma língua,
que erga pontes,
em artesanaria
para outros mundos,
para além da versão hegemônica,
alvejada e fracassada,
cheirando a testosterona mofada.

ao suportar o incômodo da costura,
suspender as certezas,
uma segunda espiral é desenhada:
(trans)formação,
efeito-escuta,
do singelo e grandioso
movimento de pouso:
ser aprendiz,
como um contínuo
convite à abertura.

a terceira e última espiral
é o cuidado
riscada como uma dança,
uma ciranda acolhedora
das demais espirais,
que bailaram juntas,
em ritual de cura.

vida tocada de improviso,
em invenção amorosa.
corazonar uma versão comum,
mas não universal,
nas trilhas da utopia,
em direção ao bem viver.

O slam é uma arena poética que fala sobre a “vida vivida” (Merhy, 2020) e a potência que isso carrega. A poesia e a performance se coabitam, transbordando os restritos círculos de especialistas - da poesia, da educação e da saúde.

No slam, assume-se a autoria da própria vida, fato que escutei como uma das singelas e grandiosas reverberações para uma ação que prevê: encontro, (trans)formação e cuidado. Estimular a autoria da vida, do risco, é estimular a escrita da vida a próprio punho, a autonomia, a responsabilidade, é promover saúde.

Ao me encontrar com o slam, ao tomar a arena como professora e slammers como referências, um tanto de coisa se

desacomodou em diversas esferas de mim. Uma escuta que causou espanto. E o espanto, por vezes, causa silêncio.

A escuta nesta escrita, exigiu passear pela minha ancestralidade, entender a construção da minha versão de mulher até então, tentar escutar o “silêncio do pacto da branquitude”, que marcou Cida Bento (2022) ao longo do texto. Escutar o silêncio como uma forma de rompê-lo. Preencher o silêncio com outras vozes, mais coloridas e diversas. Vozes que incindiram diretamente nos rumos desta pesquisa, que encontrou na curadoria a forma mais honesta e respeitosa de lidar com as vozes ouvidas.

Um grande desafio do percurso de tese, talvez o maior, foi construir uma língua para falar do que escutava, dos efeitos da escuta em mim, pois não fala-se disso. Costurar uma língua que faça pontes, tem a ver com suportar o mal estar da costura da própria carne, tem a ver com romper este silêncio secular, tem a ver com a artesanaria de construir uma língua para falar do silêncio (neste ponto, me embalo na canção de Arnaldo Antunes (1996) chamada “o silêncio”²²).

Ao tomar a arena de slam como promotora da saúde, também me coloquei diante do SUS e de seus princípios e diretrizes, que ainda são lacunas nas grades curriculares universitárias, e, conseqüentemente, se expressam na exclusão e inequidades no acesso à saúde de certos corpos, que esbarram na questão que me fiz no início da escrita: que corpos são ensinados como corpos na universidade? Que corpos são dignos de atendimento? De intervenções? De tratamento?

Que universalidade, integralidade e equidade são estas, que a média de vida da população cis é 80 anos e a da população trans é 35 anos? Que uma corpa trans/travesti precisa esperar seis anos em média para um atendimento, para iniciar um tratamento hormonal, enquanto as mulheres cis recebem prescrição de hormônios banalizadamente (os quais, diga-se de passagem também apresentam efeitos colaterais).

Os determinantes sociais, impactam diretamente na saúde e na qualidade de vida da população. Os determinantes sociais da

²² Arnaldo Antunes. O silêncio. (1996). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t2FA0BDS_4Y. Acesso em: 10/01/23.

saúde, segundo a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), se relacionm às condições em que uma pessoa vive e trabalha, considerando os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a saúde, assim com, os fatores de risco que possam acometer a qualidade de vida (individual e/ou coletiva): moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego.

A saúde pública brasileira também foi construída no rastro do silêncio, junto com a ideia da assepsia branca, o que teve, e tem, um grande impacto social, na construção das políticas públicas de saúde (e educação) ao longo da história da saúde (e da educação) no Brasil - políticas higienistas, classistas, racistas e machistas. Políticas que lotaram manicômios com população negra, mulheres que andavam sozinhas, homossexuais, pessoas que frequentavam bares. Corpos e corpos marcadas pelo estigma de serem quem são, tachadas/es pela loucura e/ou pela criminalidade. Estigmas que se refletem em preconceitos, exclusões e violências até os dias de hoje, afetando diretamente a saúde destas pessoas.

Após a defesa da tese, fazendo os retoques finais para a entrega, tornou-se pública a notícia envolvendo um renomado pensador, professor, branco, europeu, com um discurso presumidamente decolonial, que, contraditóriamente, a tudo que escreve e discursa, está sendo acusado por uma série de envolvimento em situações de abuso. Atitudes como estas, infelizmente, não surpreendem, acontecem quase sempre que há um homem em um lugar de prestígio e poder, sobretudo, em momentos de descontração, onde são, inclusive, normalizadas. Quando nossos corpos e corpos estarão em segurança?

Assumi na escrita, o compromisso de construir pontes para lugares outros que os já conhecidos da hipocrisia do patriarcado e suas falácias coloniais. Por conta deste compromisso ético, decidi retirar o tal professor renomado da versão final desta tese, não por discordar de seus escritos, mas por entender que não há ponte a ser construída com uma

intelectualidade que se sustenta em um comportamento tradicionalmente colonial e patriarcal.

Aproveito, para manifesta-me contra o abuso exercido por homens em lugares de poder e prestígio, que aproveitam, os seus lugares, como se lhes desse o direito de usar nossos corpos como queiram, sem preocupar-se com o consentimento, afinal pagam por isso, são: nossos orientadores, nossos chefes, nossos contratantes de serviço, nossos maridos, nossos pais etc. Nestes momentos, que somos coagidas por essa relação de poder e prestígio, se estabelece uma ameaça capitalista que se coloca na naturalização do abuso, nosso corpo como moeda de troca. Até quando?

Como pontuação de finalização de ciclo, desta conversa entre slam e universidade, destaco, que reverberou em mim, o convite que o slam faz, seja à universidade ou às demais instituições que preveem a educação e o cuidado: recheá-las de vida. Ampliar a porosidade das paredes de concreto. Aumentar a permeabilidade entre fora e dentro. Erguer pontes em direção a um bem viver possível, em conexões amorosas entre as diversidades de vidas, como uma estratégia para que possamos adiar o fim do mundo, como me ensinou Krenak. Que assim seja!



Referências

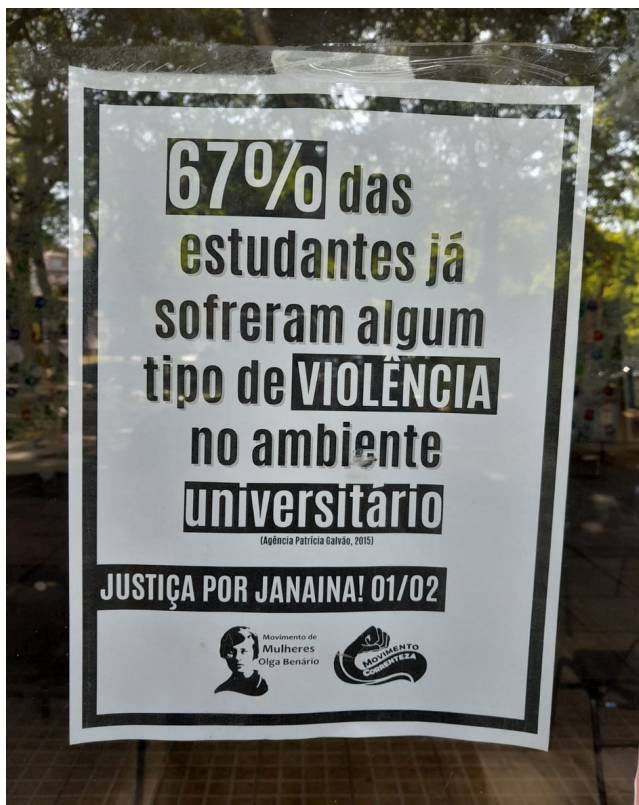


Imagem 56: Conversa com parede IX – FACED/UFRGS (arquivo pessoal)



Imagem 57: Conversa com parede X - FACED/UFRGS (arquivo pessoal)



Referências Livros/artigos

- ACOSTA, Alberto. *O Bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- ALCALDE, Emerson. **Slam da Guilhermina em Tempos de Pandemia**. Fragmento do livro *No corre da poesia. Autobiografia de um slammer*. Revista Terceira Margem, v. 26, n. 49, maio/ago. 2022, p. 301-308. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/52920/29547>. Acesso em: 11/11/22.
- ANZALDUA, Glória. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Estudos Feministas. Ano 8. 1º semestre. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 08/12/22.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- ALVES, Rubem. **Escutatória**. O amor que acende a lua. Campinas SP: Papyrus, 1999. p.65-71.
- ARENDT, Hanna. **O que é política?**. 12ª ed. Rio de Janeiro, 2017.
- ARRUDA, Rogério Pereira; SODRÉ, Elaine Leonara de Vargas; CARDOSO FILHO, Advaldo da Assunção. **O Projeto de Extensão “Vozes da História” se reinventa com o Podcast “Vozes na Pandemia”**. Expressa Extensão. ISSN 2358-8195, v. 26, n. 1, p. 559-573, jan-abr, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/19641>. Acesso em: 01/04/22.
- BASTOS, M.; VILLAS BÔAS, R.L. **Pode a rua ser escola? Slam como espaço não formal de ensino aprendizagem**. Revista Terceira Margem, v. 26, n. 49, mai./ago. 2022, p. 97-114. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/issue/viewIssue/2347/1467>. Acesso 13/01/23.
- BARTHES, R. **A escuta**. In: BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 217-228.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray, BENTO, Maria Aparecida (orgs.). *Psicologia Social do Racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acesso em: 15/12/22.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- BRASIL. **Lei 8080/1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. (1990). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 10/01/23.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: companhia das letras. 1990.
- CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

- COMIKK MG. In: CAVALCANTE Gabriele. **Abya Yala Poetry Slam: A copa Slam das Américas entrevista com Comikk Mg (México)**. Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção. Revista Terceira Margem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/52605/29546>. Acesso em: 02/01/23.
- CUNHA, Rocelly; DIMENSTEIN, Magda; DANTAS, Candida. **Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq**. Saúde em Debate [online]. 2021, v. 45, n. spe1 [Acessado:9 Janeiro 2023], pp. 83-97. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-11042021E107>>. Epub 22.Nov.2021. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E107>. Acesso em:21/12/22.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 1. São Paulo: ED. 34, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DINIZ, Débora; GERBARA, Ivone. Esperança Feminista. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.
- ESTRELA D'ALVA, Roberta. Slam, voz de levante. Rebento, São Paulo, n. 10, p. 268-286, junho 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/360/251>. Acesso em: 01/01/23.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a caça às bruxas**. São Paulo, Boitempo, 2019.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefantes, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **Reencantar el mundo: el feminismo y la política de los comunes**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2020.
- FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. **Metade das mulheres passou a cuidar de alguém na pandemia, revela pesquisa**. Publica do em: 05/08/2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/metade-das-mulheres-passou-cuidar-de-alguem-na-pandemia-revela-pesquisa>. Acesso em: 13/12/22.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. 41 ed. Petrópolis, Vozes; 2013.
- FREITAS, Daniela Silva de; PEREGRINO, Miriane; PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Apresentação. Dossiê Poetry Slam: produção, circulação e recepção. Revista Terceira Margem da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/53847/29542>. Acesso em: 12/12/22.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: **breve história de uma nova tecnologia educacional**. Educação em Revista, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-70, jul.-dez., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55>. Acesso em: 30/03/22.
- GENRO, Maria Elly; TOMAZZONI, Camila, GUSMÃO, Renata Castro. Reinventando a universidade democrática na perspectiva do bem viver: as vozes das mulheres em movimento. **Geografia: Ambiente, Educação e Sociedades** – GeoAmbES, jul./dez.. vol. 2, n. 1, p. 99-117. 2019. disponível: <https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/article/view/3746/2995>. Acesso em: 13/12/22.
- GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 4ª Ed., 1996.
- GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos, Rio de Janeiro. v.15, suplemento, p.117-132, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15s0/06.pdf>. Acesso em: 21/12/22.
- GUSMÃO, Renata. Impacto [verbete-poético]. In: Ricardo Burg Ceccim [et al.] Organizadores. **EnSiQlopédia das Residências em Saúde**. p. 143. Disponível em: <http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/serie-vivencias-em-educacao-na-saude/ensiqlopedia-das-residencias-em-saude-pdf>. Acesso em: 31/12/22.
- HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados**. 1995. Disponível em: https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1524482904_ARQUIVO_DonnaHarawaysaberessituados.pdf. Acesso em: 13/12/22.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2017** [recurso eletrônico]. - Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2017.pdf acesso em: 20/09/20.
- KASTRUP, Virgínia. **O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (orgs)**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 32-50.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - Episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248p.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Atênica Editora, 2016.
- LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.
- LEAL, abigail campos. **ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero**. São Paulo: GLAC edições, 2021.
- LIMA, Raquel (2019). Slam Poetry (Manifesto). *Dicionário Alice*. Disponível em: https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24317. Acesso em: 13/01/23.
- LIMA, V. V.. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. Interface (Botucatu), 2017 21(61), abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/736VYw4p3MvtCHNvbnvHrL/?lang=pt#>. Acesso em 13/01/23.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. São Paulo. 1973
- MARTIN, Nastassja, 1986. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, coleção fábula, 2022.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

- MERHY, Emerson et al. **Redes Vivas: multiplicidades girando as existências, sinais da rua. Implicações para a produção do cuidado e a produção do conhecimento em saúde.** Divulgação em Saúde para Debate. V.52, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305808534_Redes_Vivas_multiplicidades_girando_as_existencias_sinais_da_rua_Implicacoes_para_a_producao_do_cuidado_e_a_producao_do_conhecimento_em_saude. Acesso em: 01/01/23.
- MERHY, Emerson. **Um ensaio sobre o médico e suas valises tecnológicas: contribuições para compreender as reestruturações produtivas do setor saúde.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 4, n. Interface (Botucatu), 2000 4(6), fev. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/hWjdyMG9J4YhwPLLXdyY3kfd/?lang=pt#>. Acesso em: 21/11/22.
- MICHAELIS, Dicionário. **Encontro.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ENCONTRO/>. Acesso em: 13/12/22.
- NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo.** São Paulo: Jandaira, 2021.
- NEVES, Cynthia Agra de Brito. SLAMS - Letramentos Literários de Reexistência ao/no Mundo Contemporâneo. **Linha D'Água** (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>
- PAGOT, Natália. A PRÁTICA TAMBÉM É PESQUISA:ensaio sobre escrevivência e interseccionalidade. HORIZONTES COLETIVOS: experiência urbana e construção do comum. 2022. Disponível em: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/37522-horizontes-coletivosbr-experiencia-urbana-e-construcao-do-comum>. Acesso: 02/01/23.
- PASSOS, Rachel Gouveia. "Holocausto ou Navio Negreiro?": inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. Argum., Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-22, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/21483/15672>. Acesso em: 25/12/22.
- PASSOS, Eduardo; BARRROS, Regina Benevides de. **Por uma Política da Narratividade.** In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (orgs). Porto Alegre: Sulina, 2015. p.150-171.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da. Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (orgs). Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PINHEIRO, Carina Lilian Fernandes; SOARES, Maria de Lourdes. A lei de cotas por um fio: o retrocesso social atual. **EM PAUTA**, Rio de Janeiro _ 1o Semestre de 2020 - n. 45, v. 18, p.196-210. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/47228/31988> Acesso em 03/09/22.
- PUCHEU, Albeto. **Espantografias: entre poesia, filosofia e política.** Brasília: C14 / Casa de Edição, 2021.
- PUCHEU, Alberto. **É chegado o tempo de voltar à superfície.** Cult Editora; 1º edição, 2022.
- PUCHEU, Alberto, 1966- **A fronteira desguarnecida: (poesia reunida 1993-2007)** - Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007. Disponível em: http://www.albertopucheu.com.br/pdf/livros/fronteira_poesias.pdf. Acesso em: 21/11/22.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019.

- ROCHA, Daniel Leonel. **Ocupação das escolas em 2015 e 2016**: uma breve análise da forma e do conteúdo da ação dos estudantes. Rev. Sociologias Plurais, v. 6, n. 1, p. 61-86, jan. 2020 p.62. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/scplpr/article/download/71450/40287>. Acesso em: 10/12/22.
- ROMÃO, Luiza. **Sangria**. Doburro, 2017.
- ROMÃO, Luiza. 2019. **Dez anos de slam no Brasil**: uma conversa com Luiza Romão sobre literatura e feminismo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/11/dez-anos-de-slam-no-brasil-uma-conversa-com-luiza-romao-sobre-literatura-e-feminismo/>
- ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
- SIQUEIRA, Paula. (tradução). "Ser afetado" de Jaenne Favret-Saada. **Cadernos de campo**. n.13: 155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 12/01/23.
- SEGATO, Rita. **Cotas?**
- SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. 2ª ed. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.
- SENEWEEN, Rowena. **Símbolos Celtas**: 1ª parte. Publicado em: 06/01/2009. Disponível em: <https://www.somostodosum.com.br/clube/artigos/corpo-e-mente/o-triskle-celta-31744.html>. Acesso em: 10/11/22.
- SILVA, Ana Lúcia S. da ; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. Escrever como um ato de resistência: uma escrita rizoma. **Revista Psicologia Política**. Vol. 19. no. 45. São Paulo, maio/ago. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000200014
- SMITH, Marc Kelly; KRAYNAK, Joe. **Take the mic: the art of performance poetry, slam and the sopoken word**. Sourcebooks mediaFusion, 2009.
- SOUZA, Fabiana Oliveira; PRZYBYLSKI, Mauren Pavão. **Dos Espaços Físicos ao Cyberespaço: o poetry slam em contexto pandêmico**. Revista Terceira Margem, v. 26, n. 49 (2022). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50557/29429>. Acesso em: 02/01/23.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência: poesia, música, dança: hip-hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- ZAMBRANO, María. **Hacia un saber sobre el alma**. Alianza editorial. Madrid. 2008.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- WIKIPÉDIA. **Curador (artes)**. (2022). Disponível em : [https://pt.wikipedia.org/wiki/Curador_\(artes\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Curador_(artes)). Acesso em: 10/01/23.

Teses e dissertações

- GUSMÃO, Renata Castro. **Abrindo gavetas, tramando redes: dos impactos na educação pelo trabalho na saúde**. (2015). Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/129585/000977081.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25/12/22.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **Vocigrafias**. (2019). Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/23073/2/Roberta%20Marques%20do%20Nascimento.pdf>. Acesso em: 23/11/22.

SILVA, Ana Lucia Santos da. **Novos coletivos de resistência em produção: o que pode um corpo político-poético?**. 2020. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6143/tde-17092020-120058/pt-br.php>. Acesso em: 10/01/23.

Vídeos

AIRAS, Patricio. Corazonar. 23 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yOLH1-lCEpw&t=282s>. Acesso em: 20/12/22.

KADENER, Checha. **gorda. Slam argentina. 27/12/2020. disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=V3GjQANCLX0>

DINIZ, Débora; GERBARA, Ivone. **Esperança Feminista em 12 verbos: ouvir.** (outubro/2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gyiTn643qM>. Acesso em: 13/01/23.

DUARTE, Mel; RIBEIRO, Luz; ARAÚJO, Pam. Poesia Manifesto Slam das Minas/SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pEGa9YIE7c>. (2017). Acesso em: 17/11/22.

LIMA, Raquel. **Monstro das três cabeças**. 24 de abr. De 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5bJOHcPBq0Q>. Acesso em: 29/12/22

LIOLI, Amanda; MOREIRA, Catherine. Na Língua. (2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-aLRrLauNCQ>. Acesso em: 20/12/22.

MERHY, Emerson. Série Observatório com vida 2020 - um bate-papo com Emerson Merhy. Episódio 5. (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQJ2JK5nueU&t=621s>. Acesso em: 21/11/22.

PORSHA. Capitalismo. (2015) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhHU3Lus45M>. Acesso em: 21/11/22.

PUCHEU, Aleberto. É preciso aprender a ficar submerso (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tf1nF1Jb90I>.

SEGATO, Rita Laura. **Sesión inaugural del curso Políticas Universitarias para la Igualdad de Género**. TVUNAN. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-8fiE_3q7mw. Acesso em: 20/12/22.

SLAM RESISTÊNCIA. **Uma Ágora do Agora** [documentário]. 11 de mai. De 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9xvCLSj-Ico>. Acesso em: 10/01/23.

Podcasts

ABGAIL CAMPOS LEAL; LUIZA LOROZA. **Pimenta no Cúir**. FLUP. (2021). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/63iisSXpvD3rQfUp3zyk0x?si=bd5411c16dab4a03>. Acesso em: 21/11/22.

ANNA MOURA; ZZ. **Pimenta no Cúir**. FLUP. (2021) Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4bwn4nyKt1tficbNN1FD40?si=c0481336dba448ea>.

Acesso em: 24/12/22.

- AURITHA; MAYA CORTE. **Pimenta no Cúir.** FLUP (2021). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6f3Q4sAWP6mLwM9JgH8rTt?si=7c71a66f65994522>. Acesso em: 11/01/23.
- AGNES; VALENTINE. **Minas Preta.** Preta Lab. (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6ZwerjPGeJiIyDhZ4tJBMG?si=Xbgcg00pQr6YUCi0Z2qq9A>. Acesso em: 21/11/22.
- BIXARTE; JULIAN. **Pimenta no Cúir.** (2021). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6AjYe5NVB5jnirnr9ZJ06CJ?si=QQ-0GLniQnyi7XuLfXrcEQ>. Acesso em: 11/12/22.
- JAZZ; KIKA. **Minas Preta.** Preta Lab. (2020). Disponível em: https://open.spotify.com/episode/4L7jUw4STl20prMdrNtlbk?si=SJyg00jds_90g8VQeB1mg. Acesso em: 11/12/22.
- JULIANE LUISE. **Slam Rotina.** (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4HzFsBmwpbnwbehjGUrBca?si=9a9aBMsXRgC28p5tNGPYiw>. Acesso em: 13/01/23.
- KIMANI; MIDRIA. **Minas Pretas.** Preta Lab. (2020) Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4j3FFGlnwJJ3KnFVvuW2Bt?si=60a09ead59b14ff5>. Acesso em: 23/12/22.
- MARCIO RUFINO; MARCIO JANUÁRIO. **Pimenta no Cúir.** FLUP. (2021) Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/43HK9zLRwQHAaliC8oMQJ0?si=452736534b8f417f>. Acesso em: 27/12/22.
- MARIA DUDA; LUNA VITROLIRA. **Minas Pretas.** Preta Lab. (2020) Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1dLRKNW4vi43rvfWrJ7IwS?si=4a2e7d41ee794eda>. Acesso em: 21/12/22.
- MIDRIA. **Preta Galáctica.** (2021). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1VYaBxCS0fhSBLYA4GC0TW?si=iiOGbTbcQiGBAnqWysmkRQ>. Acesso: 21/11/22.
- NATÁLIA PAGOT; PATRICIA MEIRA. **Minas Pretas.** Preta Lab. (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/72Z1ZrvMGXPSP4Bj1fTOG?si=f00c45f240914096>. Acesso: 12/01/23.
- NEGA PRETO; BICHA POÉTICA. **Pimenta no Cúir.** FLUP. (2021). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2oHBTj71pMfZNSAJ5TmG9o?si=f180e2b4e6de4c3e>. Acesso em: 10/01/23.
- NIVEA SABINO; PATRICIA NAYA. **Pimenta no Cúir.** FLUP. (2021). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3yzJehWw2LI6ZSmUmgybRT?si=ea1081dbf10a4993>. Acesso em 21/12/22.
- RAFA RASTA; NEGABI. **Minas Pretas.** Preta Lab. (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7ouNpnajwvOrb42xGytX3w?si=zF02Bkt0QH-ln0dbdSKHOA>. Acesso em: 13/01/23.
- ROBERTA ESTRELA D'ALVA. **Minas Pretas.** Preta Lab. (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/02Ti7m8o6cLbNZiPdYquz8?si=a248c422eade4086>. Acesso em: 22/11/22.
- ROBERTA ESTRELA D'ALVA; TOM GRITO. **Pimenta no Cúir.** Preta Lab. (2021). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6nxnWx3XHvtMLKeo2bWc5n?si=4jzTxxGqQSSArYEcn1zd9Q>. Acesso em: 12/12/22.
- ROOL; NATI DE POESIA. **Minas Pretas.** Preta Lab. (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6cpyciqSgL8pmvQvBrWtUS?>

[si=Ft6xMp5hRLSYMM_82L_YwQ](#). Acesso em: 03/02/23.

TAWANE THEODORO; BRIELA G. **Minas Pretas**. Preta Lab. (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2yhVjiBDtRA21WURisYQD8?si=GFp14oaBS6iaNRjImu7YDQ>. Acesso em: 03/01/23.

Músicas

EKENA. **Todxs Putxs**. (2017). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVK1t1hIIUE&list=PLEz2ycTfm1-P3qVSN3x3BwBsEY0z4gMoy&app=desktop>. Acesso em: 10/10/22.

BEL_MELUDA. **Os ouvidos têm paredes**. (2021). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FkxrI9w_oCo. Acesso em; 11/12/22.

Imagens

BARROS, Leonora. Poema (1979). Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/poema-poem-lenora-de-barros/CAEQ-OOX_S0XCQ

BARROS, Leonora. Língua Vertebral (1998). Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/leonora-de-barros/>

BARROS, Leonora. Língua. (1990 - 2022). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/10/mostra-de-lenora-de-barros-na-pinacoteca-escancara-a-palavra-a-imagem-e-o-som.shtml>

LEONILSON, José. O grande rio (1990). Disponível em: <https://www.obrasilcoms.com.br/wp-content/uploads/2014/01/DSC04739.jpg>

TROCHE, Gervasio. Bagagem. São Paulo. Lote 42, 2016.

Apêndice 1



Imagem 54: Conversa com parede VI (arquivo pessoal)

Poema feito em diálogo com a poesia o Monstro das três cabeças de Raquel Lima e a Leitura de Rita Segato, sobre o mandato de masculinidade.

produto frágil

Contém: masculinidade.
Cuidado, produto frágil,
adverte a embalagem!
Características do produto:
menino-branco-hétero.
necessita de cifras para funcionar,
não musicais,
mas aquelas que cabem no bolso,
que comprem tudo que tem um preço,
causando confusão para conquistar o que não se compra.
Tadinhos, são só meninos!
E a masculinidade é frágil.
Passam seu tempo de vida útil
distraindo com seu brinquedinho,
o monstro de três cabeças,
todas masculinas,
cada qual com seu nome:
o capitalismo, o colonialismo, o patriarcado.
Os meninos precisam ser valentes, heróis,
SEMPRE,
para manter seu brinquedinho funcionando.
Os meninos não aceitam o não.
Palavra ameaçadora!
Cuidado, quando ameaçados
podem ficar violentos,
agredir, insultar,
e até matar,
seja a filha, a esposa, a mãe,
o negro suspeito na esquina.
Atenção!
Matar, violar, calar, queimar,
abusar, oprimir, interromper,
desqualificar,
são alguns dos super-poderes

que invadem o universo dessa brincadeira,
que atenção, não deve ser muito lúdica,
nem muito delicada,
pois pode causar danos a integridade original do produto.

Os meninos,
tem dificuldade em serem contrariados,
são competitivos,
e vivem preso no próprio corpo.
Trancando o choro para não enferrujar.
Devem seguir à risca o padrão,
para evitar o risco.
É melhor que não experimentem novas sensações,
para evitar que gostem.
Tadinhos, são só meninos.
E a masculinidade é frágil!
Tendem facilmente a frustração,
a culpabilização,
e a não percepção de privilégios.
Lembre, não espere muito deles,
eles até têm força,
mas são muito frágeis.
Tadinhos, são só meninos!
Demoram a amadurecer,
até hoje não temos notícias de um.
Meninos mimados, birrentos,
não aprenderam ainda a se controlar,
quando contrariados, inseguros,
quando estão nervosos, com muita atividade,
ou quando querem chamar atenção.
Você já deve ter notado,
tadinhos, não lidam bem
quando não são o centro das atenções.
Seja complacente, passam muito tempo
frustrados com o tamanho do seu pau,
que esquecem de explorar o resto do corpo,
o seu, e de outras/es/os.
Tadinhos, são só meninos!
Não aprenderam ainda o limite do corpo,
às vezes se passam, violam estupram,
seja compreensível.
Ficam zangados quando percebem
que seu brinquedinho não agrada todo mundo,
e que há muitos, inclusive,
lhes causam asco.
A masculinidade,
esse produto criado, explorado, vendido,
e anunciado na televisão,
como um produto duro e durável,
é um produto frágil,
pouco sustentável,
não reciclável,
e altamente poluente, destrutivo.
Fora de moda eu diria,
não serve nem pra adubo.
Dizem que existe por aí,
experimentos de uma nova masculinidade,
nutrida de diversidade,
e que, possivelmente,
todo homem seja portador dessa semente,
há que encontrá-la em si.

Apêndice 2

Fronteira tênue

abro os olhos,
um sobressalto na escuridão,
para certificar-me se há vida.

tenho um senso particular de direção,
me apego aos pequenos detalhes
que me pegam o corpo,
como aqueles pega-pegas
que encontramos no mato, sabe?

sinto fascínio pelo mapas,
mas eles não pegam meu corpo,
de modo que costumo me confundir nas fronteiras,
não sei bem se estou no lado de cá, ou de lá.

As fronteiras, são linhas fortes nos mapas,
no entanto, ao estar de frente com uma,
cruza-se como quem atravessa uma rua.
embaralhadas em paralelepípedos
ou diluídas no mar.
as fronteiras se desfazem no detalhe.

Quando abri os olhos,
naquele sobressalto,
acordei com as fronteiras embaralhadas.

Viva? Morta?
Sinto um tum-tum no lado esquerdo do peito.
Será o coração uma espécie de relógio da vida?
Um medidor de tempo.
Tempo preenchido com que?
Com sangue?
Sangue de quem?
vejo muito sangue,
sangue que não para de jorrar,
sangue vivo, sangue morto,
escorrem, embaralhados em vala comum.

Respirei, abri os olhos,
check list positivo
do que se convencionou "vida".
Mais um dia, ou menos um,
fronteiras que também se embaralham no detalhe.

Os pega-pegas são assim,
quando pensamos que tiramos todos,
encontramos um resistente,

que teima em permanecer grudado.

Respiro, sinto: chove,
barulho da chuva,
detalhe de vida que pega-pega em mim,
sinto, (h)á vida!
no abraço de olhares lacrimejados.
ai, o olhar, detalhe precioso nos tempos das mascaras,
trocar olhares, como quem troca afetos.
Difícil imaginar a vida sem sorrisos, lábios, boca.
Voz, pela voz, palavra molhada de língua,
que a vida percorre o corpo sem fronteiras,
embaralhando-se em outros corpos,
lapso de prazer, tremulando no timbre.
o prazer é o detalhe onde a vida se pega.

Anexo 1

Slam manifesto ou Manifesto do Slam

O Slam não é uma empresa, controlada pelo lucro, fama e prestígio.
O Slam é da rua, das pessoas, e deixa no seu território o seu vestígio.
O Slam é livre e espontâneo! Não é comercial, de forma metafórica ou literal.
O Slam vem do peito e das pernas, vem dos braços e dos abraços.
O Slam vem de dentro para fora, e vem de fora dos cansaços.
O Slam não é fraude, nem é plágio, nem é uma patente.
O Slam é da gente, do bairro e nasce da poesia omnipresente.
O Slam não é um franchising de investimentos em cadeia.
O Slam é o grupo de aranhas na construção duma mesma teia.
O Slam não é uma corporação, um comité nem uma comissão.
O Slam não é um departamento poético nem a sua subversão.
O Slam vem do corpo irrequieto e da alma desassossegada.
O Slam voa alto sobre a performance e a palavra vomitada.
E no Slam não há júri especializado ou da crítica erudita.
O Slam é a palavra viva que às vezes é escrita, mas é sempre dita!
O Slam é descomplicado, reinventado, transformado e mal falado.
O Slam é filho do pai e da mãe, mas ser órfão é o seu fado.
O Slam não tem amigos fiéis, mas em cada esquina há um “slamigo”.
Não tem mentores, instrutores nem pastores que o evangelizem.
O Slam é feito de palavras de sonhos, mesmo dos que não se concretizem.
O Slam é genuíno e transparente, é vivo e cresce a cada dia.
Quem o plantar deve regar, e deixar germinar com boa energia.
O Slam é menos negócio, menos estratégia, menos compra e venda.
Menos ego, menos poder, menos heróis e menos lenda.
O Slam é de cada um, pessoal e intransmissível, mas também é comunidade.
O Slam é feito dessa ponte entre cada país e cada cidade.
O Slam precisa ser emancipado, valorizado e respeitado.
Mas logo a seguir libertado, ignorado e deixado de lado.
O Slam é o filho bastardo da poesia, e há que estar alertado.
Seguramente nem todos o sabem, porque o Slam vai ser sempre um fedelho.
Mas deixa o teu Slam no Manifesto, porque o Slam-Seguro morreu de velho.
Raquel Lima (03/01/2014)²³

²³Raquel Lima. Slam manifesto ou Manifesto do Slam. Disponível em: https://alice.ces.uc.pt/dictionary/?id=23838&pag=23918&id_lingua=1&entry=24317



Imagem 56: Conversa com parede IX (arquivo pessoal)